



**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - IFG
CAMPUS ANÁPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

MARCOS ANTÔNIO ANDRADE DA COSTA

**A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA: UMA PROPOSTA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL**

**ANÁPOLIS
2022**

MARCOS ANTÔNIO ANDRADE DA COSTA

**A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA: UMA PROPOSTA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Anápolis, sob a orientação do Prof. Dr. Timóteo Madaleno Vieira.

Área de concentração: Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

ANÁPOLIS
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

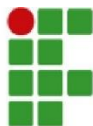
C837e COSTA, Marcos Antônio Andrade da
A educação financeira na formação profissional e tecnológica: uma proposta cognitivo-comportamental / Marcos Antônio Andrade da Costa -- Anápolis: IFG, 2022.
159 p. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Timóteo Madaleno Vieira.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás; Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

1. Educação financeira. 2. Educação profissional e tecnológica. 3. Alfabetização financeira. 4. Comportamento financeiro. I. VIEIRA, Timóteo Madaleno orient.. II. Título.

CDD 370.7



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL (Modalidade da Sessão: Web Conferência)

No dia 26 (vinte e seis) do mês de janeiro do ano de 2022, às 9 horas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) - Câmpus Anápolis, por meio de webconferência, deu-se a Defesa da Dissertação de Mestrado "A educação financeira na formação profissional e tecnológica: uma proposta cognitivo-comportamental" e respectivo Produto Educacional com seguinte tema: "A educação financeira na formação profissional e tecnológica" de autoria de **Marcos Antônio Andrade da Costa**, orientado pelo **professor Dr. Timóteo Madaleno Vieira**, como requisitos para conclusão do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica.

A Banca Examinadora foi composta pelo professor: **Dr. Timóteo Madaleno Vieira-IFG/ProfEPT** (Presidente da Banca), e pelas professoras **Dra. Cláudia Regina Rosal Carvalho-UFG** (Avaliadora Externa) e **D r a . Gizele Geralda Parreira-IFG/ProfEPT** (Avaliadora Interna)

Em conformidade com o Regulamento do ProfEPT e o Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu do Instituto Federal de Goiás (IFG), a Banca Examinadora manifesta-se pela **APROVAÇÃO** da Dissertação e do Produto Educacional de **Marcos Antônio Andrade da Costa**.

Anápolis -GO, 26 de janeiro de 2022.

Documento assinado eletronicamente por:

1. Dr. Timóteo Madaleno Vieira-IFG/ProfEPT (Presidente da Banca)
2. Dra. Gizele Geralda Parreira-IFG/ProfEPT
3. O presidente da Banca assina a Ata pela: Dra. Cláudia Regina Rosal Carvalho -UFG.*
4. O presidente da Banca assina a Ata por Marcos Antônio Andrade da Costa –Discente do ProfEPT

* No contexto das restrições e medidas sanitárias de isolamento social impostas pela Pandemia do Covid-19, o presidente da Banca foi autorizado a fazer a transcrição da avaliação e assinar Ata de Defesa da Dissertação em nome da profa. **Dra. Cláudia Regina Rosal Carvalho-UFG** e de **Marcos Antônio da Costa-discente do ProfEPT**.

Documento assinado eletronicamente por:

- Gizele Geralda Parreira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 26/01/2022 11:28:02.
- Timoteo Madaleno Vieira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 26/01/2022 10:43:13.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 12/01/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 235644

Código de Autenticação: b9bd142fd7



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input checked="" type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: | _____ |

Nome Completo do Autor: Marcos Antônio Andrade da Costa

Matrícula: 20192060150197

Título do Trabalho: A educação financeira na formação profissional e tecnológica: uma proposta cognitivo-comportamental.

Autorização - Marque uma das opções

1. Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ___/___/___ (Embargo);
3. Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

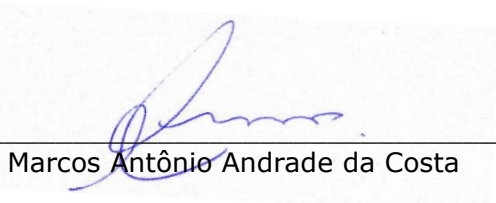
- O documento está sujeito a registro de patente.
 O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
 Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Anápolis, 26/01/2022.



Marcos Antônio Andrade da Costa

Dedico este trabalho a Deus pelo dom da vida; aos meus pais, que além do amor e dos cuidados, batalharam duramente para que eu pudesse desfrutar da educação; às minhas irmãs, aos meus cunhados e aos meus sobrinhos pela alegria do convívio e à minha esposa por dividir a vida comigo.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa que, desde a preparação para o ingresso no mestrado, me acompanhou na realização desse sonho.

Ao Instituto Federal de Goiás (IFG) por ofertar com excelência o programa de mestrado em educação profissional e tecnológica (profEPT).

Aos servidores do Instituto Federal de Brasília (IFB) pela parceria durante o desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores do programa de educação profissional e tecnológica do Campus Anápolis pela partilha do conhecimento.

Ao professor Wanderley Azevedo de Brito pela admirável dedicação enquanto coordenador do curso.

Ao professor Timóteo Madaleno Vieira pela magnífica orientação realizada durante a escrita desse trabalho.

Às professoras Gizele Geralda Parreira e Cláudia Regina Rosal Carvalho pelos apontamentos e orientações durante a banca de qualificação e defesa.

Aos colegas de turma pela convivência maravilhosa durante o processo de formação.

“Investir em conhecimento rende sempre os melhores juros.”
(Benjamin Franklin)

RESUMO

No Brasil, os estudos sobre finanças pessoais tornaram-se mais oportunos somente após as medidas econômicas efetivas de controle da inflação. Com a implantação do Plano Real, em 1994, a confiança dos agentes econômicos foi restabelecida, tornando possível aos indivíduos realizarem planejamento e organização de suas finanças de forma mais efetiva. Contudo, além dos conhecimentos concernentes às finanças pessoais não serem ensinados para a maior parte da população, pouca atenção é direcionada aos aspectos comportamentais envolvidos na gestão financeira pessoal. Como consequência, pesquisas apontam que o endividamento e a inadimplência atingem grande parte das famílias brasileiras. Desse modo, torna-se relevante compreender o nível de alfabetização financeira dos estudantes dos cursos técnicos subsequentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), campus São Sebastião. Para tanto, a presente pesquisa de natureza aplicada e descritiva com abordagem de cunho quantitativo e qualitativo utilizou os procedimentos de revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo com aplicação de questionário com estudantes matriculados nos cursos técnicos subsequentes. A pesquisa obteve 83 respostas válidas e a análise dos dados demonstraram que as mulheres, os mais jovens e os participantes sem renda possuem os piores níveis de alfabetização financeira. Além disso, apenas 10,84% dos participantes foram classificados com alto nível de alfabetização financeira. Diante de tais resultados, como produto educacional foi construído um *site* sobre educação financeira. O resultado do estudo mostra a relevância da sistematização e inserção deste conhecimento dentro do contexto escolar para que os estudantes da educação profissional possam acompanhar a dinâmica da sociedade.

Palavras-chave: Educação financeira. Educação profissional e tecnológica. Alfabetização financeira. Comportamento financeiro.

ABSTRACT

In Brazil, studies on personal finances became more pertinent only after the effective economic measures to control inflation. The implementation of the Plano Real in 1994 restored the confidence of economic agents, making it possible for individuals to plan and organize their finances more effectively. However, besides the fact that personal finance principles are not taught to most of the population, little attention is given to the behavioral aspects involved in personal financial management. Consequently, research shows that indebtedness and default affect many Brazilian families. Thus, it is relevant to understand the relationship between knowledge, attitude, beliefs, and financial behavior of students of the subsequent technical courses of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Brasilia (IFB), São Sebastião campus. To this end, this research of applied and descriptive nature with a quantitative and qualitative approach used the procedures of literature review and field research with the application of a questionnaire with students enrolled in the subsequent technical courses. The research obtained 83 valid answers, and the data analysis showed that women, younger people, and participants with no income have the worst levels of financial literacy. In addition, only 10.84% of the participants were classified with a high level of financial literacy. Given such results, a website on financial education was built as an educational product. The result of the study shows the relevance of the systematization and insertion of this knowledge in the school context so that students of professional education can keep up with the dynamics of society.

Keywords: Financial education. Professional and technological education. Financial literacy. Financial behavior.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ordem de reclamações no Consumidor.gov.br do ano de 2019.	19
Quadro 2 – Razão de concentração dos Cinco Maiores Bancos no Brasil.	26
Quadro 3 – Maiores taxas médias de spread bancário no mundo.	27
Quadro 4 – Estrutura da avaliação do grau de alfabetização financeira.	53
Quadro 5 – Estrutura da avaliação entre crenças e comportamento financeiro.	54
Quadro 6 – Quantidade de alunos matriculados.	56
Quadro 7 – Pontuação para aferição do grau de alfabetização financeira.	60
Quadro 8 – Critério de classificação do nível de alfabetização financeira.	60
Quadro 9 – Perfil do participante com piores e melhores resultados.	77
Quadro 10 - Percentual de acerto por questão do instrumento de pesquisa.	89

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Teoria cognitiva-comportamental.....	37
Figura 2 – Tela do sistema após preenchimento da pesquisa.	58
Figura 3 – Boxplot da distribuição das pontuações obtidas entre os participantes. ..	73
Figura 4 – Análise de cluster pergunta 1.7.....	78
Figura 5 – Percepção dos egressos sobre gestão financeira.....	79
Figura 6 – Análise de cluster pergunta 1.9.....	80
Figura 7 –Fatores influenciadores no comportamento financeiro.....	81
Figura 8 – Análise de cluster pergunta 3.11.....	82
Figura 9 – Fatores que levam a problemas financeiros.....	83
Figura 10 – Análise de cluster pergunta 4.15.....	84
Figura 11 – Possibilidade de melhora no comportamento financeiro.....	85
Figura 12 – Análise de cluster pergunta 5.1.....	85
Figura 13 – Reações emocionais após o consumo.....	86
Figura 14 – Layout da página inicial produto educacional.....	88
Figura 15 – Notícia 1 do site.....	90
Figura 16 - Notícia 2 do site.	90
Figura 17 - Notícia 3 do site.	90
Figura 18 - Notícia 4 do site.	91
Figura 19 - Notícia 5 do site.	92
Figura 20 - Notícia 6 do site.	92
Figura 21 - Notícia 7 do site.	93
Figura 22 – Rodapé do site com a apresentação da quantidade de acessos.	94
Figura 23 – Tela do site com link para avaliação do produto educacional.	94
Figura 24 – Tela da avaliação do produto educacional.....	95
Figura 25 – Contador da quantidade de acessos do site.	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise estatística da idade dos participantes.....	63
Tabela 2 – Idade dos participantes.	64
Tabela 3 – Caracterização sociodemográfica dos participantes.	64
Tabela 4 – Caracterização das formas de aprendizado sobre educação financeira e autoavaliação de conhecimentos sobre o assunto.....	65
Tabela 5 – Pontuação conhecimento financeiro.....	66
Tabela 6 – Associação entre variáveis sociodemográficas e pontuação sobre conhecimento financeiro.	67
Tabela 7 – Associação forma de aprendizado e pontuação conhecimento financeiro.	68
Tabela 8 – Pontuação atitude financeira por variáveis de análise.....	69
Tabela 9 – Pontuação perspectiva financeira por variáveis de análise.	70
Tabela 10 – Associação entre variáveis sociodemográficas e pontuação do comportamento financeiro.	72
Tabela 11 – Associação entre variáveis sociodemográficas e pontuação da alfabetização financeira.....	73
Tabela 12 – Associação entre variáveis sociodemográficas e de aprendizado e classificação da pontuação total sobre alfabetização financeira.	74
Tabela 13 – Crenças financeiras dos participantes.....	75
Tabela 14 – Correlação entre pontuações obtidas sobre conhecimento, atitude e comportamento financeiro.	77
Tabela 15 - Frequência de palavras na pergunta 1.7.....	79
Tabela 16 - Frequência de palavras na pergunta 1.9.....	80
Tabela 17 - Frequência de palavras na pergunta 3.11.....	82
Tabela 18 - Frequência de palavras na pergunta 4.15.....	84
Tabela 19 - Frequência de palavra pergunta 5.1.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCB	Banco Central do Brasil
CDB	Certificado de depósito bancário
CDI	Certificado de depósito interbancário
CEFET	Centros Federais de Educação Tecnológica
CF	Constituição Federal
CNC	Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
CNDL	Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas
COPOM	Comitê de Política Monetária
COREMEC	Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiros, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização
EAD	Ensino à Distância
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
ETF	Escola Técnicas Federais
EUA	Estados Unidos da América
FBEF	Fórum Brasileiro de Educação Financeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEC	Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor
IFB	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
IPCA	Índice de Preços ao Consumidor Amplo
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MJSP	Ministério da Justiça e Segurança Pública
NFER	Fundação Nacional para a Educação Pesquisa no Reino Unido
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDAD	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio
PEF	Programa de Educação Financeira
PIB	Produto Interno Bruto
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
POF	Pesquisa de Orçamento Familiar
PPC	Proposta Pedagógica Curricular
RCF	Relatório de Cidadania Financeira

REB	Relatório de Economia Bancária
REPT	Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica
SELIC	Sistema Especial de Liquidação e de Custódia
SFN	Sistema Financeiro Nacional
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
Justificativa.....	18
Problema de pesquisa.....	21
Objetivos.....	23
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1. Aspectos econômicos e o consumo das famílias.....	24
2.1.1. Situação econômica brasileira.....	24
2.1.2. O consumo das famílias.....	28
2.2. Finanças pessoais, comportamental e a teoria cognitivo-comportamental.....	30
2.2.1. Finanças pessoais e comportamentais.....	31
2.2.2. O comportamento e a perspectiva cognitivo-comportamental.....	35
2.3. Educação financeira, formação profissional e suas aplicações.....	38
2.3.1. Educação financeira.....	39
2.3.2. A institucionalização da educação financeira no Brasil.....	48
3 MÉTODO E METODOLOGIA.....	50
3.1 A pesquisa e o instrumento de coleta de dados.....	50
3.2 Contexto de aplicação e participantes da pesquisa.....	55
3.3 Procedimentos de análise dos dados.....	59
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	63
4.1 Perfil e grau de alfabetização financeira dos estudantes.....	63
4.1.1. Conhecimento financeiro:.....	66
4.1.2. Atitude financeira:.....	68
4.1.3. Comportamento financeiro:.....	70
4.1.4. Alfabetização financeira:.....	72
4.2 Relações entre crenças, conhecimento e comportamento financeiro.....	74
5 PRODUTO EDUCACIONAL.....	87
5.1 Produto educacional.....	87
5.2. Aplicação do produto educacional:.....	93
5.3. Avaliação do produto educacional:.....	93
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE A: Instrumento de pesquisa.....	108
APÊNDICE B: Convite para participação na pesquisa.....	120

APÊNDICE C: Resultados da pesquisa não apresentados na discussão.	121
APÊNDICE D: Produto educacional.....	6
Apresentação	6
Assim que começar a trabalhar, vou comprar um carro!	8
Fique rico investindo em... ..	11
Promoção! Off! Sale!.....	17
Isso dá muito trabalho!.....	19
A maioria perde... ..	22
Você tem se comportado financeiramente de forma adequada?	26
APÊNDICE E: Convite para avaliação do produto educacional.	162
APÊNDICE F: Dados da avaliação do produto educacional.....	163

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, serão apresentados a justificativa, o problema e os objetivos geral e específicos da dissertação. A investigação revela-se importante para o desenvolvimento das áreas de educação, finanças pessoais e comportamentais, assim como para ampliar a discussão sobre a necessidade do desenvolvimento de um comportamento financeiro adequado aos objetivos dos estudantes da educação profissional e tecnológica.

Justificativa

No Brasil, os estudos sobre finanças pessoais tornaram-se mais oportunos somente após as medidas econômicas efetivas de controle da inflação que aconteceu com a implantação do Plano Real em 1994. D'Aquino (2008, p. 9) confirma essa perspectiva ao afirmar que “numa economia sufocada pela inflação, qualquer tentativa de planejamento financeiro tinha resultados frágeis e desanimadores”.

Vieira, Bataglia e Sereia (2011) afirmam que o passado de alta inflação é um dos possíveis motivos pelo atraso na preocupação com o aprendizado sobre finanças pessoais no Brasil. Nesse sentido, somente após a implantação do Plano Real, a confiança dos agentes econômicos foi restabelecida, tornando possível aos indivíduos realizarem o planejamento e organização de suas finanças de forma mais efetiva.

Inseridos em um cenário de aumento generalizado nos níveis de preços, os indivíduos buscam formas para manter o seu poder aquisitivo e patrimônio. Nesse contexto, as decisões financeiras de curto prazo passam a ser mais relevantes, inviabilizando planejamentos mais longos, ou seja, estimulou-se comportamentos que priorizam o consumo imediato, impossibilitando o processo de constituição de poupança¹ (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

Em que pese o consumo ser uma atividade rotineira, a relação entre fornecedores de serviços financeiros e consumidores mostra-se conflituosa. Conforme boletim da plataforma Consumidor.gov.br do ano de 2019, elaborado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), o segmento de bancos, financeiras e administradoras de cartões foi responsável por registrar 24,3% de todas as

¹ Poupança refere-se à parcela da renda que não se direciona ao consumo imediato, sendo reservada para o futuro e não se confunde com o produto financeiro denominado “caderneta de poupança”.

reclamações do sistema, expondo uma relação de consumo conflituosa. As reclamações apontam uma variedade de situações que compreende desde a falta de repasse de informações sobre as operações realizadas até o registro de golpes. O boletim apresenta que o segmento financeiro possui seis (6) entre os 20 assuntos mais reclamados do sistema, incluindo o primeiro, conforme quadro abaixo (BRASIL, 2019).

Quadro 1 – Ordem de reclamações no Consumidor.gov.br do ano de 2019.

ORDEM	ASSUNTO
1º	Cartão de crédito / cartão de débito / cartão de loja
10º	Conta corrente / salário / poupança / conta aposentadoria
11º	Crédito pessoal e demais empréstimos (exceto financiamento de imóveis e veículos)
12º	Crédito consignado (empréstimo descontado em folha de pagamento)
18º	Crédito consignado (para servidores públicos ou trabalhadores do setor privado)
19º	Crédito consignado / cartão de crédito consignado / RMC (INSS)

Fonte: Adaptado de Boletim consumidor.gov.br – 2019.

Mesmo diante do volume expressivo de reclamações em 2019, o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC), ao analisar mais de 100 mensagens publicitárias de instituições financeiras, identificou diversos artifícios que dificultam a compreensão do consumidor. Entre os principais problemas encontrados, destacam-se as alegações sobre excessiva praticidade, rapidez, asteriscos ou letras pequenas que acrescentam restrições desfavoráveis ou propagandas com informações insuficientes. Nenhuma das propagandas analisadas apresentou qualquer alerta sobre eventuais riscos (IDEC, 2019).

Além disso, é preciso ter em mente que o avanço da tendência econômica liberal pressiona para que ocorram mudanças nas políticas sociais, deixando com os indivíduos uma maior responsabilidade sobre a gestão dos seus recursos financeiros, seja durante a vida laboral com a precarização das relações de trabalho, seja com as alterações nas regras previdenciárias. Nesse contexto, durante toda a sua vida, os indivíduos, independentemente da situação financeira em que estejam inseridos, decidirão sobre questões relacionadas ao consumo e à gestão de seus recursos financeiros. Dessa forma, o comportamento financeiro inadequado pode impactar negativamente no bem-estar do indivíduo e de todo o seu grupo familiar por um longo período.

De acordo com Borges (2010), a educação financeira possui grande importância, haja vista que os indivíduos têm suas vidas impactadas, no decorrer do tempo, pelas decisões tomadas. No entanto, os conhecimentos relacionados à área de finanças pessoais permanecem sendo discutidos apenas nas áreas próximas a da economia. Diante da relevância do assunto, é preciso ampliar os espaços de discussão e, inclusive, refletir sobre o processo de pedagogização² e disseminação desses conteúdos de forma a possibilitar aos indivíduos a reflexão sobre seu comportamento financeiro.

Pesquisas sobre a alfabetização financeira com jovens demonstram que cursos sobre finanças pessoais oferecidos em faculdades e experiências financeiras em outros contextos melhoram a alfabetização financeira e o nível de poupança dos indivíduos (PENG et al., 2007). Essas pesquisas destacam o papel fundamental da educação financeira e elucidam que conceitos sobre finanças pessoais devem ser apresentados aos indivíduos como forma de evitar processos de endividamento.

Em 2018, a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) apresentaram o resultado de uma pesquisa realizada em todas as capitais do Brasil sobre causas da inadimplência. Os resultados mostram dados significativos que indicam o uso inadequado do crédito: 61% dos participantes têm pouco conhecimento sobre a própria renda, 45% reconhecem saber pouco ou quase nada sobre o valor das contas básicas e 36% não planejam o orçamento mensal. Esses resultados evidenciam a necessidade de que políticas sobre educação financeira sejam discutidas e implementadas (CNDL, 2018).

Em maio de 2019, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) divulgou uma pesquisa que aponta que o endividamento atinge 63,4% das famílias brasileiras (CNC, 2019). Nesse sentido, torna-se importante compreender se a inserção de conteúdos sobre finanças pessoais dentro do ambiente escolar poderá contribuir para mudanças nesse cenário.

Outro indicador que apresenta a necessidade de implementação de políticas públicas é o aumento da inadimplência. Desde 2016, a Serasa Experian realiza pesquisas que buscam compreender as características e a evolução da inadimplência no Brasil. Em junho de 2019, a instituição apontou um total de 63,3 milhões de pessoas com dívidas em atraso no Brasil, representando um novo recorde da série.

² Processo de desenvolvimento de estratégia metodológica e didática com objetivo de propiciar o ensino de determinado conhecimento.

Os dados revelam que, em comparação com o mesmo período do ano anterior, o aumento representou um incremento de 2,5%. Esse total de endividados representa 40,6% da população adulta do Brasil (SERASA EXPERION, 2019).

Ademais, a situação econômica atual amplia a discussão sobre a importância de que os indivíduos sejam alfabetizados financeiramente. Conforme Almeida (2010), em período pós-crise econômica, indivíduos desequilibrados financeiramente podem ceder as supostas facilidades das operações de crédito em condições desfavoráveis.

Todos esses elementos corroboram o resultado da pesquisa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)³ sobre competência financeira que envolveu trinta países, dentre eles, o Brasil. A pesquisa buscou medir o conhecimento, atitude e comportamento financeiros de adultos. Na classificação final o Brasil ficou na 27ª posição com desempenho insatisfatório nos três aspectos avaliados (OCDE, 2016).

Sendo assim, pretende-se ampliar a discussão sobre o papel da educação financeira no âmbito da educação profissional e tecnológica. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a modalidade da educação profissional e tecnológica possui a finalidade de aproximar e desenvolver o estudante para se inserir no mundo do trabalho, unificando educação e o trabalho. Neste contexto, torna-se relevante que os estudantes da educação profissional e tecnológica compreendam os aspectos financeiros do mundo do trabalho de forma a possibilitar o desenvolvimento de um comportamento financeiro alinhado com seus objetivos pessoais.

Problema de pesquisa

Ao adaptar a natureza para satisfazer suas necessidades, o ser humano desenvolveu-se ao ponto de que, para atuar nesse mundo novo, tornou-se necessário compreender uma multiplicidade de saberes. Os indivíduos que não possuem esse domínio sujeitam-se a diversas formas de exclusão social. Nesse sentido, os saberes construídos historicamente precisam ser estruturados para que possam ser compartilhados com as futuras gerações. De acordo com Faria, Borges (2017, pág. 111), a escola surgiu para “sistematizar o conhecimento científico, artístico e filosófico

³ Organização internacional com sede na França que busca promover políticas que objetivam o desenvolvimento econômico e o bem-estar social no mundo.

e pensar nas formas de transmissão desses saberes para as novas gerações”.

Dessa forma, os conteúdos são recortados, organizados e, após um processo complexo, materializam-se, dentre outras alternativas, como conteúdos escolares. O currículo precisa acompanhar a dinâmica da sociedade e seus conteúdos devem refletir as necessidades de formação existentes, possibilitando que os indivíduos compreendam o complexo social e possam atuar de forma autônoma. Não obstante, diversos saberes indispensáveis para a atuação dos indivíduos na sociedade não são ensinados nas escolas, como por exemplo, o estudo sobre finanças pessoais.

Falar sobre dinheiro parece não ser algo comum para a maioria da população. O dinheiro, no entanto, é utilizado como unidade de troca para o consumo de bens e serviços necessários à existência humana. Ignorar a importância do dinheiro e não sistematizar estes conteúdos de forma que possam ser trabalhados no ambiente escolar favorece a tomada de decisões sem o entendimento dos possíveis impactos.

Por outro lado, em um sistema econômico complexo, diversas instituições desfrutam dessa assimetria de informação para alavancarem os resultados de seus negócios, em detrimento dos impactos causados ao bem-estar dos indivíduos. No Brasil, o cenário econômico tem se caracterizado pela baixa capacidade de investimento e crescimento, altos índices de desempregados e desalentados que combinados com a excessiva concentração bancária e as altas taxas de juros criam uma “tempestade perfeita” onde os indivíduos sem conhecimento sobre finanças pessoais correm sérios riscos.

Nesse contexto, Bastos (2019) mostra que as taxas de juros médias das novas concessões de crédito se estabilizaram ou aumentaram levemente no ano de 2019, se comparada com os anos de 2017 e 2018. No mesmo trabalho, Bastos (2019, pág. 6) afirma que desde setembro de 2018 “o comprometimento da renda mensal das famílias com o serviço da dívida passou a subir, tendo chegado a junho deste ano a 20,6%” do orçamento familiar.

Dessa forma, a falta de compreensão sobre finanças pessoais associada à situação econômica do Brasil torna relevante o planejamento e a execução de projetos de educação financeira dentro dos ambientes escolares. Isso possibilita que esses conhecimentos sejam assimilados ainda na fase escolar, melhorando a tomada de decisão e, conseqüentemente, o bem-estar dos indivíduos.

Um ambiente social caracterizado pela valorização do consumo e pela ausência de educação financeira no âmbito escolar favorece o surgimento de crenças

que direcionam a percepção de que o uso do dinheiro não demanda o desenvolvimento de competências financeiras por parte dos indivíduos. A teoria que fundamenta o modelo Cognitivo-Comportamental afirma que as crenças estão na base e dão direção aos comportamentos. Dessa forma, a crença de que não é necessário planejar o uso do dinheiro pode ser o fundamento de um tipo de comportamento financeiro disfuncional que parece estar presente em grande parte das famílias brasileiras.

Nesse contexto, esta pesquisa buscar responder a seguinte pergunta: quais as possíveis relações entre crenças, conhecimento, atitude e comportamento financeiro dos estudantes dos cursos técnicos subsequentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), Campus São Sebastião?

Objetivos

Objetivo geral

Identificar o nível de alfabetização financeira dos estudantes dos cursos subsequentes do IFB, Campus São Sebastião, possibilitando o desenvolvimento de uma proposta pedagógica de educação financeira que estimule o desenvolvimento de um comportamento alinhado com os objetivos individuais dos estudantes.

Objetivos específicos

- Analisar a relevância da inclusão da educação financeira na educação profissional e tecnológica.

- Analisar as relações entre crenças, conhecimento, atitude e comportamento financeiro dos estudantes dos cursos técnicos subsequentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), Campus São Sebastião.

- Desenvolver e aplicar um produto educacional tipificado como material didático no formato de material textual sobre finanças pessoais para estudantes da educação profissional e tecnológica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Diante do problema de pesquisa e dos objetivos estabelecidos, este capítulo apresentará, primeiramente, os aspectos econômicos e o consumo das famílias brasileiras. Em seguida, será apresentada a teoria sobre finanças pessoais, finanças comportamentais e a teoria cognitivo-comportamental. Por fim, será exposta a discussão sobre a educação financeira na perspectiva da formação profissional e tecnológica.

2.1. Aspectos econômicos e o consumo das famílias

A inserção da educação financeira no âmbito da educação profissional e tecnológica deve considerar o contexto econômico do país, as características do sistema financeiro nacional, assim como o consumo das famílias brasileiras. Neste subtópico, serão apresentados esses fatores externos que balizam a vida financeira dos indivíduos.

2.1.1. Situação econômica brasileira

A compreensão do ambiente econômico é fundamental para que os indivíduos possam organizar suas finanças. Conforme Silva (2004), a estabilização econômica torna possível o desenvolvimento de uma cultura financeira que considere os aspectos de curto, médio e longo prazo. Souto e Medeiros (2008) asseveram que a situação macroeconômica⁴ influencia o resultado das decisões financeiras de toda a sociedade, devendo ser considerada no planejamento financeiro das famílias, uma vez que a renda, emprego e consumo são impactados pela situação econômica do País.

O desenvolvimento de competências financeiras fundamenta-se na compreensão de situação econômica. Mankiw (2009), ao apresentar os conceitos iniciais sobre economia, afirma que a palavra tem origem grega e se refere a administração do lar. De forma ampla, pode ser entendida como a forma que a sociedade administra seus recursos.

⁴ Macroeconomia é área da economia que “estuda os fenômenos da economia como um todo, incluindo inflação, desemprego e crescimento econômico. [...] O objetivo da macroeconomia é explicar como as mudanças econômicas afetam as famílias, empresas e mercados simultaneamente” (MANKIW, 2009, p. 500).

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consolida os dados e apresenta diversos indicadores econômicos oficiais que buscam traduzir em números o desempenho econômico de forma a possibilitar o desenvolvimento das políticas públicas e o planejamento das famílias.

A situação econômica também é acompanhada por pesquisas que buscam compreender hábitos de consumo como a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), elaborada pelo IBGE. Dentre outros objetivos, a pesquisa busca entender a estrutura de consumo das famílias brasileiras para estabelecer “cestas de produtos” que terão seus preços acompanhados frequentemente e que serão utilizados nos cálculos de indicadores econômicos como a inflação.

A taxa de inflação possui relação indireta com o consumo das famílias, ou seja, a alta dos preços de forma generalizada reflete no aumento da inflação e, conseqüentemente, na diminuição do poder de compra das famílias. Para manter os níveis de inflação dentro das metas estabelecidas, um dos instrumentos de política monetária utilizado pelos governos brasileiros tem sido o ajuste na taxa básica de juros da economia, denominada Sistema Especial de Liquidação e de Custódia (Selic). Essa taxa é utilizada pelo governo para remunerar títulos públicos ofertados no mercado, sendo estabelecida pelo Comitê de Política Monetária (Copom).

Com base no comportamento da produção, consumo e inflação, o Copom realiza ajustes na taxa Selic. Dessa forma, por exemplo, ao reduzir a taxa Selic, os títulos públicos que são corrigidos por essa taxa passam a oferecer menor ganho aos investidores e, assim, os bancos podem diminuir a remuneração dos investimentos dos recursos financeiros que os indivíduos deixam sob sua custódia e, em consequência disso, há uma diminuição dos custos dos empréstimos para as famílias.

Esse processo de captação de recursos de entidades ou pessoas superavitárias e empréstimo para entidades ou pessoas deficitárias é chamado de intermediação. A intermediação dos recursos dentro de um sistema econômico é regulamentada pelo Estado que desenvolve seus sistemas financeiros. O Sistema Financeiro Nacional (SFN) no Brasil é composto por entidades operadoras como bancos, associações de poupança, bancos de câmbio, bancos de desenvolvimento, cooperativas de crédito, sociedade de crédito e financiamentos etc. Os indivíduos, empresas e o governo utilizam da estrutura da rede de operadores financeiros para realizar operações de pagamento, recebimento, investimento e crédito. Anualmente,

o Banco Central do Brasil (BCB) elabora o Relatório de Economia Bancária (REB)⁵ no qual apresenta de forma consolidada os dados do SFN e as relações entre operadores financeiros e seus clientes.

No Brasil, dentre os operadores financeiros, destaca-se a atuação dos bancos que são importantes agentes econômicos. Dentre outras funções, os bancos são responsáveis por intermediar a disponibilidade de dinheiro entre os indivíduos de uma economia. Para que isso ocorra, eles utilizam os recursos financeiros disponibilizados por indivíduos superavitários, emprestando-os para os indivíduos que pretendem consumir além dos recursos que possuem de forma a equilibrar a oferta e demanda por dinheiro. Assim, a utilização dos bancos por parte da população torna-se fundamental. Conforme aponta o Relatório de Cidadania Financeira de 2018 (RCF)⁶ do BCB, 86,5% (oitenta e seis vírgula cinco por cento) dos brasileiros com idade superior a 15 (quinze) anos possuem com conta bancária.

Dados do Relatório de Economia Bancária (REB) do ano de 2018 demonstram que o número de instituições autorizadas no segmento bancário para funcionar pelo BCB teve uma pequena redução de 182 (cento e oitenta e duas) para 172 (cento e setenta e duas), sendo estas responsáveis por 90% dos ativos do Sistema Financeiro Nacional (SFN). Além disso, o REB apresenta situação da concentração bancária no Brasil. Para acompanhar a concentração bancária no país, o Banco Central do Brasil (BCB) utiliza o indicador denominado Razão de Concentração dos Cinco Maiores (RC5) que acompanha a participação do mercado das cinco maiores instituições. O quadro abaixo demonstra que, nos últimos anos, no Brasil, as cinco maiores instituições concentram aproximadamente 85% do mercado de crédito no país.

Quadro 2 – Razão de concentração dos Cinco Maiores Bancos no Brasil.

Operações de Crédito			
Indicador	dez/16	dez/17	dez/18
RC5	85,70%	85,80%	84,80%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BCB.

⁵ O Relatório de Economia Bancária (REB) apresenta as questões atinentes ao Sistema Financeiro Nacional (SFN) e às relações entre instituições e seus clientes (BCB, 2019).

⁶ O Relatório de Cidadania Financeira (RCF) acompanha o progresso do processo de inclusão, educação, proteção e participação dos indivíduos no sistema financeiro no Brasil.

Nesse processo de intermediação, os bancos geram receitas capazes de manter o negócio, cobrando taxas e juros, dependendo da operação realizada. As tarifas são cobradas em decorrência do oferecimento de um serviço. Desde o ano de 2008, o BCB edita resoluções que classificam em modalidades os serviços oferecidos. Atualmente, é a Resolução nº 3.919/2010 que trata do tema. Por outro lado, as taxas de juros oferecidas pelos bancos dependem, além dos aspectos estruturais como a concorrência, concentração do mercado e os custos envolvidos na captação do crédito, da inadimplência, das despesas administrativas, dos tributos e da margem financeira da operação.

Um importante indicador utilizado para mensurar a diferença entre o que operadores do sistema financeiro pagam para os indivíduos superavitários deixarem seus recursos no banco e o que cobram para emprestar o mesmo dinheiro é denominado *spread* bancário⁷. Conforme dados apresentados pelo Banco Mundial, o *spread* bancário praticado no Brasil figurou entre os maiores do mundo no ano de 2018.

Quadro 3 – Maiores taxas médias de *spread* bancário no mundo.

Ordem	País	Spread
1º	Madagascar	42,6
2º	Brasil	32,2
3º	Rep. Dem. Congo	19,9
4º	Gambia	19,0
5º	Quirguistão	17,1
6º	São Tomé e Príncipe	16,1
7º	Sudão do Sul	16,0
8º	Serra Leoa	13,8
9º	Angola	13,8
10º	Timor-Leste	12,8

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do Banco Mundial.

As taxas de juros cobradas nas operações bancárias são relevantes e podem se tornar uma verdadeira armadilha para indivíduos que não compreendem suas

⁷ Spread bancário é a diferença cobrada pelos bancos entre os juros pagos para captar dinheiro e os juros que são cobrados para a concessão de empréstimo. Exemplo hipotético: Ao aplicar na poupança o banco remunera 0,5% de juros ao mês o valor aplicado. Contudo, caso queira solicitar um empréstimo, esse mesmo banco cobra 4,0% de juros ao mês. Neste caso, o *spread* bancário é de 3,5% ao mês.

nuances. Mesmo diante do cenário de queda do PIB, aumento do desemprego e elevada concentração bancária, o saldo dos empréstimos destinado às pessoas físicas em 2019 cresceu em 11,9% (onze vírgula nove por cento), tendo a taxa média de juros de 46,0% ao ano. Conseqüentemente, a taxa de inadimplência aumentou em todas as regiões do país, principalmente entre jovens de até 24 anos (BCB, 2019).

Diante da necessidade de se relacionar com o sistema bancário, torna-se necessário que os indivíduos conheçam, pelo menos de forma básica, as operações que podem ser realizadas, assim como o impacto destas em seu orçamento doméstico. Araújo; Souza (2012) destacam a importância da educação financeira diante da necessidade de utilização de produtos e serviços financeiros.

Assim, sem possuir as informações e conhecer o impacto das tarifas e taxas nas operações realizadas com bancos, os consumidores tornam-se reféns das informações repassadas por gerentes e funcionários que estão trabalhando para gerar resultados para os bancos e não para os correntistas. Por meio de estratégias de marketing, os bancos oferecem seus produtos e serviços, fortalecendo uma cultura de consumo sem considerar se seus clientes possuem a compreensão dos riscos envolvidos nas operações.

2.1.2. O consumo das famílias

Apesar da necessidade e do desejo pelo consumo, o indivíduo não é capaz de consumir todos os produtos e serviços disponíveis, uma vez que se encontra inserido dentro de um sistema econômico que o obriga a dispor de recursos financeiros para a satisfação das necessidades e desejos. Dessa forma, o nível de consumo possui relação direta com a capacidade de gerar e/ou manter recursos financeiros.

A manutenção da existência humana está intimamente ligada à necessidade de consumo. O consumo decorre do processo de utilização dos recursos existentes na natureza para manutenção e desenvolvimento humano. Assim, desde o homem primitivo, o consumo de recursos para a alimentação, proteção e, posteriormente, para a produção de utensílios e ferramentas, tornou-se um fator preponderante para a sobrevivência humana (BITTENCOURT, 2016).

Conforme Bittencourt (2016), o consumo é fundamental para a manutenção da vida e mesmo os indivíduos em situação de extrema pobreza necessitam consumir

recursos naturais, serviços ou bens fabricados. A necessidade de consumir uma variedade de bens que não poderiam ser produzidos por um indivíduo, núcleo familiar ou grupo deu origem aos sistemas de trocas dos excedentes. Ao produzir uma quantidade superior ao consumo, os indivíduos realizavam trocas, possibilitando o consumo de uma grande variedade de produtos.

Entre as décadas de 1950 e 1960, o consumo de bens materiais, torna-se um importante fator para o estabelecimento de relações humanas e identificação do status social. Neste contexto, populariza-se o termo “Sociedade do Consumo” (DANTAS, 2019). Bauman (1999) afirma que o consumo é requisito para existência de todas as criaturas vivas.

Bauman (1999) chama a atenção para a importância do consumo na sociedade moderna ao cunhar os termos “síndrome cultural do consumismo” e “sociedade de consumidores”. Nessa concepção, o consumo não é compreendido como condição elementar para a sobrevivência ou para a manutenção de necessidades, mas sim como uma razão da existência, responsável, inclusive, por nutrir o sentimento de pertencimento das pessoas. Baudrillard (2011) caracteriza essa nova organização social como a “sociedade de consumo”. Segundo ele, o consumo invadiu a vida e os produtos/serviços tornam-se os elementos centrais, determinando o comportamento humano.

Buaes e Comerlato (2016) acrescentam que a satisfação dos desejos na contemporaneidade é materializada pelo consumo. Nesse contexto, a compreensão do comportamento do consumidor torna-se objeto de pesquisa em diversas áreas que buscam identificar os processos individuais ou coletivos relacionados a compra ou utilização de serviços para satisfazer necessidades e desejos (SOLOMON, 2002). Shim *et al.* (2009) afirmam que diversos estudos apontam que os valores pessoais influenciam as atitudes que se refletem no comportamento dos indivíduos.

Para que essa sociedade do consumo se mantenha ativa é importante compreender as estratégias de encorajamento do consumo. Bauman (2010) diz que as organizações se utilizam do marketing de maneira perspicaz ao relacionar o consumo de novos produtos e o desfazimento dos obsoletos como um processo de busca pela felicidade. Fermiano (2016) afirma que se amplifica as estratégias de marketing direcionadas para crianças e jovens com objetivo convencê-los da necessidade de adquirir bens por intermédio do endividamento. Nesse sentido, Bugarim *et al.* (2011) assevera que o marketing desempenha um papel importante no

consumo dos indivíduos. No caso brasileiro, o autor afirma que o consumo desenfreado coloca muitas pessoas e famílias na situação de endividamento.

A maior parte dos rendimentos das famílias brasileiras é destinada a itens essenciais à sobrevivência. Conforme Fermiano (2016), existe interesse progressivo na expansão do consumo nas classes socioeconômicas mais baixas que são atraídas por empresas que desenvolvem produtos com as características e poder aquisitivo desse público. Assim, diante dos apelos de uma sociedade de consumidores e de estratégias empresariais, indivíduos consomem sem compreender os problemas decorrentes da falta de gestão financeira. Borges (2010) afirma que o consumo excessivo tem levado muitos indivíduos a contraírem dívidas acima de sua capacidade financeira, transformando-os em inadimplentes.

Batista (2019) chama atenção para os problemas financeiros decorrentes do consumo excessivo, dentre eles, a obrigação de pagar multas, juros, taxas para agentes do mercado financeiro. Bauman (2010) afirma que indivíduos com consumo exagerado, eventualmente, sujeitam-se a perda da capacidade de consumir até os itens indispensáveis a manutenção da vida. Nesse sentido, pesquisadores apresentam a importância de que os indivíduos compreendam e reflitam sobre os seus hábitos e os riscos envolvidos no consumo incompatível com seus rendimentos.

Britto (2012) alerta que, diante da submissão aos arranjos sociais econômicos, a escola precisa contribuir com o processo de formação que possibilite aos indivíduos decidir de forma consciente sobre seus atos. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)⁸ apresentam como tema transversal a questão do “Trabalho e consumo” que deve ser abordada de forma interdisciplinar com estudantes de todos os ciclos do ensino fundamental (FERMIANO, 2016).

2.2. Finanças pessoais, comportamental e a teoria cognitivo-comportamental

Neste subtópico, serão apresentadas perspectivas da teoria sobre finanças pessoais que apresenta as técnicas de gestão de recursos, a perspectiva comportamental acerca dos fatores internos que influenciam o comportamento financeiro dos indivíduos e a teoria-cognitiva comportamental e suas relações com o

⁸ Os PCN são documentos elaborados pelo MEC, sobre as áreas de ensino, que servem para nortear a elaboração dos currículos escolares em todo o país.

consumo que constituem a base para a construção um projeto de educação financeira.

2.2.1. Finanças pessoais e comportamentais

O dinheiro participa de diversos momentos do cotidiano, sendo um importante componente da vida social (MOREIRA, 2002). De acordo com Pires (2007), em um sistema econômico fundamentado na moeda e no crédito, finanças pessoais dizem respeito às decisões relacionadas a movimentação de dinheiro com o objetivo de consumir produtos e serviços e alocar recursos em ativos de forma eficiente.

Medeiros e Lopes (2014) afirmam que em finanças pessoais se estuda como os conceitos de finanças podem ser aplicados nas decisões do cotidiano, considerando a realidade de cada indivíduo ou família. De acordo com Lima *et al.* (2019), a ausência de uma administração financeira adequada é um problema para as famílias brasileiras.

Bitencourt (2004) afirma que a teoria financeira apresenta um conjunto de conceitos e modelos quantitativos que investigam como os indivíduos alocam seus recursos ao longo do tempo, considerando o fluxo de receitas e despesas com o objetivo de melhorar o processo de decisão. Wisniewski (2010) ressalta que as estratégias financeiras devem considerar o curto, médio e longo prazo.

Silva *et al.* (2018) considera que as finanças pessoais correspondem ao fluxo monetário realizado por um indivíduo para manter a vida em um sistema econômico. Para Olivieri (2013), o conhecimento sobre finanças pessoais possibilita a administração de eventos financeiros do cotidiano de um indivíduo ou família. Tais conhecimentos possibilitam analisar as receitas e despesas de forma a melhorar a administração do orçamento, do fluxo financeiro e do controle de gastos.

Vieira, Bataglia e Sereia (2011) asseveram que a falta de qualidade das decisões financeiras possui relação com situações de endividamento e inadimplência. Zerrenner (2007), ao pesquisar as razões do processo de endividamento da população de baixa renda, conclui que a falta de controle financeiro é apontada como o principal motivo, evidenciando a ausência de planejamento das famílias.

Tavares e Machado (2007) afirmam que, independente do conhecimento sobre a necessidade da elaboração e execução de um plano financeiro, grande parte das pessoas não se utilizam de instrumentos para acompanhar suas receitas e controlar seus gastos.

Bitencourt (2004) assevera que o orçamento é um plano geral que apresenta as operações de entrada e saída de dinheiro e possibilita comparações entre o planejado e o executado. Além disso, apresenta uma visão de longo prazo da situação financeira com objetivo de refletir sobre situações antes do momento da decisão de consumo ou investimento e estabelece um padrão que permita implementar estratégias de controle. O equilíbrio dessa equação evita que o indivíduo seja obrigado a se endividar. Conto *et al.* (2015) apontam que o comportamento dos indivíduos, do ponto de vista financeiro, implica diretamente no resultado.

Domingos (2007) também chama atenção para o aspecto reflexivo que pode impactar no comportamento financeiro no momento de elaboração de um orçamento ao afirmar que, durante o processo de identificar as despesas, é possível fazer, paralelamente, uma série de reflexões sobre o padrão de consumo porque não é apenas uma questão de números.

Conforme Yoshinaga *et al.* (2008), as teorias sobre finanças, de forma geral, foram desenvolvidas a partir de uma abordagem econômica que possui como fundamento primário a racionalidade dos agentes econômicos. Contudo, a racionalidade econômica considera que os indivíduos agem sempre baseados em informações e hipóteses de forma a maximizar seus ganhos, não levando em conta as emoções e os erros cognitivos que são capazes de causar desvios na racionalidade e são estudados pela psicologia. Por outro lado, pesquisas da área comportamental indicam que, ao formarem suas crenças, as pessoas passam a se sujeitar a vieses cognitivos.

Estudos realizados por psicólogos como Daniel Kahneman na Universidade Hebraica de Jerusalém começaram a articular conhecimentos da economia com a psicologia cognitiva para compreender o processo de tomada de decisão e o comportamento econômico dos indivíduos, possibilitando o desenvolvimento do campo de estudo denominado Economia Comportamental (SOUZA *et al.*, 2011).

Conforme Mullainathan e Thaler (2015), a Economia Comportamental combina conceitos econômicos, sociológicos e psicológicos para entender as maneiras pelas quais o comportamento dos indivíduos difere do modelo padrão e como esse comportamento é importante em contextos econômicos.

A importância dos resultados desses estudos para o desenvolvimento da economia fez com que a Academia Real das Ciências da Suécia conferisse o prêmio Nobel de economia ao psicólogo Daniel Kahneman, em 2002, e ao economista

Richard Thaler, em 2017, por conta de pesquisas realizadas em Economia Comportamental.

Hilgert e Hogarth (2003) afirmam que a Economia Comportamental admite a importância e relaciona os aspectos psicológicos como, por exemplo, a aversão ao risco, compulsividade e altruísmo com as decisões econômicas. Milanez (2019) destaca que a economia comportamental explica a economia real, pois os agentes econômicos apresentam limitações à racionalidade plena. Nesse sentido, diversos estudos empíricos apontam que a racionalidade ilimitada proposta em modelos puramente econômicos não se aplica em diversas situações.

Thaler (1980) afirma que o desenvolvimento do autocontrole possibilita a melhoria do processo de escolhas financeiras. Segundo o autor, para que isso ocorra é necessário que se desenvolva um comportamento planejador, possibilitando o desenvolvimento de controles capazes de reduzir comportamentos impulsivos que não compreendem a complexidade dos impactos das decisões financeiras.

Conforme Milanez (2003), em situações onde a sensação de euforia ou pânico se espalha por determinados mercados, as teorias sobre o comportamento humano trazidas pela psicologia e sociologia ajudam a sustentar e explicar o comportamento não racional que atinge a maioria dos agentes.

Assim, com os estudos realizados em meados da década de 1970 sobre a compreensão da racionalidade limitada das decisões, o campo da economia e das finanças foram impactados, propiciando o surgimento da teoria de finanças comportamentais que incorporou a Sociologia e Psicologia nas Finanças (PEREIRA; LUCENA, 2014).

Conforme Souza et al. (2011), essa nova área busca identificar e compreender o processo de tomada de decisões financeiras, considerando as limitações no raciocínio e a possibilidade de falhas cognitivas que influenciam o processo. As ilusões cognitivas interferem de forma sistemática no processo decisório, impactando na avaliação de valores, probabilidades e/ou riscos e operações financeiras. Segundo o autor, uma das linhas mais relevantes pesquisa as falhas cognitivas e suas implicações no processo cognitivo (SOUZA et al., 2011).

Vieira e Pereira (2009) afirmam que os estudos sobre finanças comportamentais têm considerado a importância das crenças, valores, experiências e vieses comportamentais no processo decisório. De acordo com Shefrin (2000), os estudos sobre finanças comportamentais estão crescendo por se preocuparem com a

influência da psicologia no comportamento dos agentes do mercado financeiro. Dessa forma, as finanças comportamentais se propõem a investigar o comportamento dos indivíduos diante de decisões financeiras.

Assim, as finanças comportamentais buscam compreender como as ilusões cognitivas possibilitam o cometimento de erros sistemáticos provocados pelo que se denomina de “achar”. Diante disso, a psicologia cognitiva tem se debruçado para explicar o comportamento humano e como a realidade é processada (PEREIRA; LUCENA, 2014).

Birău (2013) afirma que não há necessidade de fazer pesquisas psicológicas extensas para entender que as decisões financeiras não são estritamente racionais. A forma como se interpreta a realidade, preconceitos, excesso de confiança, emoção e forças sociais impactam o comportamento financeiro. Segundo a autora, o ser humano possui um complexo emocional que inclui diversos sentimentos como a ansiedade, medo, pânico, ganância, satisfação ou vaidade que interferirão nas decisões financeiras.

Os estudos sobre finanças comportamentais apontam que a racionalidade não é o único fator impactante nos processos de decisão, uma vez que não existe racionalidade ilimitada. O ser humano possui limitações em suas análises e, frequentemente, de maneira irracional, escolhas são realizadas por influências de emoções ou erros cognitivos. Assim, o comportamento humano não pode ser analisado por uma equação e a maioria dos indivíduos não se comporta conforme os modelos construídos (AUGUSTO; SILVA, 2012).

Kunkel (2014), ao pesquisar sobre o uso do cartão de crédito, constata que somente a educação financeira não é suficiente para a mudança de comportamento. Segundo a autora, o processo de tomada de decisões financeiras não é integralmente racional, ou seja, os vícios emocionais e fatores cognitivos influenciam o processo decisório.

Milanez (2003) afirma que, mesmo após a participação em programas de educação financeira, as decisões do indivíduo continuarão influenciadas por vieses que podem não desaparecer, pois decorrem de crenças consolidadas e sentimentos como a confiança excessiva que limita as possibilidades de mudança no comportamento.

Contudo, conforme Fox, Bartholomae e Lee (2005), a necessidade de educação financeira é demonstrada pelos altos níveis de endividamento e pequena

taxa de poupança. Tais indicadores podem resultar de baixos níveis de alfabetização financeira que são capazes de criar vieses no comportamento. Nesse sentido, torna-se importante compreender as possíveis relações entre a educação financeira e as finanças comportamentais (FERREIRA, 2015).

Apesar da evidente intersecção entre as temáticas financeira e psicológica, Ferreira (2015), ao realizar pesquisa sobre programas de educação financeira, não encontrou iniciativas que abarcassem as questões. A falta dessa abordagem dificulta a identificação da causa do problema e eventuais mudanças no comportamento financeiro.

Nesse sentido, pesquisadores das finanças comportamentais buscam entender o funcionamento do sistema cognitivo e os mecanismos psíquicos que orientam o processo de percepção e de decisão financeira. Tais informações são fundamentais para definir estratégias e traçar as atividades de educação financeira em consonância com o público a que se destina, desenvolvendo programas que aprofundem as causas de escolhas financeiras não desejadas e reduzindo a lacuna entre as intenções e as ações (FERREIRA, 2015).

2.2.2. O comportamento e a perspectiva cognitivo-comportamental

Ferreira (2015) afirma que, apesar de a literatura que relaciona educação financeira e questões psicológicas não ser abundante, esta combinação apresenta-se relevante, merecendo atenção por parte de formuladores de políticas, desenvolvedores e executores de programas de educação financeira. Desse modo, concepções psicológicas podem ser utilizadas para compreender os fatores impactantes no processo de tomada de decisões financeiras.

A teoria cognitivo-comportamental caracteriza-se pela junção das técnicas e conceitos das abordagens cognitiva e comportamental. Os modelos cognitivos, incluindo a Terapia Cognitiva de Arron Beck, também conhecida como Terapia Cognitivo-Comportamental, admite a utilização, em parte, de conceitos e técnicas próprias das abordagens comportamentais. Sua base central, no entanto, é notadamente diferente do modelo comportamental (KNAPP; BECK, 2008).

Busca-se por meio da teoria cognitivo-comportamental que o indivíduo possa desenvolver estratégias capazes de mudar o seu comportamento a partir de modificações nas suas crenças. Conforme Beck (2007), a terapia cognitiva baseia-se

no modelo cognitivo que levanta a hipótese de que as emoções e comportamentos das pessoas são influenciados por sua percepção dos eventos. Essa percepção é diretamente influenciada pelas crenças.

De acordo com Silva (2014), o modelo cognitivo pressupõe que a percepção dos eventos pode desencadear pensamentos espontâneos que influenciam os comportamentos e a fisiologia do indivíduo. Já a abordagem comportamental valoriza os fatores ambientais e a forma como se dá a interação de um organismo com o meio.

A teoria cognitiva-comportamental baseia-se, assim, na perspectiva de que a interpretação de determinado contexto impacta o comportamento do indivíduo. A interpretação do evento não é parte da realidade, mas construída pelos indivíduos. A interpretação distorcida ou erros no processamento em um determinado contexto resultará em um comportamento que deixa o indivíduo vulnerável, podendo-lhe causar danos. As crenças que estão na base das interpretações distorcidas e que promovem comportamentos mal adaptativos são chamadas de disfuncionais (BECK, 2007).

Silva (2014) aponta que, segundo a teoria cognitiva-comportamental, os indivíduos atribuem significado a acontecimentos, pessoas, sentimentos e demais aspectos de sua vida e, com base nisso, comportam-se de determinada maneira e constroem diferentes hipóteses sobre o futuro e sobre sua própria identidade. Esse modelo teórico oferece, portanto, um importante aparato conceitual e hermenêutico para que se possa analisar como as pessoas pensam sobre o consumo e o uso do dinheiro. A partir dos argumentos dessa teoria, é possível afirmar que as crenças sobre o sentido, o valor e sobre a relação com o dinheiro podem impactar de modo direto as ações (comportamentos) das pessoas quanto aos hábitos de consumo.

A teoria cognitivo-comportamental entende que os indivíduos pensam de forma diferente sobre uma mesma situação por conta de suas crenças. As crenças podem ser entendidas como a compreensão mais elementar que as pessoas possuem sobre si mesmas, a respeito dos outros, com relação ao mundo e ao futuro. Essas crenças interferem na percepção da situação, influenciando o processamento das informações sobre o que se sente e como se comporta (BECK, 2013).

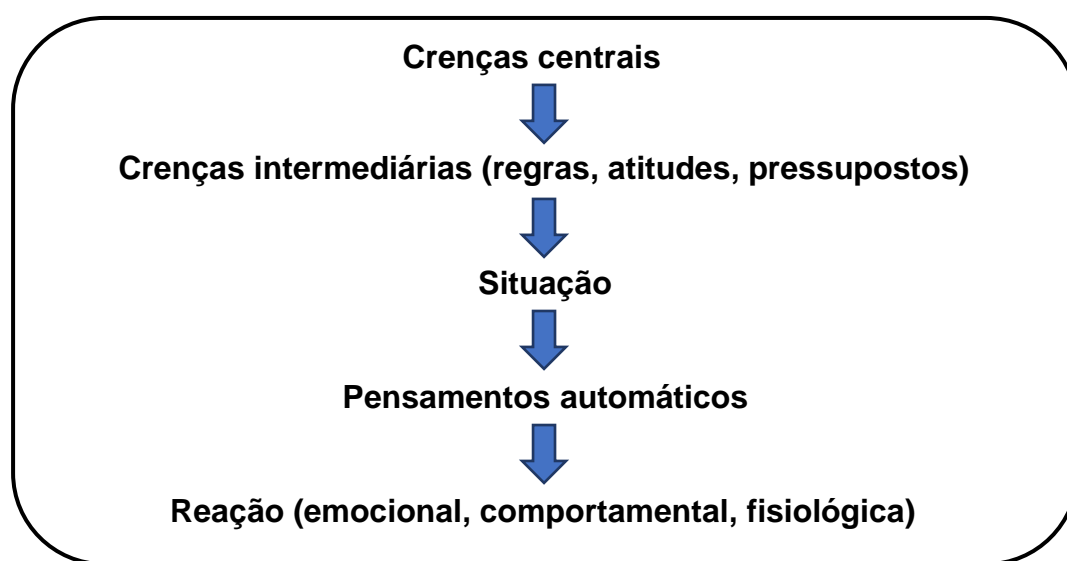
Conforme Neufeld e Cavenage (2010), a teoria cognitivo-comportamental apresenta três níveis de cognições, sendo elas: os pensamentos automáticos, crenças intermediárias e crenças centrais. Os pensamentos automáticos são do nível mais superficial da cognição e decorrem de uma situação específica. As crenças intermediárias correspondem as regras, atitudes ou suposições que são aprendidas

ao longo da vida com o propósito de dar significado ao mundo e construídas com base nas crenças centrais. As crenças centrais são as compreensões mais fundamentais e profundas e possuem como características serem globais, rígidas e generalizadas.

As crenças centrais são construídas nos primeiros estágios de desenvolvimento humano, influenciando o processamento de novas informações de forma a confirmar a sua manutenção e menosprezar informações contrárias (BECK, 2013). Contudo, isso não significa que novas crenças centrais não possam se desenvolver e que essas crenças estruturadas não possam ser modificadas.

Assim, segundo Beck (2013), sob a ótica da teoria cognitiva-comportamental, ao se deparar com uma situação específica, as crenças intermediárias influenciam a percepção do indivíduo por meio de pensamentos automáticos que influenciarão a reação emocional, fisiológica e comportamental, conforme Figura 1:

Figura 1 - Teoria cognitiva-comportamental.



Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de Beck (2013).

Dessa forma, reações indesejadas diante de determinadas situações acontecem por conta de uma distorção cognitiva, mas também por uma excessiva rigidez no sistema de crenças. Essa inflexão decorre de julgamentos absolutos e generalizados e torna as crenças mais rígidas, o que é denominado como “concretização”. Contudo, é possível identificar, examinar e modificar pensamentos disfuncionais, caso o indivíduo consiga refletir sobre a situação (SANTOS; MEDEIROS, 2017).

Em termos cognitivos, os pensamentos disfuncionais podem ser avaliados de

forma objetiva pelo indivíduo, possibilitando modificar a reação fisiológica, emocional ou comportamental do indivíduo indesejadas e favorecendo o surgimento de novas crenças mais adequadas à realidade (BECK, 2013).

Diversas técnicas podem ser utilizadas para identificar pensamentos disfuncionais, encorajar a avaliação e aumentar a capacidade de modificar os comportamentos. Dentre essas, Santos e Medeiros (2017) chamam atenção para o método do questionamento socrático que fundamenta-se na possibilidade de que as perguntas realizadas estimulem a curiosidade, ponderem pensamentos rígidos, envolvendo o participante no processo de aprendizagem sobre seu comportamento.

Britto (2012), ao relacionar a concepção da existência de um sistema de crença com a educação financeira, afirma que a esse ensino também deve ser percebido como um “sistema de conhecimento e crença”. As crenças são um fator decisivo no comportamento financeiro, uma vez que as atitudes financeiras de um indivíduo são estabelecidas com base em suas crenças econômicas e não econômicas (PROTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014).

A formação da consciência (do sistema de crenças), bem como a modificação das crenças, são fundadas em um processo fundamentalmente educativo. Para modificar suas crenças a pessoa precisa identificá-las, compreender o modo como elas influenciam seu funcionamento, dispor-se a questioná-las e a desenvolver novas compreensões da realidade. Nesse sentido, a educação financeira se propõe tanto a dispor oportunidades para formação de novas crenças como a modificação das que estão produzindo uma compreensão distorcida e disfuncional sobre o uso do dinheiro.

2.3. Educação financeira, formação profissional e suas aplicações

Neste subtópico, serão apresentados aspectos sobre a concepção de educação financeira e a possível relação com a formação profissional e tecnológica. Compreender a essência e a importância da educação financeira é fundamental para que propostas sobre a inserção desses conteúdos atendam às necessidades específicas do público a que se destina.

2.3.1. Educação financeira

Conforme Cunha (2020), desde os anos 2000, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) se tornou referência no mundo na sistematização e produção de conteúdo sobre educação financeira. De acordo com a OCDE (2005, p. 13), a educação financeira é “o processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e riscos envolvidos nos produtos e serviços financeiros, possibilitando a tomada de decisões fundamentadas e seguras.” Assim, a educação financeira é o processo que possibilita ao indivíduo ter clareza sobre as alternativas existentes para realizar a gestão adequada de seus recursos financeiros.

Hogarth; Hilgert (2002), ao revisar a literatura sobre educação financeira, afirmam que a maioria das definições sobre o tema incluem aspectos relacionados ao conhecimento de conteúdos financeiros, a compreensão sobre finanças básicas e a capacidade de usá-los para planejar e realizar decisões financeiras.

Worthing (2006), após pesquisar sobre educação financeira, esclarece que os estudos podem ser categorizados em dois segmentos: o primeiro tenta explicar os diferentes padrões de alfabetização financeira na população e o segundo busca verificar os esforços para avaliar a eficácia dos programas de educação financeira individual.

Savoia; Saito; Santana (2007) afirmam que a compreensão dos conceitos sobre finanças pessoais permite que o indivíduo seja capaz de tomar as decisões mais seguras, melhorando a sua situação econômica. Por outro lado, a falta de domínio sobre a gestão de recursos financeiros faz com que os indivíduos não considerem aspectos relevantes em suas decisões, o que pode gerar sérios riscos que impactam na sua vida como a redução do nível de saúde física e mental, o comprometimento de sua renda para o pagamento de juros, multas e perda de patrimônio (ARAÚJO; SOUZA, 2012).

Desse modo, a compreensão sobre gestão de recursos financeiros pode ser entendida como um instrumento de prevenção que permite o desenvolvimento da capacidade de enfrentar dilemas financeiros, considerando que as decisões irão impactar a vida dos indivíduos (ANDERLONI; VANDONE *apud* PROTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014). Agawal et al. (2015) afirmam que a conscientização sobre a forma de alocação dos rendimentos entre consumo e poupança impactam na gestão financeira

e, conseqüentemente, na melhoria da qualidade de vida.

Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019) apresentam que as ações de educação financeira podem influenciar fatores comportamentais importantes, como a compulsão por compras, o uso adequado dos cartões de crédito e a propensão ao endividamento. Segundo tais autores, a compreensão desses aspectos possibilita a cidadania financeira. Conforme o BCB (2018), a cidadania financeira ocorre quando o indivíduo exerce os direitos e deveres decorrentes do gerenciamento dos recursos financeiros. Essa cidadania se desenvolve em um contexto de inclusão financeira e educação financeira.

As pesquisas sobre educação financeira, tanto em âmbito internacional e nacional, apontam que os conhecimentos envolvidos no processo de educação financeira são elementos fundamentais na prevenção contra embaraços financeiros, uma vez que possibilitam a capacitação intelectual para a tomada de decisões. (HUSTON, 2010 *apud* VIEIRA; MOREIRA JUNIOR; POTRICH, 2019).

Diversos estudos mostraram que o desenvolvimento da alfabetização financeira influencia o aumento do nível de poupança, o planejamento de ações para a aposentadoria, as estratégias de diversificação de investimento, a utilização consciente do crédito e o aumento de patrimônio (GROHMANN; KOUWENBERG; MENKHOFF, 2015).

Conforme Savoia, Saito e Santana (2007), a economia se modificou com o desenvolvimento tecnológico, aumentando a complexidade dos serviços financeiros. Contudo, a falta de conhecimento sobre gestão financeira impacta negativamente nas decisões financeiras dos indivíduos e da família. Fernandes, Lynch e Netemeyer, (2014) afirmam que o ambiente financeiro se tornou complexo e perigoso, de tal forma que a educação financeira pode funcionar como um antídoto capaz de fazer com que os indivíduos compreendam as informações relevantes dentro de um problema financeiro, enxergando as opções mais adequadas para a sua realidade.

Gerardi, Goette e Meier (2010) ao pesquisarem os tomadores de empréstimos nos Estados Unidos da América (EUA), verificaram que quanto menor o conhecimento financeiro e a habilidade numérica, maior é a inadimplência do indivíduo. Afinal, a complexidade do sistema financeiro aliada a falta de alfabetização financeira propicia a tomada de decisões inadequadas e com reflexos indesejáveis.

Britto (2012) chama atenção para a importância da educação financeira diante do desenvolvimento do capitalismo, do consumo exacerbado e da ausência de

conhecimento na implementação de planejamentos financeiros. Nesse contexto, os indivíduos aproximam-se de serviços financeiros complexos sem possuir o conhecimento necessário sobre os impactos dessas ações.

Delavande, Rohwedder e Willis (2008) definem a educação financeira como uma espécie singular de capital humano que se adquire ao longo do ciclo de vida, por meio do acúmulo de conhecimentos sobre assuntos que possam melhorar a gestão de receitas e despesas de forma efetiva. O indivíduo financeiramente educado se comporta de forma ativa em relação à gestão eficiente dos recursos financeiros (BEAL; DELPACHITRA, 2003).

Hogarth e Hilgert (2002) destacam que o conceito de educação financeira é amplo, podendo abranger desde a compreensão sobre aspectos econômicos, como as decisões financeiras são afetadas pelas condições e circunstâncias econômicas, até uma visão estritamente relacionada à gestão de dinheiro realizada por meio de orçamento, utilização de crédito e investimento.

Portanto, o contato com a educação financeira permite ao indivíduo ampliar o conhecimento sobre as alternativas disponíveis no mercado financeiro. O entendimento relacionado as operações com dinheiro, as taxas de juros e a sua relação intertemporal, a consciência sobre a concessão de descontos e a relação existente entre risco e retorno de uma operação, seja de crédito ou de investimento, são fundamentais para otimização do controle financeiro (DINIZ et al., 2016).

Uma importante perspectiva sobre a educação financeira é apresentada por Araújo e Souza (2012). Tais autores afirmam que a educação financeira é capaz de melhorar a simetria de informações entre os participantes do mercado financeiro. Neste sentido, a redução da assimetria de informação aumenta a transparência e impulsiona a competitividade, trazendo mais eficiência para todo o mercado. Afinal, ao compreender os aspectos envolvidos em uma operação financeira, espera-se que os indivíduos consigam escolher a opção que lhe seja mais favorável. Por outro lado, as entidades que oferecem produtos e serviços financeiros podem aumentar a previsibilidade quanto às operações diante da efetivação dos contratos por parte dos consumidores.

Braunstein e Welch (2002) corroboram com essa mesma perspectiva ao afirmar que os agentes de um mercado (consumidores e ofertantes), quando estão cientes sobre as características do produto ou serviço em negociação, contribuem com o desenvolvimento desse segmento, tornando-o mais competitivo e eficiente.

Conforme Messy e Monticone (2016), a educação financeira é uma ferramenta importante para todos os indivíduos que, de alguma forma, irão consumir produtos e serviços, podendo auxiliar nas atividades de elaboração de orçamento e gestão da renda e impactando nas decisões de consumo ou poupança. Além disso, ao realizar uma gestão financeira adequada, o indivíduo evita que a renda ou patrimônio seja comprometido com o pagamento de juros e/ou multas (ARAÚJO; SOUZA, 2012).

Segundo o BCB (2017), a implementação da educação financeira desenvolverá indivíduos mais conscientes financeiramente, menos afeitos à inadimplência e mais capacitados para realizar a sua gestão financeira. Dessa forma, acredita-se que a institucionalização da educação financeira possibilita o empoderamento financeiro dos indivíduos, influenciando positivamente na solidez do sistema financeiro.

Britto (2012) apresenta uma outra visão acerca da educação financeira ao afirmar que é uma prática social que se molda e se legitima com o fortalecimento do neoliberalismo, globalização, consumismo e financeirização do capital. Nesse sentido, a educação financeira se apresenta de forma não desinteressada, buscando que os indivíduos, inseridos em uma condição pós-moderna, transformem-se em melhores consumidores para o sistema financeiro.

No mesmo sentido, Ribeiro e Lara (2016) apontam que a “educação financeira” representa uma estratégia ideológica do capital financeiro, angariada pelos agentes do mercado financeiro que, sob o argumento da aquisição de conhecimentos, os indivíduos passariam a ter uma melhor compreensão no que se refere a conceitos e produtos financeiros são transformados em consumidores desses serviços, reduzindo ainda mais os riscos para o capital financeiro.

Por outro lado, Silva e Powell (2013) afirmam que a educação financeira escolar é o processo pelo qual informações sobre finanças pessoais e economia são compartilhadas com os estudantes, de forma a torná-los aptos a analisar e realizar escolhas financeiras de forma fundamentada, possibilitando uma posição crítica sobre questões financeiras que rodeiam sua vida pessoal, familiar e da sociedade atual.

Nesse contexto, entende-se a educação financeira como o processo de ensino de conteúdos sobre finanças pessoais que possibilita ao indivíduo ter clareza sobre os impactos decorrentes de suas escolhas relacionadas à gestão dos recursos financeiros. Conforme Losano (2013), a educação financeira deve se preocupar com

a formação crítica e autônoma de indivíduos, que conscientes das condições financeiras existentes e dos seus direitos e deveres, façam a gestão dos recursos financeiros de acordo com seus objetivos. Nesse contexto, Britto (2012) afirma que a educação financeira necessita ser abordada sob a perspectiva do trabalhador, e não um meio de concretização das vontades do capital financeiro.

Nesse sentido, Todd (2002) apresenta três categorias centrais dos programas de educação financeira: aquele focado nas finanças pessoais; outro específico para poupança previdenciária, geralmente promovido por empresas; e, finalmente, o relacionado à compra de imóveis.

Ainda dentro da temática de finanças, Robb e Sharpe (2009) apresentam a distinção entre os conceitos de educação financeira e alfabetização financeira. Tais autores afirmam que a educação financeira consiste no processo de compartilhamento do conhecimento financeiro, enquanto a alfabetização financeira envolve a capacidade de compreender os conceitos e de tomar decisões, utilizando-se desse conhecimento.

Worthington (2006) aponta que a educação financeira enfatiza o conhecimento financeiro. Dentro da perspectiva pessoal, compreende-se os conceitos relacionados à economia e como as decisões são afetadas pelas condições econômicas, incluindo pontos relativos à gestão de recursos financeiros.

Já a alfabetização financeira, segundo a OCDE (2013), consiste na combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento financeiro que o indivíduo possui e possibilita a tomada de decisões financeiras de forma a alcançar os resultados desejados.

O conhecimento financeiro é uma forma de capital humano relacionado a capacidade de gerir receitas e despesas de forma eficiente, a atitude financeira reflete os valores e princípios econômicos ou não econômicos, utilizados pelo indivíduo para decidir sobre uma questão financeira e o comportamento financeiro corresponde as decisões financeiras adotadas pelos indivíduos. (ROGERS; ROGERS; SANTOS, 2018).

Conforme Gerardi, Goette e Meier (2010), os governos de países emergentes e em desenvolvimento estão atentos com o nível de alfabetização financeira dos cidadãos, cientes de que a falta de alfabetização financeira contribui para decisões financeiras equivocadas com repercussões negativas.

Worthington (2006, p. 4, *apud* Schagen e Lines, 1996), em relatório elaborado

para a Fundação Nacional para a Educação Pesquisa no Reino Unido (NFER), definiu alfabetização financeira como "a capacidade de tomar julgamentos e tomar decisões eficazes quanto ao uso e gestão do dinheiro."

Beal e Delpachitra (2003) argumentam que uma pessoa alfabetizada financeiramente possui a capacidade de compreender os conceitos relacionados à gestão de recursos financeiros, o conhecimento sobre serviços, instituições e sistemas financeiros, além de possuir um conjunto de habilidades analíticas e uma atitude facilitadora capaz de tornar eficaz e responsável a gestão financeira.

O ensino de finanças pessoais dentro de ambientes escolares surge como uma possibilidade de alfabetizar financeiramente futuros trabalhadores que serão inseridos no sistema financeiro, seja por meio da abertura de uma conta bancária para receber ou efetuar pagamento a pessoas físicas ou jurídicas, para receber benefícios governamentais ou, simplesmente, para realizar operações de crédito ou de investimento. Contudo, é importante destacar que estudos em diversos países demonstram que a educação formal não implica necessariamente em altos índices de alfabetização financeira.

O estudo realizado por Matta (2007), com alunos de graduação de cursos da área de Ciências Sociais e Aplicadas no Brasil, revelou que aproximadamente 40% (quarenta por cento) dos universitários não acertaram mais de 60% (sessenta por cento) dos questionamentos sobre finanças pessoais, apontando para a necessidade de expansão de informações sobre o tema. A pesquisa efetuada por Ansong (2011), com estudantes de graduação da escola de negócios em Gana, apontou que apenas 95% (noventa e cinco por cento) não acertaram mais de 60% (sessenta por cento) dos questionamentos sobre finanças pessoais, revelando também baixos níveis de conhecimento sobre o assunto. Lusardi, Mitchell e Curto (2010), ao pesquisarem a alfabetização financeira de jovens dos EUA, verificaram que apenas 27% dos jovens adultos possuíam conhecimentos básicos sobre taxas de juros, inflação e diversificação de riscos.

Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019), em pesquisa realizada em 31 municípios Rio-grandenses com objetivo de identificar níveis de alfabetização financeira segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas, apontaram em suas conclusões que ocorre um incremento não linear no nível de alfabetização financeira com o aumento do nível de escolaridade.

Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015), com o objetivo de compreender

como se constitui o processo de alfabetização financeira, apresentam o conceito de socialização financeira. Segundo os autores, a socialização financeira analisa o processo pelo qual se formam atitudes e valores nos indivíduos que podem influenciar suas decisões financeiras. Esse processo de “formação financeira” possui três grandes agentes: família, escola e trabalho. Nesse sentido, ensinar conteúdos sobre finanças na escola torna-se uma forma de desenvolver a alfabetização financeira, contribuindo para um comportamento responsável no futuro.

Messy e Monticone (2016), ao elaborarem o relatório sobre tendências e desenvolvimentos recentes na educação financeira nos países da Ásia e do Pacífico, constataram que os baixos níveis de escolaridade impactam ainda mais negativamente os níveis de alfabetização financeira, apresentando experiência de diversos países que iniciaram movimentos no sentido de incluir o ensino de finanças pessoais na fase escolar.

Shim et al. (2009), ao apresentar um modelo de construção do bem-estar financeiro, apresenta que a educação financeira em casa e a educação financeira formal podem representar um importante caminho para que jovens adquiram conhecimentos sobre finanças, desenvolvam atitudes desejáveis e intenções de comportamento com fundamento nesses conhecimentos.

Shim et al. (2009) afirma que o ensino de finanças pessoais no âmbito escolar faz-se necessário justamente porque a maioria dos jovens adultos passam por uma transição para a independência financeira após o ensino médio. Nesse sentido, desenvolver habilidades relacionadas à gestão financeira, ainda no período escolar, aumentaria o conhecimento financeiro, levando a atitudes mais assertivas. Afinal, nesse período da vida, o indivíduo começa a tomar decisões financeiras que se transformarão em hábitos durante toda a vida (SHIM et al., 2009).

Outro ponto importante abordado por Shim et al. (2009) diz respeito à diversidade e complexidade das influências impactantes nos comportamentos financeiros. Para o autor, somente é possível apresentar a natureza entrelaçada do sistema financeiro com abordagens que transcendam as fronteiras disciplinares.

Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019), ao pesquisarem a alfabetização financeira no Brasil, concluíram que os indivíduos com ensino fundamental dificilmente alcançam os níveis maiores de proficiência. Por outro lado, constataram que a conclusão do ensino técnico ou médio aumenta a possibilidade de que níveis mais altos de proficiência sejam alcançados.

Diante desse panorama que aponta a necessidade de inserção da educação financeira dentro do ambiente escolar, Britto (2012) afirma que é preciso que a escola esteja preparada para reconhecer os diversos interesses decorrentes dessa inserção. Destaca também que é importante construir uma proposição que atenda às necessidades dos estudantes de compreenderem conceitos relacionados a finanças pessoais, mas que lhes permita analisar criticamente.

Nesse contexto, Cunha (2020) afirma que a iniciativa da OCDE de inserir educação financeira nas escolas se justificaria diante do receio de países membros da organização com mudanças nas políticas sociais de redução de cobertura previdenciária; pelo aumento do endividamento pessoal e pela expansão das transações financeiras eletrônicas. A ausência desse conhecimento excluiria grupos sociais do mercado financeiro.

Nesse sentido, a OCDE incluiu em 2012, de forma opcional, uma avaliação da alfabetização financeira junto ao seu estudo mundial de avaliação de estudantes, o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). O PISA possibilita comparar de forma internacional o desempenho de alunos sobre conhecimentos e habilidades essenciais para a plena participação nas sociedades modernas. Contudo, no último resultado do PISA sobre alfabetização financeira, os estudantes brasileiros tiveram o pior desempenho em entre todos os países e economias da OCDE. (VIEIRA; MOREIRA JUNIOR; POTRICH, 2019).

Messy e Monticone (2016) afirmam que diversas respostas políticas têm sido dadas diante da necessidade de ampliação de projetos de alfabetização financeira. Segundo o relatório elaborado, diversos fóruns apontam que a alfabetização financeira é uma competência crítica para século XXI, sendo necessária a existência de esforços para o seu aprimoramento.

Nesse sentido, a OCDE, no relatório de 2016 decorrente de pesquisa realizada em 30 países sobre finanças e competências de alfabetização, sugere que as escolas participem também do processo de alfabetização financeira, buscando reduzir as consequências dos baixos índices. A atuação escolar deveria focar na possibilidade de desenvolver as habilidades e atitudes que ajudarão os estudantes no processo de alfabetização financeira, tornando-os aptos a elaborar um orçamento, compreender a importância de economizar e planejar com antecedência (OCDE, 2016).

Por outro lado, Cunha (2020) afirma que a educação sempre foi disputada por

grupos com interesses e compreensões diferentes do mundo. Nesse sentido, a imposição da introdução da educação financeira na formação representa mais um movimento dessa disputa que atende os interesses transnacionais. Assim, os conteúdos relativos à educação financeira atenderiam às necessidades de reprodução da sociedade capitalista.

Dolvin e Templeton (2006), ao investigarem a relação existente entre a educação financeira e a alocação de ativos com empregados de uma empresa que disponibilizou eventos de capacitação sobre planos de aposentadoria, verificaram que a educação financeira ajudou os funcionários a escolherem formas mais adequadas na alocação dos ativos de investimentos, assim como carteiras mais eficientes. Nesse sentido, o ensino de finanças pessoais no ambiente de trabalho possibilitaria o desenvolvimento de indivíduos críticos e preparados para administrar suas finanças de maneira efetiva.

Cunha (2020) afirma que para a implementação da educação financeira não basta a apresentação, elaboração e construção das justificativas pedagógicas para a iniciativa, sendo necessário que os educadores tenham a certeza genuína sobre a importância desse conhecimento. Além disso, o autor apresenta o planejamento da ação e a existência de recursos adequados como parâmetros necessários para que a ação tenha foco no desenvolvimento de atitudes, habilidades, conhecimento financeiros, bem como comportamentos financeiros responsáveis.

Britto (2012), apesar de questionar a perspectiva de educação financeira instituída para o desenvolvimento do sistema capitalista, afirma que a inserção da educação financeira de forma transversal é coerente com a concepção de que tais conhecimentos são necessários para o exercício da cidadania e, nesse sentido, interessa a todas as disciplinas.

Nesse contexto, Buaes e Comerlato (2016) apontam que é um desafio educativo possibilitar novas forma de leituras e interpretações da realidade. Dessa forma, as estratégias pedagógicas devem privilegiar a interação, a discussão e o debate em um processo de movimento da consciência no sentido de ir e vir à realidade.

2.3.2. A institucionalização da educação financeira no Brasil

Diante do aumento da bancarização e redução da proteção social no Brasil, Cunha (2020) afirma que se fortalece o movimento de inclusão financeira que apoia as políticas de estímulo e expansão do consumo das classes sociais mais vulneráveis, trazendo consigo ações voltadas para a educação financeira. Nesse contexto, a educação financeira se mostra como uma necessidade e, por conta disso, governo e diversos setores da sociedade têm fomentado ações e programas que buscam desenvolver competências financeiras.

No Brasil, ações institucionais em nível federal começaram a ser realizadas em 1998 com o lançamento pelo BCB do programa de comunicação educativa. O programa possuía como o objetivo difundir conhecimentos relacionados a educação financeira com ênfase nos conceitos econômicos, no sistema financeiro nacional e, posteriormente, no uso de serviços financeiros. Contudo, utilizava-se de uma abordagem puramente cognitiva sem considerar os aspectos comportamentais (BCB, 2018). Desde então, programas como o Programa de Educação Financeira (PEF) foram desenvolvidos com o objetivo de ressaltar a importância da gestão financeira (ARAÚJO; SOUZA, 2012).

Segundo a OCDE, os países devem possuir uma estrutura de educação financeira regulamentada com o objetivo de proteger os consumidores de serviços financeiros. Nesse sentido, a Rede Internacional de Educação Financeira (INFE)⁹ da OCDE considera que a formulação de políticas de promoção da educação financeira é um desafio global (OCDE, 2010). García *et al.* (2013) revela que autoridades brasileiras ressaltam que a educação financeira possibilita que os indivíduos obtenham resultados financeiros mais satisfatórios, contribuindo também com o desenvolvimento do econômico país. Atualmente, mais de 60 países já possuem estratégias nacionais de educação (OCDE, 2005).

A implementação dessa estrutura de educação financeira pressupõe a realização de avaliações diagnósticas com objetivo de identificar as principais necessidades e o público-alvo das ações. Conforme García *et al.* (2013), os resultados dessas avaliações indicam que parte significativa da população no Brasil não

⁹ A INFE foi constituída durante a crise econômica de 2008 e é composta por membros de mais de 125 países. Possui como objetivo apoiar a formulação políticas públicas e implementação de estratégias nacionais de educação financeira e programas individuais de educação financeira.

consegue gerenciar suas finanças e o nível de poupança e investimento são inadequados quando comparados com o consumo. Dessa forma, ações educativas devem focar no desenvolvimento de competências voltadas para a gestão financeira pessoal.

A publicação do Decreto nº 5.685/2006¹⁰ instituiu o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguro, de Previdência e Capitalização (Coremec)¹¹ que possui como finalidade coordenar ações de forma a ampliar a estabilidade do sistema financeiro nacional. Com isso, ocorreu um importante passo para o desenvolvimento da estratégia brasileira de educação financeira, já que, dentre outras ações, a Coremec coordenou o processo de criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef).

A Enef, instituída pelo Decreto Federal nº 7.397/2010 e renovada pelo Decreto Federal nº 10.393/2020, caracteriza-se como uma política permanente de Estado decorrente de uma mobilização multisetorial de instituições que reúne representantes de oito órgãos e entidades governamentais¹² que integram o Fórum Brasileiro de Educação Financeira – FBEF. A Enef possui as seguintes diretrizes estratégicas: a atuação com informação, orientação e formação; gratuidade das ações e prevalência do interesse público; gestão centralizada com atividades descentralizadas.

Diante dos objetivos de aumentar a eficiência e solidez do sistema financeiro; fortalecer a cidadania e disseminar a educação financeira e previdenciária, a Enef desenvolve e apoia ações e programas transversais voltados para a disseminação de conhecimentos sobre direitos e deveres do consumidor de produtos financeiros, planejamento, consumo, crédito, poupança, previdência, seguros e investimento. Nesse sentido, a Enef desenvolveu em conjunto com outras instituições o site “www.vidaedinheiro.gov.br”, uma série de episódios lançados na internet sobre finanças pessoais, cursos à distância, materiais textuais e até um jogo disponível para celulares.

¹⁰ Atualmente a Coremec encontra-se regulamentada pelo Decreto nº 10.465/2020.

¹¹ O Coremec é composto pelas seguintes instituições: 1. Banco Central do Brasil; 2. Comissão de Valores Mobiliários; 3. Superintendência Nacional de Previdência Complementar; 4. Superintendência de Seguros Privados.

¹² O FBEF é composto pelas seguintes instituições: 1. Banco Central do Brasil; 2. Comissão de Valores Mobiliários; 3. Superintendência de Seguros Privados; 4. Secretaria do Tesouro Nacional; 5. Secretaria de Previdência; 6. Superintendência Nacional de Previdência Complementar; 7. Secretaria Nacional do Consumidor e 8. Ministério da Educação.

3 MÉTODO E METODOLOGIA

Neste capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos realizados durante a pesquisa. Esta parte foi subdividida nos seguintes tópicos: a pesquisa e o instrumento de coleta de dados; o contexto de aplicação e participantes da pesquisa; e os procedimentos de análise dos dados.

3.1 A pesquisa e o instrumento de coleta de dados

Conforme Bicudo (1993), pesquisar caracteriza-se pela busca de compreensões, interpretações e explicações significativas ou mais claras sobre o objeto de estudo por um ponto de vista, diante de uma interrogação formulada. Almeida (2010) afirma que o ato de pesquisar pressupõe a aplicação de procedimentos metodológicos capazes de delinear o problema de pesquisa que impulsionou o pesquisador de forma que os objetivos da pesquisa sejam atingidos. De acordo com Fiorentini e Lorenzato (2006), a essência do objeto de pesquisa indica a abordagem metodológica a ser seguida.

Nesse contexto, esta pesquisa define-se como de natureza aplicada. De acordo com Barros e Lehfeld (2014), a pesquisa aplicada destina-se a orientar a implementação de uma solução imediata de problemas do cotidiano. Em relação aos objetivos, classifica-se como descritiva, uma vez que busca apresentar “características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Quanto à abordagem, esta pesquisa caracteriza-se como quantitativa e qualitativa. Conforme Souza e Kerbauy (2017, p. 21), a junção das abordagens quantitativa e qualitativa “se complementam e podem ser utilizados em conjunto nas pesquisas, possibilitando melhor contribuição para compreender os fenômenos educacionais investigados, que cada vez mais se apresentam a partir de múltiplas facetas.” Segundo Gatti (2002), ambas as abordagens não estão totalmente dissociadas. Na quantitativa, o significado do fenômeno é vinculado a uma grandeza. Por outro lado, a abordagem qualitativa possibilita a interpretação desse significado.

A combinação dessas abordagens tem sido denominada pelos pesquisadores de diversas formas: “pesquisa quanti-qualitativa ou quali-quantitativa, métodos mistos, métodos múltiplos e estudos triangulados” (SOUZA; KERBAY, 2017,

p. 38). Tais autores afirmam que essa tipologia combinada é aplicável no âmbito das ciências sociais, existindo um movimento crescente de estudiosos que possuem posicionamento favorável a diferentes formas de combinação de metodologias. Nesse sentido, tal abordagem pode ser sistematizada de quatro formas diferentes, conforme:

triangulação que busca comparar e contrastar dados estatísticos com dados qualitativos obtidos simultaneamente; embutido, no qual um conjunto de dados (quantitativos) apoiam os outros dados (qualitativos) ou vice-versa, ambos também obtidos simultaneamente; explanatório, no qual dados qualitativos são utilizados para explicar resultados quantitativos ou vice-versa; exploratório, cujos os resultados qualitativos contribuem para o desenvolvimento do subsequente método quantitativo (SOUZA; KERBAUY, 2017, p.38).

A fim de compreender a importância da educação financeira no âmbito da educação profissional e tecnológica, a pesquisa bibliográfica abrangeu os seguintes temas: aspectos econômicos e consumo das famílias; finanças pessoais, comportamental e a teoria cognitivo-comportamental e; educação financeira, alfabetização e cidadania financeira. Conforme Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida com base no material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Com o intuito de identificar o grau de alfabetização financeira dos estudantes dos cursos técnicos subsequentes, foi construído um questionário que possui como base pesquisas sobre educação financeira já realizadas e utiliza-se dos conceitos apresentados no referencial teórico. De acordo com Gil (2002), “por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado”.

Como a alfabetização financeira envolve aspectos que ultrapassam o conhecimento financeiro, como a atitude e o comportamento, aferir esse nível é uma atividade complexa. Conforme Remund (2010), as dimensões investigadas para medir a alfabetização financeira são múltiplas, não existindo um instrumento de pesquisa padronizado que tenha sido validado. Nesse cenário, uma das alternativas é aderir aos procedimentos adotados por outros pesquisadores.

Huston (2010), ao revisar a literatura relacionada à medição da alfabetização financeira, afirma que a construção dos instrumentos de pesquisa obedece às seguintes etapas: definição do formato, do conteúdo do item, do método de medida e da pontuação do item. Além disso, constatou que os instrumentos de pesquisas construídos envolvem quatro áreas, sendo elas: noções básicas sobre dinheiro, incluindo o seu valor no tempo; utilização de créditos e cartões, incluindo a

compreensão sobre o valor presente de dívidas; as possibilidades de investimento decorrente de poupança gerada e os aspectos relacionados à gestão e proteção de recursos.

Nesse sentido, a pesquisa da OCDE (2016) sobre a alfabetização financeira de adultos utilizou instrumento que aborda o conhecimento financeiro com itens que tratam sobre o valor do dinheiro no tempo, juros em operações de crédito, análises de risco e retorno, compreensão sobre inflação e diversificação. Na perspectiva sobre comportamento financeiro, os itens do instrumento de pesquisa contêm questões relacionadas à realização de poupança, impulsividade no processo de compras, adimplência e escolha de produtos financeiros. No que diz respeito à atitude financeira, o instrumento trata de temática do consumo.

Com base nesses parâmetros, o instrumento de pesquisa foi construído a partir da análise dos questionamentos realizados nos estudos sobre educação financeira realizados por: Beal e Delpachitra (2003), Peng et al. (2007), Robb e Sharpe (2009), Shim et al. (2009), Santana e De Almeida Pimenta (2013), Fernandes e Lynch; Netemeyer (2014), Potrich, Vieira e Kirch (2015), Conto et al. (2015), Potrich (2016), OCDE (2018a) e, Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019).

Após levantamento inicial, obteve-se como resultado 269 questões que foram classificadas sobre as seguintes perspectivas: conhecimento financeiro, atitude financeira e comportamento financeiro. Na sequência, as perguntas repetidas ou similares foram excluídas e, em seguida, as questões remanescentes foram reformuladas, contextualizadas e/ou aglutinadas.

Finalizada a classificação, as questões de conhecimento financeiro foram separadas de acordo com os seguintes conteúdos: valor do dinheiro no tempo, operações de crédito, análises de risco e retorno, inflação, investimentos e diversificação. As perguntas sobre atitude financeira foram agrupadas de acordo com os seguintes conteúdos: consumo, gestão financeira e investimento. Por fim, as questões relacionadas ao comportamento financeiro foram separadas de acordo com os seguintes conteúdos: consumo, poupança, endividamento, gestão e escolha de produtos financeiros. Com isso, foi possível escolher questões que abarcassem todas as perspectivas e conteúdos relevantes.

Dessa forma, para aferir o grau de alfabetização financeira dos estudantes, o instrumento de pesquisa possui 32 questões objetivas, sendo 8 sobre conhecimento financeiro, 10 sobre atitude financeira e 14 sobre comportamento financeiro. Os itens

referentes ao conhecimento financeiro possuem a configuração de múltipla escolha com quatro alternativas, tendo somente uma resposta correta. As questões sobre atitude e comportamento financeiro são também do tipo múltipla escolha com cinco alternativas, de acordo com a escala *Likert*¹³ de concordância ou frequência, conforme quadro abaixo:

Quadro 4 – Estrutura da avaliação do grau de alfabetização financeira.

PERSPECTIVA	CONTEÚDO	QUESTÕES				TOTAL
Conhecimento financeiro	Valor do dinheiro no tempo	2.2				8
	Operações de crédito	2.1				
	Análises de risco e retorno	2.3				
	Inflação	2.4	2.5			
	Investimentos	2.7	2.8			
	Diversificação	2.6				
Atitude financeira	Consumo	3.2	3.6	3.8	3.9	10
	Gestão	3.1	3.3	3.4	3.5	
	Investimento	3.7	3.10			
Comportamento financeiro	Consumo	4.2	4.3	4.7	4.12	14
	Poupança	4.1				
	Endividamento	4.8	4.11	4.14		
	Gestão	4.4	4.6	4.13		
	Escolha de produtos financeiros	4.5	4.9	4.10		
TOTAL DE QUESTÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA						32

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante da necessidade de compreender como as crenças e o conhecimento sobre finanças influenciam o comportamento financeiro dos estudantes dos cursos técnicos subsequentes do IFB, Campus São Sebastião, o instrumento de pesquisa apresenta também 09 perguntas objetivas de múltipla escolha com cinco alternativas com itens de *Likert* e 06 questões subjetivas.

As questões objetivas e subjetivas que possuem o objetivo de identificar o sistema de crenças foram construídas com base na perspectiva da teoria cognitivo-comportamental, utilizando-se do método de questionamento socrático¹⁴ para

¹³ O item Likert é uma afirmação presente em pesquisas de opinião que apresenta os critérios para que o participante escolha a resposta.

¹⁴ Técnica proposta pela TCC para ajudar o indivíduo a compreender os padrões comportamentais, possibilitando a modificação de padrões de pensamento disfuncionais.

elaborar perguntas capazes de fazer com que o participante apresente suas crenças e pensamentos relacionadas aos seus sentimentos, gestão financeira, comportamento e problemas financeiros, conforme quadro abaixo:

Quadro 5 – Estrutura da avaliação entre crenças e comportamento financeiro.

PERSPECTIVA	TIPO DE QUESTÃO	CONTEÚDO	QTD ITENS										TOTAL
			5.2	5.3	5.4	5.5	5.6	5.7	5.8	5.9	5.10		
Crenças	Objetiva	Sentimentos	5.2	5.3	5.4	5.5	5.6	5.7	5.8	5.9	5.10	9	
	Subjetiva	Gestão financeira	1.7									6	
		Comportamento financeiro	1.9	4.15	5.1	5.11							
		Problemas financeiros	3.11										
TOTAL DE QUESTÕES SOBRE CRENÇAS FINANCEIRAS												15	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dessa forma, o instrumento de pesquisa é composto por 7 questões que buscam indicar o perfil do participante, 32 perguntas que objetivam aferir o grau de alfabetização financeira e 15 questões que visam compreender as crenças financeiras dos participantes, sendo 9 objetivas e 6 subjetivas. Ou seja, totalizando 54 questões, conforme APÊNDICE A.

Após a elaboração, o instrumento foi testado com estudantes do ensino técnico subsequente de forma a verificar eventuais necessidades de correção e/ou adequação. Conforme Gil (2002, p.119), o pré-teste dos instrumentos de pesquisa deve estar “centrado na avaliação dos instrumentos enquanto tais, visando garantir que meçam exatamente o que pretendem medir.”

Para desenvolver e aplicar o produto de educação financeira, será necessário inicialmente compreender as principais lacunas apresentadas pelos estudantes participantes da pesquisa sobre educação financeira. Dessa forma, será necessário realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o tema que possibilitará estruturação de atividades de ensino.

3.2 Contexto de aplicação e participantes da pesquisa

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (REPT), encontra-se vinculada ao Ministério da Educação e foi instituída pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, sendo composta pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná e o Colégio Pedro II.

A história da educação profissional no Brasil caracteriza-se por movimentos, muitas vezes, contraditórios que demonstram a existência de várias concepções sobre o que se pretende com essa formação. Dessa forma, percebe-se que o foco das políticas de educação profissional, em determinados momentos, busca atender os interesses do mercado de trabalho com a profissionalização de indivíduos para a execução de atividades operacionais, em outros, procura-se ofertar uma formação onde o trabalho é desenvolvido como um princípio educativo pedagógico de uma formação ampla.

Conforme Ramos (2014), a educação profissional no Brasil origina-se com a criação do colégio das fábricas em 1809 com o objetivo de ensinar ofícios a um segmento específico da população, os desvalidos. Estabelece-se, assim, a concepção dual no sistema educacional, um enciclopédico destinado a formar a elite e outro profissional destinado aos filhos dos trabalhadores.

Assim, os Institutos Federais buscam a construção de um processo educacional que integre a formação humana, considerando todas as dimensões da vida, constituídas pelo trabalho, ciência, tecnologia e cultura (RAMOS, 2014). Nesse mesmo sentido, Moura (2013) defende a implementação de escolas técnicas ao afirmar que o caminho para a travessia em direção à escola unitária, laica, universal, pública e gratuita deve ter início com a implantação de escolas que unam a teoria e a prática.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) foi criado em dezembro de 2008, juntamente com a instituição da REPT. Atualmente, o IFB possui estrutura *multicampi*, composto por uma Reitoria e 10 *campi* distribuídos nas regiões administrativas de Brasília, Ceilândia, Estrutural, Gama, Planaltina, Recanto das Emas, Riacho Fundo, Samambaia, São Sebastião e Taguatinga, atuando em diversos eixos tecnológicos conforme a vocação econômica da região.

O Campus São Sebastião começou suas atividades em 2011, possui uma área total de 26.216 m², distribuídas em 5 blocos. Possui auditório, biblioteca, laboratórios de informática e ginásio poliesportivo. Atualmente, o campus oferta cursos de formação inicial continuada, ensino médio integrado, técnico subsequente, tecnólogo e licenciaturas, possuindo aproximadamente 1.400 (mil e quatrocentos) alunos, encontra-se localizado na área Especial 2, S/N, Bairro São Bartolomeu - São Sebastião/DF.

Dentre os cursos de nível técnico pós ensino médio, o Campus São Sebastião oferta o curso técnico subsequente em secretariado e em secretaria escolar, aprovados pelas Resoluções nº 29/2011 e nº 25/2020 do CONSUP/IFB. Ambos os cursos são do eixo tecnológico de “gestão e negócios”, o curso de secretariado possui a carga horária total de 900 horas divididas em três semestres e o de secretaria escolar tem carga de 1.200 horas divididas em quatro semestres. Assim, a população da pesquisa de campo é constituída pelos estudantes matriculados nas sete turmas dos cursos técnicos subsequentes do Instituto Federal de Brasília, Campus São Sebastião, conforme Quadro 6:

Quadro 6 – Quantidade de alunos matriculados.

Curso	Turma	Número de Alunos
Técnico em secretariado	TecSec 1M1	47
	TecSec 1M2	27
	TecSec 1M3	29
Técnico em secretaria escolar	TecSecEsc 1M1	44
	TecSecEsc 1M2	24
	TecSecEsc 1M3	26
	TecSecEsc 1M4	11
Total		208

Fonte: elaborado pelo autor.

O curso técnico em secretariado busca formar profissionais para atuar em atividades de assessoria ou administração em secretaria. Esses profissionais são responsáveis por realizar atividades de assessoramento, consultoria e gestão no âmbito administrativo e secretarial, podendo desempenhar tais atribuições em empresas de prestação de serviços, órgãos de classe, indústria e comércio, seja em

organizações públicas, privadas ou ainda no terceiro setor (IFB, 2020a) .

O curso técnico em secretaria escolar objetiva formar profissionais para atuar coordenando e executando tarefas em secretarias escolares. Esses profissionais são responsáveis por realizar atividades relacionadas ao registro, movimentação e arquivo da documentação escolar dos estudantes e da execução do trabalho docente, podendo desempenhar tais atribuições em estabelecimentos de ensino públicos ou privados em todos os níveis de ensino (IFB, 2020b).


A escolha dos estudantes dos cursos subsequentes decorre da necessidade de pesquisar estudantes que, em sua maior parte, sejam responsáveis diretamente pela sua gestão financeira. Conforme Huston (2010), a escolha de adultos como público alvo apresenta-se de forma razoável para pesquisas sobre finanças pessoais, justamente porque estes controlam a maior parte de recursos financeiros.

Desse modo, a formação profissional não pode estar afastada de conceitos fundamentais que permeiam a educação financeira. Nesse sentido, Pires (2007) ressalta que a sociedade atual obriga que os indivíduos a partir de certa idade realizem operações financeiras em razão de bases mercantis sem perspectivas de mudanças. Desse modo, revela-se necessário a existência de um processo formativo que englobe a educação financeira.

Para coletar os dados da pesquisa foi construído um *site* com sistema de preenchimento do instrumento de pesquisa que permitiu aos participantes enviar as informações necessárias para análise e, ao mesmo tempo, conhecer o seu grau de alfabetização financeira, conforme as respostas escolhidas.

Figura 2 – Tela do sistema após preenchimento da pesquisa.

Questionário enviado com sucesso



Seu resultado: Alto nível de alfabetização financeira	
Conhecimento Financeiro:	7,00 pontos (100,00 %)
Atitude Financeiro:	5,00 pontos (100,00 %)
Atitude Financeiro:	5,00 pontos (100,00 %)
Comportamento Financeiro:	9,00 pontos (100,00 %)
Sua pontuação:	21,00 pontos (100,00 %)

CLASSIFICAÇÃO	
Baixo nível de alfabetização financeira:	0% até 60%
Nível intermediário de alfabetização financeira:	60% até 80%
Alto nível de alfabetização financeira:	80% até 100%

Fechar

Fonte: Elaborado pelo autor.

A aplicação da pesquisa *online* traz diversas vantagens como a ampliação do acesso, flexibilização e dinamização do processo. Ademais, em decorrência da pandemia da COVID19, o calendário escolar de aulas do 2º semestre de 2021 do IFB passou para a modalidade de Ensino à Distância (EaD), impossibilitando a aplicação presencial do instrumento de pesquisa.

Além disso, a OCDE (2018a), ao propor a aplicação de seu instrumento de pesquisa para medicação da alfabetização financeira, apresenta a possibilidade de realizar a pesquisa de forma online, destacando eventuais vantagens dessa configuração, como: a redução de custos, a facilidade na coleta e no gerenciamento das respostas, permitindo também maior sigilo e confiabilidade de respostas que envolvam dados sensíveis como rendimento e gastos.

Nesse contexto, o instrumento de pesquisa será compartilhado em aplicativos de mensagens eletrônicas das turmas e enviado para os e-mails de todos os alunos matriculados no curso técnico subsequente em secretariado e secretariado escolar. O questionário ficará disponível para receber respostas durante os meses de outubro e novembro de 2021.

3.3 Procedimentos de análise dos dados

A OCDE (2016) construiu um instrumento de pesquisa para aferir o grau de alfabetização financeira cuja pontuação máxima corresponde a 21 pontos divididos da seguinte forma: 7 pontos para conhecimento financeiro; 5 pontos para atitudes financeiras e 9 pontos para comportamento financeiro. No Brasil, 1.974 adultos participaram da pesquisa e obtiveram em média 12,1 pontos, sendo 13,2 pontos a média entre todos os países participantes.

Nesse sentido, a análise do resultado de cada participante da pesquisa seguirá a mesma sistemática proposta pela OCDE. Os pontos de cada uma das perspectivas foram divididos pela quantidade de conteúdos abordados: conhecimento financeiro (6 tópicos); atitude financeira (3 tópicos) e comportamento financeiro (5 tópicos). Dessa forma, para encontrar o valor atribuído a questão, é necessário dividir a pontuação da perspectiva pela quantidade de itens dos conteúdos abordados, conforme quadro:

Quadro 7 – Pontuação para aferição do grau de alfabetização financeira.

Perspectiva	Conteúdo abordado	Valor da perspectiva	Pontos no tópico	Qtd. de Itens	Valor do Item
Conhecimento financeiro	1. Valor do dinheiro no tempo	7	1,167	1	1,167
	2. Operações de crédito		1,167	1	1,167
	3. Análises de risco e retorno		1,167	1	1,167
	4. Inflação		1,167	2	0,583
	5. Investimentos		1,167	1	1,167
	6. Diversificação		1,167	1	1,167
Atitude financeira	1. Consumo	5	1,667	4	0,42
	2. Gestão		1,667	4	0,42
	3. Investimento		1,667	2	0,83
Comportamento financeiro	1. Consumo	9	1,800	4	0,45
	2. Poupança		1,800	1	1,80
	3. Endividamento		1,800	2	0,90
	4. Gestão		1,800	3	0,60
	5. Escolha de produtos financeiros		1,800	3	0,60

Fonte: Elaborado pelo autor.

A classificação do nível de alfabetização financeira dos estudantes se dará após a obtenção dos dados oriundos do questionário. Seguindo a classificação proposta por Chen e Volpe (1998), os respondentes da pesquisa que acertarem até 60% dos questionamentos serão classificados como possuidores de baixo nível de conhecimento financeiro, os que obtiverem resultado entre 60% e 79% serão classificados como de nível mediano de conhecimento financeiro e os respondentes que obtiverem pontuação superior a 80% serão classificados como de alto nível de conhecimento financeiro, conforme quadro abaixo:

Quadro 8 – Critério de classificação do nível de alfabetização financeira.

Níveis de alfabetização financeira	Percentual de acerto
Baixo nível de alfabetização financeira	00% – 60%
Nível intermediário de alfabetização financeira	60% – 80%
Alto nível de alfabetização financeira	80% – 100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme Gil (2002), o processo de análise dos dados envolve diversos procedimentos: codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos. Assim, após a identificação do grau de alfabetização financeira de cada

estudante, os resultados serão consolidados e analisados com base na estatística descritiva, utilizando-se de indicadores como frequências de média, mediana e desvio padrão para identificar características gerais da população.

Calcularam-se distribuições percentuais e medidas de posição e de dispersão para as variáveis sociodemográficas e para aquelas relacionadas às formas de aprendizado sobre educação financeira e autoavaliação de conhecimentos sobre o assunto. Testes t de Student e ANOVA a um fator foram utilizados para verificar diferenças de médias entre as pontuações obtidas sobre conhecimento, atitude, comportamento e nível de alfabetização financeira e as variáveis de caracterização incluídas no estudo. Teste exato de Fisher foi utilizado para verificar associação entre as variáveis de caracterização incluídas no estudo e a classificação das pontuações sobre conhecimento, atitude e comportamento, bem como a classificação do nível de alfabetização financeira. O teste de correlação de Pearson foi aplicado para verificar a presença de correlação entre as pontuações obtidas, sendo coeficientes até 0,30 considerados fracos, entre 0,31 e 0,49 moderados e acima de 0,50 forte (COHEN, 1988). O nível de significância adotado em toda a análise foi de 5%.

A análise das relações entre crenças, atitudes e o comportamento dos estudantes foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo com auxílio do software Nvivo 12 Plus. Conforme Henkel (2017), a análise de conteúdo pode ser aplicada em respostas abertas de questionários, possibilitando a categorização, organização e sistematização textual. Conforme Henkel (2017, *apud* Mayring, 2010, p. 602):

a análise de conteúdo é uma análise interpretativa de textos por meio de decomposição do discurso e reconstrução racional de uma ideia central com a aplicação de regras lógicas a respeito da origem dessas mensagens com a finalidade de criar categorias.

Medeiros e Amorim (2017) reforçam a importância de que o processo analítico de análise de conteúdo inicie pela descrição. Segundo os autores, a descrição auxilia no estabelecimento das categorias para sucessivas interpretações. De acordo com Gil (2002), o processo de classificação consiste na organização e separação dos dados de forma que se consiga extrair conclusões. Dessa forma, após a descrição das respostas, espera-se que as categorias de análise surjam do confronto entre os dados da pesquisa e o referencial teórico, possibilitando a interpretação das relações existentes. Para tanto, utilizou-se das ferramentas de cálculo de frequência de

palavras, elaboração de nuvem de palavras e a análise de cluster por similaridade de palavras como métrica o coeficiente de correlação de Pearson do software NVivo 12 plus.

Neste sentido, a classificação realizada buscou identificar as crenças centrais e intermediárias dos participantes da pesquisa, sob o prisma da teoria cognitiva-comportamental. Após a identificação das crenças, foi possível compreender como elas se relacionam com comportamentos financeiros, possibilitando a construção do produto educacional que aborde, além dos conhecimentos financeiros, a questão comportamental.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse capítulo, serão apresentados os resultados e a discussão sobre a pesquisa aplicada. Com o objetivo de aprofundar as análises, os dados serão apresentados sob duas perspectivas: perfil e grau de alfabetização financeira dos estudantes e as relações entre crenças, conhecimento e comportamento financeiro. O instrumento de pesquisa obteve 88 respostas, contudo, 5 respostas foram descartadas por não integrarem o público da pesquisa, totalizando assim 83 participantes, o que corresponde a 39,90% da população da pesquisa (208 alunos).

4.1 Perfil e grau de alfabetização financeira dos estudantes

Os participantes da pesquisa possuem idade média de 33,79 com desvio padrão de $\pm 9,91$ anos, a idade mínima é de 15 e máxima de 57 anos. A média de idade no sexo feminino foi de 33,94 com desvio padrão de $\pm 10,03$ anos e do sexo masculino, 31,4 com desvio padrão de $\pm 8,38$ anos, sem diferença estatisticamente significativa entre os sexos ($p=0,580$).

Tabela 1 – Análise estatística da idade dos participantes.

Variável	Média	DP	Mediana	IIQ [†]	Mínimo	Máximo
Idade	33,79	9,91	33	36	15	57

^{||} Desvio-padrão · [†] Intervalo interquartilico.

Ao organizar os dados da idade dos participantes em classes com as respectivas frequências, percebe-se que não existe uma faixa etária que concentra dos dados. A distribuição acontece de forma razoavelmente equilibrada entre os intervalos de 21 a 44 anos, ou seja, sob o prisma da idade, trata-se de um grupo heterogêneo, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Idade dos participantes.

Idade	n	%
15 a 20	8	9,64%
21 a 26	15	18,07%
27 a 32	18	21,69%
33 a 38	19	22,89%
39 a 44	11	13,25%
45 a 50	6	7,23%
51 a 57	6	7,23%

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com Natalense (1998), a instalação de multinacionais da área automobilística no Brasil propiciou a contratação de pessoas do sexo feminino para exercer as funções secretariais e, com isso, essa atividade passou a ser exercida predominantemente por mulheres e essa realidade permanece até o momento. Nesse sentido, encontram-se os resultados da pesquisa que apontam a predominância do sexo feminino, com aproximadamente 94% dos respondentes. Dentre os respondentes, 42,17% são empregados no setor privado como principal fonte de renda, sendo que mais de 80% dos participantes são responsáveis por tomar decisões financeiras diariamente (Tabela 3). O percentual elevado de respondentes que são responsáveis por tomar decisões financeiras evidencia a importância de que ações de desenvolvimento de competências financeiras sejam direcionadas para este público.

Tabela 3 – Caracterização sociodemográfica dos participantes.

Variáveis	n	%
Sexo		
Feminino	78	93,98
Masculino	5	6,02
Fonte principal de renda		
Empregado no setor privado	35	42,17
Autônomo ou prestador de serviços	11	13,25
Outros	10	12,05
Serviço público ou militar	4	4,82
Não possui renda	23	27,71
Responsável por tomar as próprias decisões sobre dinheiro no dia a dia		
Sim	67	80,72
Em conjunto com a família	11	13,25
Não possui renda própria	5	6,02

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionados sobre a forma sobre como aprenderam a usar o dinheiro, a resposta mais frequente foi a experiência (66,3%), seguida por família e amigos (14,46%). Por outro lado, nenhum dos participantes relatou ter aprendido sobre o uso do dinheiro dentro do ambiente escolar. Além disso, ao serem levados a avaliarem o seu grau de conhecimento sobre finanças, apenas 37,35% consideraram seu conhecimento “bom” ou “muito bom”. Considerando a existência de três gerações entre os pesquisados, o fato de nenhum dos participantes terem aprendido sobre finanças na escola, demonstra que tais instituições nunca participaram do processo de desenvolvimento de competências financeiras, conforme Tabela 4.

Tabela 4 – Caracterização das formas de aprendizado sobre educação financeira e autoavaliação de conhecimentos sobre o assunto.

Variáveis	n	%
Aprende com a experiência		
Sim	55	66,27
Não	28	33,73
Aprende na internet		
Sim	10	12,05
Não	73	87,95
Aprende por meio de livros, revistas e jornais		
Sim	4	4,82
Não	79	95,18
Aprende com família ou amigos		
Sim	12	14,46
Não	71	85,54
Aprende na escola		
Sim	0	0
Não	83	100,0
Aprende por meio de cursos		
Sim	4	4,82
Não	79	95,18
Avaliação de conhecimento sobre educação financeira em comparação a outros adultos do Brasil		
Muito bom	12	14,46
Bom	19	22,89
Regular	41	49,40
Ruim	8	9,64
Muito ruim	3	3,61

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.1. Conhecimento financeiro:

Em relação à perspectiva do conhecimento financeiro, o instrumento de pesquisa estabelecia 7,00 pontos como valor da pontuação máxima, tendo os participantes obtido pontuação média de 3,94 com desvio padrão de $\pm 1,69$. O resultado da pontuação de conhecimento financeiro mostrou-se independente de todas as variáveis pesquisadas. Embora sem diferença estatisticamente significativa, homens apresentaram pontuação média superior à das mulheres (Tabela 5). Embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas, percebe-se também que a pontuação obtida tende a aumentar ao longo da vida, a faixa etária inferior (15 a 20 anos) obteve a pior média (3,66 pontos) enquanto a faixa etária superior (50 a 57 anos) alcançou a maior média (4,76 pontos) que consiste em um aumento de 15,71%. Nesse sentido, tais dados podem indicar que a ausência de participação da escola no desenvolvimento de competências financeiras faz com que os indivíduos tenham que aprender com as suas próprias experiências.

Tabela 5 – Pontuação conhecimento financeiro

Variável	Média	Desvio Padrão
Sexo		
Feminino	3,90	1,69
Masculino	4,50	1,69
Participantes	3,94	1,69
Faixa etária		
15 a 20 anos	3,66	2,46
21 a 30 anos	3,95	1,95
31 a 40 anos	3,94	1,64
41 a 50 anos	3,73	1,54
51 a 57 anos	4,76	1,70

Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar de não ter sido encontrada significância estatística, ao classificar o conhecimento financeiro dos respondentes em baixo, médio e alto, torna-se claro quais grupos possuem menores pontuações. Nesse sentido, 63,64% do grupo feminino se encontra na classificação baixa. O achado converge com a perspectiva de Cardoso (2017) que, ao analisar a história social dos gêneros, assevera que somente após a inserção profissional das mulheres quebra-se o paradigma de uma sociedade patriarcal onde as mulheres começam a assumir também papéis

relacionados a gestão financeira.

Em relação à idade, novamente, é possível perceber que falta compreensão dos conteúdos sobre finanças pelos mais jovens, pois 71,43% dos indivíduos na faixa etária de 15 a 20 anos e 72,73% daqueles que se encontram na faixa etária de 21 a 30 anos, estão classificados com baixo conhecimento financeiro.

Tabela 6 – Associação entre variáveis sociodemográficas e pontuação sobre conhecimento financeiro.

Variáveis	Classificação						Valor de p [†]
	Baixo		Médio		Alto		
	n	%	n	%	n	%	
Sexo							0,496
Feminino	49	63,64	13	16,88	15	19,48	
Masculino	2	40,0	1	20,0	2	40,0	
Faixa etária							0,456
15 a 20 anos	5	71,43	0	0	2	28,57	
21 a 30 anos	16	72,73	2	9,09	4	18,18	
31 a 40 anos	19	59,38	8	25,0	5	15,63	
41 a 50 anos	9	60,0	3	20,0	3	20,0	
51 a 57 anos	2	33,33	1	16,67	3	50,0	

[†] Teste exato de Fisher.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao testar possíveis associações entre a forma de aprendizado do conhecimento financeiro e a pontuação obtida no teste, não se encontrou significância estatística. Porém, chama atenção o fato de que para as opções “aprendeu na internet”; “aprendeu por meio de livros, revistas e jornais”; “aprendeu com a família” e “aprendeu com cursos”, pois os participantes que afirmaram terem se utilizado dessas fontes de aprendizado (respondendo “sim”) obtiveram médias inferiores aos que afirmam não terem se utilizados dessas mesmas fontes de aprendizado. Por exemplo, os participantes que afirmaram ter aprendido sobre educação financeira com a internet, marcando “sim” obtiveram média inferior (3,88 pontos) em relação aos que afirmaram não terem aprendido com a internet (3,95 pontos). Isso aconteceu para todas as categorias, exceto para os que afirmaram que aprenderam com a experiência. Essa categoria obteve a maior pontuação (4,08 pontos) e os participantes que marcaram “sim” obtiveram um resultado médio de 6% superior aos que marcaram “não”. Tal achado chama atenção para a efetividade do aprendizado financeiro e os resultados

podem indicar que ações relacionadas a educação financeira precisam possuir um caráter mais contínuo para que, de fato, mudanças no conhecimento financeiro possam ser observadas.

Tabela 7 – Associação forma de aprendizado e pontuação conhecimento financeiro.

Variável	Média (DP)	Mediana (IIQ)	Mínimo	Máximo	Valor de p
Aprende sobre educação financeira com a experiência					0,285 [†]
Sim	4,08 (1,59)	4,08 (4,66)	1,16	7,0	
Não	3,66 (1,86)	3,50 (5,25)	0,58	7,0	
Aprende sobre educação financeira na internet					0,916 [†]
Sim	3,88 (2,24)	4,08 (1,17)	0,58	7,0	
Não	3,95 (1,63)	3,50 (5,25)	0,58	7,0	
Aprende sobre educação financeira por meio de livros, revistas e jornais					0,375 [†]
Sim	3,20 (0,75)	3,20 (1,75)	2,33	4,08	
Não	3,98 (1,71)	3,79 (5,84)	0,58	7,0	
Aprende sobre educação financeira com família ou amigos					0,478 [†]
Sim	3,60 (1,44)	3,49 (1,17)	1,75	6,41	
Não	3,99 (1,72)	4,08 (5,84)	0,58	7,0	
Aprende sobre educação financeira por meio de cursos					0,287 [†]
Sim	3,06 (1,20)	3,20 (2,33)	1,75	6,41	
Não	3,99 (1,70)	3,50 (5,84)	0,58	7,0	

[†] Teste exato de Fisher.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.2. Atitude financeira:

A perspectiva atitude financeira possuía pontuação máxima de 5,00 pontos. Dentre os participantes, a pontuação média foi de 3,79 com desvio padrão de $\pm 0,65$ pontos. Embora sem diferença estatisticamente significativa, homens apresentaram pontuação média superior as das mulheres, assim como pessoas de 15 a 20 anos apresentaram pontuação inferior àquelas nas demais faixas etárias. As médias da atitude financeira mostraram-se estatisticamente significante no que diz respeito à autoavaliação do participante sobre seu domínio financeiro em relação aos demais adultos brasileiros, ou seja, quanto maior a percepção do respondente quanto ao seu conhecimento, maior foi a sua pontuação na perspectiva atitude financeira. Outro

ponto de destaque é o fato de que a maior pontuação na perspectiva foi para os participantes que atuam como autônomos no que diz respeito à atividade profissional. Tal achado pode indicar que esses profissionais por possuírem uma remuneração variável precisaram aprender a tomar decisão mais acertadas no que concerne à gestão do dinheiro.

Tabela 8 – Pontuação atitude financeira por variáveis de análise.

Variável	Média (DP)	Mediana (IIQ)	Mínimo	Máximo	Valor de p
Sexo					0,517 [†]
Feminino	3,78 (0,66)	3,85 (2,39)	2,29	5,0	
Masculino	3,98 (0,59)	3,75 (0,73)	3,33	4,79	
Faixa etária					0,124 [‡]
15 a 20 anos	3,43 (0,72)	3,49 (0,10)	2,39	4,58	
21 a 30 anos	3,77 (0,69)	3,80 (1,67)	2,70	5,0	
31 a 40 anos	3,71 (0,57)	3,70 (1,35)	2,29	4,79	
41 a 50 anos	4,13 (0,57)	4,27 (1,25)	3,02	4,89	
51 a 57 anos	3,94 (0,83)	4,11 (0,31)	2,39	4,89	
Fonte principal de renda					0,411 [‡]
Empregado no setor privado	3,80 (0,69)	3,85 (2,08)	2,29	5,0	
Autônomo ou prestador de serviços	4,09 (0,54)	4,16 (0,32)	3,02	4,79	
Outros	3,83 (0,63)	3,80 (0,52)	2,81	5,0	
Serviço público ou militar	3,49 (0,34)	3,38 (2,73)	3,23	3,0	
Não possui renda	3,67 (0,67)	3,54 (1,88)	2,39	4,89	
Avaliação de conhecimento sobre educação financeira em comparação a outros adultos do Brasil					0,015 [‡]
Muito bom	4,32 (0,64)	4,53 (0,73)	3,02	5,0	
Bom	3,79 (0,61)	4,06 (1,04)	2,39	4,37	
Regular	3,71 (0,63)	3,75 (1,77)	3,39	5,0	
Ruim	3,67 (0,43)	3,59 (0,10)	3,02	4,27	
Muito ruim	3,12 (0,78)	3,23 (1,56)	2,29	3,85	
Todos os participantes	3,79 (0,65)	3,85 (2,39)	2,29	5,0	-

[†] Teste t de Student. [‡] Teste ANOVA a um fator.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda em relação a perspectiva atitude financeira, esta mostrou-se estatisticamente distinta a depender no aprendizado por meio da experiência. A aprendizagem por meio da experiência obteve a maior pontuação média (3,96)

quando comparada as outras fontes de aprendizado, além disso os respondentes que afirmaram ter aprendido com a experiência, obtiveram pontuação 10% superior em relação aos que não aprenderam com a experiência. Por outro lado, os resultados da perspectiva conhecimento financeiro apontaram que os respondentes que afirmaram que “aprendeu com a internet”, “aprendeu por meio de livros, revistas e jornais” e “aprendeu com a família” obtiveram pontuação média inferior aos que afirmaram não terem utilizado tais fontes, indicando mais uma vez que o aprendizado tem acontecido com o passar do tempo e tem sido pouca a contribuição das fontes mais utilizadas.

Tabela 9 – Pontuação perspectiva financeira por variáveis de análise.

Variável	Média (DP)	Mediana (IIQ)	Mínimo	Máximo	Valor de p
Aprendeu sobre educação financeira com a experiência					<0,001 [†]
Sim	3,96 (0,59)	3,96 (1,87)	2,39	5,0	
Não	3,46 (0,66)	3,38 (1,46)	2,29	5,0	
Aprendeu sobre educação financeira na internet					0,215 [†]
Sim	3,55 (0,64)	3,49 (0,52)	2,50	4,58	
Não	3,82 (0,65)	3,85 (2,19)	2,29	5,0	
Aprendeu sobre educação financeira por meio de livros, revistas e jornais					0,763 [†]
Sim	3,69 (0,93)	3,85 (2,08)	2,50	4,58	
Não	3,80 (0,64)	3,85 (2,19)	2,29	5,0	
Aprendeu sobre educação financeira com família ou amigos					0,655
Sim	3,71 (0,67)	3,70 (0,52)	2,50	5,0	
Não	3,80 (0,65)	3,85 (2,19)	2,29	5,0	
Aprendeu sobre educação financeira por meio de cursos					0,917 [†]
Sim	3,82 (0,92)	4,11 (2,08)	2,50	4,58	
Não	3,79 (0,64)	3,85 (2,19)	2,29	5,0	

[†] Teste t de Student.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.3. Comportamento financeiro:

A perspectiva comportamento financeiro tinha 9,00 como pontuação máxima. Os dados revelaram uma pontuação média dos participantes de 5,85 com desvio padrão de $\pm 1,42$. Embora sem diferença estatisticamente significativa, homens apresentaram escores médios superiores aos das mulheres, assim como pessoas de 15 a 20 anos apresentaram escores inferiores àquelas nas demais faixas etárias. As

médias do comportamento financeiro mostraram-se estatisticamente diferentes a depender do aprendizado ter ocorrido ou não pela experiência. Mais uma vez a pontuação média dos respondentes que afirmaram ter aprendido com a experiência foi superior aos do que não escolheram essa opção.

Na perspectiva comportamento financeiro, novamente, os profissionais autônomos obtiveram pontuação superior, chamando a atenção o fato de os respondentes da categoria servidor público ou militar, apesar de possuírem a maior pontuação quando ao conhecimento, possuem a pior pontuação quanto ao comportamento. Fortalecendo a hipótese que a estabilidade no emprego e a regularidade do valor recebido podem influenciar o comportamento, nesse caso, negativamente.

Tabela 10 – Associação entre variáveis sociodemográficas e pontuação do comportamento financeiro.

Variável	Média (DP)	Mediana (IIQ)	Mínimo	Máximo	Valor de p
Sexo					0,064 [†]
Feminino	5,78 (1,41)	5,68 (2,07)	2,85	8,88	
Masculino	6,99 (1,09)	7,12 (0,30)	5,25	8,28	
Faixa etária					0,324 [‡]
15 a 20 anos	5,16 (1,22)	5,51 (0,05)	3,03	6,84	
21 a 30 anos	6,19 (1,51)	6,13 (3,41)	3,56	8,88	
31 a 40 anos	5,62 (1,47)	5,51 (3,60)	2,81	8,40	
41 a 50 anos	6,11 (1,41)	6,0 (1,84)	3,48	8,43	
51 a 57 anos	6,15 (0,70)	6,30 (0,30)	5,06	7,05	
Fonte principal de renda					0,613 [‡]
Empregado no setor privado	5,73 (1,49)	5,51 (3,94)	2,85	8,43	
Autônomo ou prestador de serviços	6,25 (1,51)	6,48 (0,98)	3,48	8,47	
Outros	5,92 (1,03)	5,88 (0,82)	4,12	7,46	
Serviço público ou militar	5,0 (1,36)	5,17 (3,30)	3,18	6,48	
Não possui renda	5,97 (1,44)	5,96 (3,18)	3,03	8,88	
Aprendeu sobre educação financeira com a experiência					<0,001 [†]
Sim	6,27 (1,21)	6,37 (4,65)	3,93	8,88	
Não	5,03 (1,47)	4,95 (3,42)	2,85	6,75	
Avaliação de conhecimento sobre educação financeira em comparação a outros adultos do Brasil					0,002 [‡]
Muito bom	7,08 (1,57)	7,59 (1,91)	3,56	8,88	
Bom	5,96 (1,29)	5,96 (2,51)	4,01	8,40	
Regular	5,73 (1,25)	5,66 (3,49)	2,85	8,47	
Ruim	4,78 (1,17)	4,35 (0,23)	3,48	6,48	
Muito ruim	4,82 (1,41)	4,98 (2,82)	3,33	6,15	

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.4. Alfabetização financeira:

A soma da pontuação das perspectivas conhecimento, atitude e comportamento totaliza 21 pontos e caracteriza o nível de alfabetização financeira dos indivíduos. O resultado da pesquisa mostrou que a pontuação média dos respondentes foi de 13,55 com desvio padrão de $\pm 2,76$ em relação ao nível de alfabetização financeira dos participantes (Figura 3). Embora sem diferença estatisticamente significativa, homens apresentaram pontuação média superiores aos

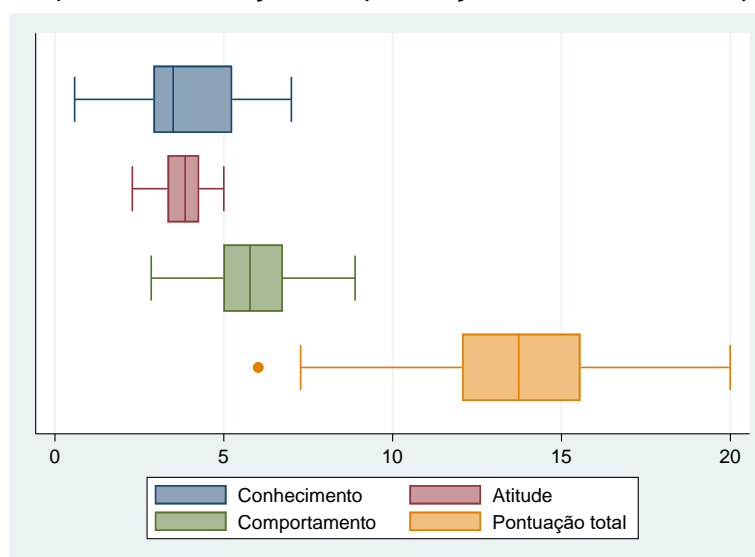
das mulheres, assim como pessoas de 15 a 20 anos apresentaram pontuação inferior àquelas nas demais faixas etárias. O resultado encontrado mostra-se pouco superior ao resultado da pesquisa elaborada pela OCDE sobre educação financeira no qual 1.974 adultos participaram e obtiveram em média 12,1 pontos, sendo 13,2 pontos a média entre todos os países participantes OCDE (2016).

Tabela 11 – Associação entre variáveis sociodemográficas e pontuação da alfabetização financeira.

Variável	Média (DP)	Mediana (IIQ)	Mínimo	Máximo	Valor de p
Sexo					0,108 [†]
Feminino	13,42 (2,76)	13,62 (8,99)	6,01	19,95	
Masculino	15,48 (2,30)	14,85 (3,10)	12,52	18,08	
Faixa etária					0,237 [‡]
15 a 20 anos	11,80 (4,07)	11,74 (2,87)	6,01	16,89	
21 a 30 anos	13,91 (2,79)	14,05 (4,16)	9,05	19,99	
31 a 40 anos	13,29 (2,47)	13,50 (6,01)	7,37	18,08	
41 a 50 anos	13,98 (2,58)	14,27 (2,65)	9,41	17,52	
51 a 57 anos	14,86 (2,06)	14,74 (2,20)	12,27	17,19	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 3 – Boxplot da distribuição das pontuações obtidas entre os participantes.



Fonte: Elaborado pelo autor.

As variáveis sociodemográficas e de aprendizado não apresentaram associação com a classificação do nível de alfabetização, conforme Tabela 12. Contudo, é possível verificar que os maiores níveis de alfabetização financeira concentra-se nos participantes do sexo masculino, entre pessoas da faixa etária de

51 a 57 anos, que se autoavaliaram com conhecimento “muito bom” na área de finanças.

Tabela 12 – Associação entre variáveis sociodemográficas e de aprendizado e classificação da pontuação total sobre alfabetização financeira.

Variáveis	Baixo		Classificação Intermediário		Alto		Valor de p [†]
	n	%	n	%	n	%	
Sexo							0,096
Feminino	27	34,62	44	56,41	7	8,97	
Masculino	1	20,0	2	40,0	2	40,0	
Faixa etária							0,431
15 a 20 anos	4	50,00	3	37,50	1	12,50	
21 a 30 anos	8	36,36	11	50,0	3	13,64	
31 a 40 anos	12	37,50	19	59,38	1	3,13	
41 a 50 anos	3	20,00	10	66,67	2	13,33	
51 a 57 anos	1	16,67	3	50,0	2	33,33	
Avaliação de conhecimento sobre educação financeira em comparação a outros adultos do Brasil							0,118
Muito bom	2	16,67	6	50,00	4	33,33	
Bom	7	36,84	12	63,16	0	0	
Regular	13	31,71	23	56,10	5	12,20	
Ruim	5	62,50	3	37,50	0	0	
Muito ruim	1	33,33	2	66,67	0	0	
Todos os participantes	28	33,73	46	55,42	9	10,84	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2 Relações entre crenças, conhecimento e comportamento financeiro

Em relação às crenças sobre finanças, foi possível verificar que 53,01% discordaram total ou parcialmente da opinião de que poupar é impossível dentro do seu contexto familiar; 61,45% discordaram total ou parcialmente da ideia de que é mais importante viver o hoje e não pensar no amanhã; 81,93% discordaram totalmente da posição de que não tem problema estar endividado e 78,31% também discordaram totalmente da afirmação que economizar não é muito importante (Tabela 13). Desse modo, percebe-se que a maioria dos participantes, apesar dos apelos da sociedade do consumo, compreendem as armadilhas da falta de planejamento financeiro e do consumo sem critério.

Não obstante, não se pode negar a influência dos fatores emocionais no

comportamento financeiro, afinal 54,21% concordam total ou parcialmente que comprar dá muito prazer e 34,94% concordaram total ou parcialmente que acaba comprando mais quando se sente ansioso ou triste (Tabela 13). A percepção por parte dos respondentes da importância dos aspectos emocionais, conforme a teoria cognitivo-comportamental, é fator chave para iniciar o processo de mudança do comportamento.

Tabela 13 – Crenças financeiras dos participantes.

Variáveis	n	%
Poupar é impossível para a nossa família:		
Concordo totalmente	10	12,05%
Concordo parcialmente	15	18,07%
Não concordo, nem discordo	14	16,87%
Discordo parcialmente	23	27,71%
Discordo totalmente	21	25,30%
Manter registros financeiros toma muito tempo:		
Concordo totalmente	2	2,41%
Concordo parcialmente	22	26,51%
Não concordo, nem discordo	18	21,69%
Discordo parcialmente	18	21,69%
Discordo totalmente	23	27,71%
Vivo o hoje e deixo o amanhã para amanhã:		
Concordo totalmente	2	2,41%
Concordo parcialmente	17	20,48%
Não concordo, nem discordo	13	15,66%
Discordo parcialmente	20	24,10%
Discordo totalmente	31	37,35%
Estou satisfeito com minha situação financeira atual:		
Concordo totalmente	3	3,61%
Concordo parcialmente	9	10,84%
Não concordo, nem discordo	8	9,64%
Discordo parcialmente	18	21,69%
Discordo totalmente	45	54,22%

Não tem problema estar endividado:

Concordo totalmente	2	2,41%
Concordo parcialmente	4	4,82%
Não concordo, nem discordo	1	1,20%
Discordo parcialmente	8	9,64%
Discordo totalmente	68	81,93%

Comprar me dá muito prazer:

Concordo totalmente	17	20,48%
Concordo parcialmente	28	33,73%
Não concordo, nem discordo	17	20,48%
Discordo parcialmente	9	10,84%
Discordo totalmente	12	14,46%

Economizar não é muito importante:

Concordo totalmente	4	4,82%
Concordo parcialmente	1	1,20%
Não concordo, nem discordo	5	6,02%
Discordo parcialmente	8	9,64%
Discordo totalmente	65	78,31%

Acabo comprando mais quando me sinto ansioso ou triste?

Concordo totalmente	19	22,89%
Concordo parcialmente	10	12,05%
Não concordo, nem discordo	10	12,05%
Discordo parcialmente	2	2,41%
Discordo totalmente	42	50,60%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Contudo, ao analisar as possíveis correlações entre as perspectivas estudadas, a Tabela 14 mostra que as pontuações sobre atitude e comportamento financeiro possuem correlação forte e positiva, enquanto as pontuações sobre conhecimento e comportamento e conhecimento e atitude não se correlacionam. Ou seja, a pontuação da parte de conhecimento financeiro (compreender os conceitos financeiros) não possui relação com a pontuação da atitude financeira (valores sobre finanças) ou do comportamento financeiro (decisões financeiras). Contudo a pontuação da

perspectiva atitude financeira, possui correlação positiva com o comportamento, ou seja, os participantes que obtiveram as melhores pontuações no comportamento financeiro (que tomam decisões financeiras mais adequadas) são os que obtiveram maior pontuação na perspectiva atitude financeira (que possuem valores e princípios financeiros mais voltados para o consumo consciente, a gestão adequada e o reconhecimento da importância do hábito de poupar e investir).

Tabela 14 – Correlação entre pontuações obtidas sobre conhecimento, atitude e comportamento financeiro.

	Comportamento	
	r	Valor de p [¶]
Conhecimento	0,114	0,304
Atitude	0,697	<0,001

¶ Teste de correlação de Pearson.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao consolidar os resultados da alfabetização financeira, é possível traçar o perfil do estudante com os piores e com os melhores resultados (Quadro 10). Comparar tais grupos ajuda a indicar e compreender como o fenômeno do desenvolvimento de competências financeiras tem acontecido, possibilitando a definição de estratégias possíveis e ações destinadas a grupos com os piores resultados no momento da elaboração de projetos de educação financeira, inclusive, na elaboração do produto educacional.

Quadro 9 – Perfil do participante com piores e melhores resultados.

VARIÁVEL	PIORES RESULTADOS	MELHORES RESULTADOS
Sexo	Mulheres	Homens
Idade	15 a 20	51 a 57
Autoavaliação	ruim	muito bom
Fonte de renda	Não possui renda	Servidores Público
Forma de aprendizado	Aprenderam na internet.	Aprenderam com a experiência.

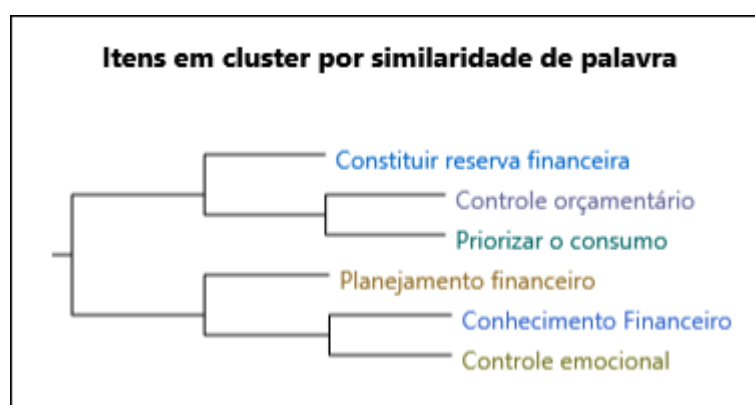
Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionados, de forma aberta, sobre o que é importante para a gestão financeira (pergunta 1.7), foi possível identificar e classificar as principais crenças, dentro dos seguintes temas: a necessidade realizar um controle orçamentário (38 ocorrências); a relevância de construir um planejamento financeiro (23 ocorrências); a necessidade de estabelecer critérios para o consumo (8 ocorrências);

a importância de construir um conhecimento financeiro (6 ocorrências); a importância da constituição de uma reserva financeira (3 ocorrências), assim como a importância dos aspectos emocionais (1 ocorrência). Tais crenças estão alinhadas com a essência da educação financeira. Contudo, chama atenção que somente um dos participantes abordou a questão psicológica como aspecto impactante na gestão financeira ao citar a importância do “equilíbrio emocional” para a gestão financeira.

Após a codificação das respostas dos participantes, foi possível realizar a análise de cluster, resultando no dendrograma da Figura 4. Por meio da representação gráfica, é possível perceber que as categorias como “controle orçamentário” e “priorização do consumo” possuem respostas mais similares. Da mesma forma, as repostas da categoria “conhecimento financeiro” e “controle emocional” possuem maior similaridade.

Figura 4 – Análise de cluster pergunta 1.7.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar a frequência das palavras nas respostas da mesma pergunta, percebe-se que as palavras “planejamento” e “controle” (relacionadas à gestão financeira) e “gastos” (relacionada à gestão do consumo) são as palavras mais recorrentes (

Tabela 15). No mesmo sentido, a importância dessas palavras para a gestão financeira é confirmada ao representar de forma gráfica as 50 palavras mais frequentes, confirmando a percepção dos respondentes sobre tais temas (Figura 5).

Tabela 15 - Frequência de palavras na pergunta 1.7.

Palavra	Frequência
planejamento	18
controle	16
gastos	16
organização	9
gastar	8
saber	8
conhecimento	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 5 – Percepção dos egressos sobre gestão financeira.



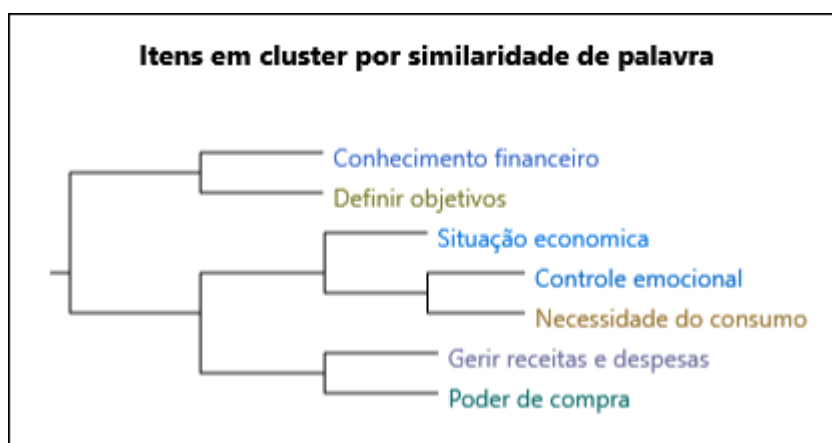
Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionados sobre os fatores que influenciam o seu comportamento financeiro (pergunta 1.9), foi possível identificar e classificar as principais crenças que podem persuadir o comportamento, dentro dos seguintes temas: a necessidade do consumo (25 ocorrências); a importância de gerir receitas e despesas (14 ocorrências), o poder de compra (11 ocorrências); a situação econômica (9 ocorrências); os sentimentos e emoções envolvidas no processo de compra (7 ocorrências); os objetivos definidos (6 ocorrências) e o conhecimento financeiro (1 ocorrência). Importante achado é o fato de que apenas um respondente citou o conhecimento financeiro como fator influenciador do comportamento financeiro, a

baixa relação expressada pelos respondentes nessa questão converge com teste de estatístico que não identificou a correlação existente entre tais perspectivas.

Após a codificação das respostas dos participantes, foi possível realizar a análise de cluster que teve como resultado o dendrograma da Figura 5. Por meio da representação gráfica, é possível perceber as categorias que possuem respostas com maior similaridade na pergunta 1.9.

Figura 6 – Análise de cluster pergunta 1.9.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar a frequência das palavras nas respostas da mesma pergunta, percebe-se que as palavras “dinheiro” (relacionado principalmente ao consumo e necessidade de fazer a gestão financeira adequada) e “necessidades” (também relacionada a importância do consumo no comportamento) aparecem com maior frequência e convergem com a classificação temática realizada. No mesmo sentido, ao representar de forma gráfica as 50 palavras mais frequentes é possível confirmar a percepção dos respondentes sobre tais temas, conforme Figura 7.

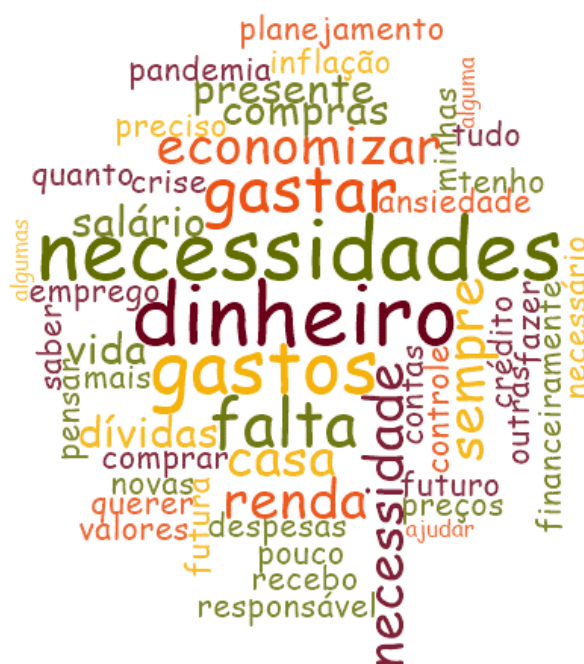
Tabela 16 - Frequência de palavras na pergunta 1.9.

Palavra	Frequência
dinheiro	7
necessidades	7
gastos	6
falta	5
gastar	5
casa	4
economizar	4
necessidade	4

renda 4

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 7 –Fatores influenciadores no comportamento financeiro.



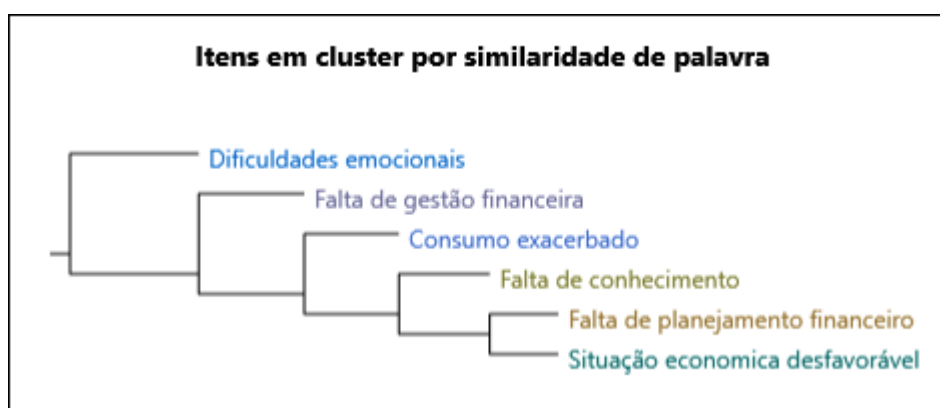
Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionados sobre problemas financeiros (pergunta 3.11), foi possível identificar e classificar as crenças dentro dos seguintes temas: falta de uma gestão financeira (24 ocorrências); falta de planejamento financeiro (23 ocorrências); a situação econômica desfavorável (12 ocorrências); consumo exacerbado (12 ocorrências); dificuldades emocionais (2 ocorrências) e falta de conhecimento financeiro (1 ocorrência). As respostas deixam claro que a percepção dos participantes encontram-se alinhada com os temas centrais da educação financeira.

Após a codificação das respostas dos participantes, foi possível realizar a análise de cluster que teve como resultado o dendrograma da

Figura 8 . Por meio da representação gráfica, é possível perceber as categorias que possuem respostas com maior similaridade na pergunta 3.11.

Figura 8 – Análise de cluster pergunta 3.11.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A lista de frequência das palavras apresenta, na percepção dos respondentes, que os problemas financeiros decorrem da “falta” (relacionada a ausência de planejamento e controle), conforme Tabela 17. No mesmo sentido, ao representar de forma gráfica as 50 palavras mais frequentes, é possível verificar a centralidade na figura da palavra “falta” com a proximidade das palavras “controle” e “planejamento”, indicando que, para a maioria dos respondentes, os problemas financeiros decorrem da “falta de planejamento” e da “falta de controle” (Figura 5).

Tabela 17 - Frequência de palavras na pergunta 3.11.

Palavra	Frequência
falta	29
planejamento	17
controle	11
conheço	6

gastos	6
descontrole	5
dinheiro	5
financeiro	5
ganha	5
administrar	4
crédito	4
gasta	4
muito	4
organização	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 9 – Fatores que levam a problemas financeiros.



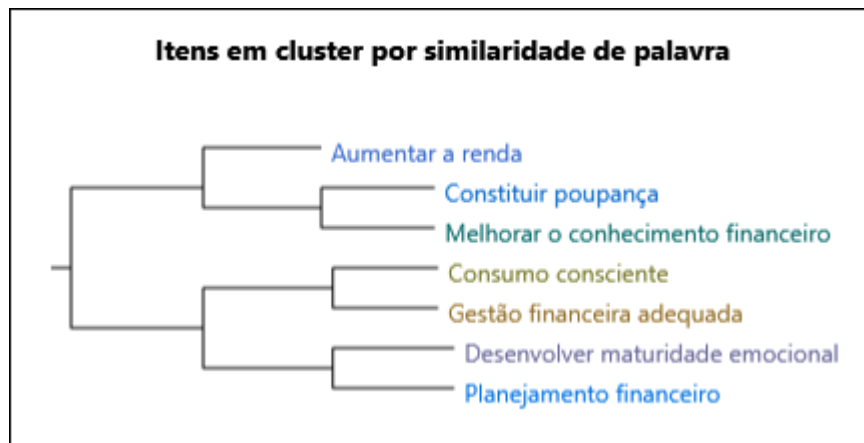
Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionados sobre o que poderiam fazer para melhorar o seu comportamento financeiro (pergunta 4.15), foi possível identificar e classificar as principais crenças dentro dos temas: realizar um planejamento financeiro (15 ocorrências); aumentar a renda (15 ocorrências); ter um consumo mais consciente (15 ocorrências); melhorar o conhecimento financeiro (10 ocorrências); ter uma gestão financeira mais adequada (8 ocorrências); constituir poupança (6 ocorrências); desenvolver melhor maturidade emocional (3 ocorrências). Mais uma vez, as respostas apresentadas mostram que a compreensão dos participantes é alinhada com o espírito da educação financeira.

Após a codificação das respostas dos participantes, foi possível realizar a

análise de cluster, resultando no dendrograma da Figura 10. Por meio da representação gráfica, é possível perceber as categorias que possuem respostas com maior similaridade na pergunta 4.15.

Figura 10 – Análise de cluster pergunta 4.15.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No mesmo sentido, a lista de palavras frequentes apresenta as palavras “gastar” (muito ligada a necessidade de controle do consumo) e “dinheiro” (ligado a necessidade de aumento de renda ou de constituição de poupança). Ao representar de forma gráfica as 50 palavras mais apresentadas, fica claro que para os participantes o ato de “gastar” e “comprar” (de forma consciente) é uma possibilidade de melhoria em seu comportamento financeiro.

Tabela 18 - Frequência de palavras na pergunta 4.15.

Palavra	Frequência
gastar	10
dinheiro	6
emprego	6

renda	6
comprar	5
organização	5
economizar	4
financeira	4
financeiro	4
gastos	4
investir	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 11 – Possibilidade de melhora no comportamento financeiro.



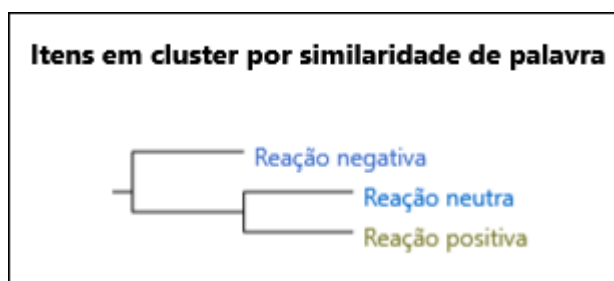
Fonte: Elaborado pelo autor.

Por fim, ao serem questionados sobre as reações emocionais envolvidas no processo de consumo (pergunta 5.1), foi possível identificar, classificar e dimensionar que, em geral, as emoções envolvidas no processo de compra são positivas (50 ocorrências); reações neutras (15 ocorrências) e reações negativas (10 ocorrências). Tal achado corrobora a concepção de diversos autores no sentido de que o consumo passa de uma necessidade para elemento central no processo de satisfação das necessidades e desejos.

Após a codificação das respostas dos participantes, foi possível realizar a análise de cluster que resultou no dendrograma da Figura 12. Por meio da

representação gráfica é possível perceber que as categorias que possuem respostas com maior similaridade na pergunta 5.1.

Figura 12 – Análise de cluster pergunta 5.1.



Fonte: Elaborado pelo autor.

De igual modo, a lista de frequência de palavras que possui as palavras “feliz”, “satisfação”, “felicidade” confirma a separação temática realizada. Da mesma forma, a representação gráfica das 50 palavras mais utilizadas mostra que tais sentimentos são centrais para os participantes. Importante destacar que a vinculação desses sentimentos ao processo de consumo como apontado por diversos autores favorece o fenômeno do consumismo.

Tabela 19 - Frequência de palavra pergunta 5.1.

Palavra	Frequência
feliz	20
fico	15
satisfação	14
felicidade	10
necessidade	5
alegria	4
compra	4
compro	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 13 – Reações emocionais após o consumo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Este capítulo visa apresentar o produto educacional resultado desta pesquisa. Nesse sentido, o produto educacional se constituiu como recurso textual sobre finanças pessoais com objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos da educação profissional e tecnológica do Instituto Federal de Brasília - Campus São Sebastião acerca dessa temática.

5.1 Produto educacional

De acordo com Savoia, Saito e Santana (2007), diversos países como EUA e Reino Unido identificaram a pertinência e a importância da educação financeira e implementaram diversos programas com o objetivo de melhorar a formação de seus cidadãos. Os programas implantados abrangem desde a distribuição de panfletos com esclarecimentos sobre operações financeiras, campanhas publicitárias na mídia, até a criação de sites com informações e cursos estruturados.

Ainda no contexto de implantação de programas de educação financeira, Shim et al. (2009) recomendam que, diante de um público composto prioritariamente por adolescentes e jovens adultos, o projeto deve possibilitar que o participante compreenda que o conhecimento financeiro possibilitará o desenvolvimento de atitudes financeiras consistentes conforme seus objetivos de autorrealização.

Savoia, Saito e Santana (2007) elencam dez princípios e recomendações para o desenvolvimento da educação financeira, sendo eles: (1) promoção de forma justa e livre de interesses particulares; (2) foco na realidade e nas prioridades do país; (3) ser percebido como um instrumento para o desenvolvimento econômico, complementando o sistema de proteção do consumidor; (4) as instituições financeiras devem implementar práticas de compartilhamento de informações com os clientes; (5) ser um processo ininterrupto, acompanhando o desenvolvimento e complexidade do mercado; (6) ressaltar a importância de que o indivíduo busque capacitação sobre riscos envolvidos nas decisões financeiras, devendo existir sites específicos com informações de utilidade pública; (7) a educação financeira deve começar na escola; (8) as instituições financeiras devem se certificar que os consumidores compreenderam as informações relativas às operações; (9) os programas de educação financeira devem focar no planejamento financeiro pessoal, como o

endividamento, poupança e a aposentadoria; (10) deve ser adequado aos públicos específicos e personalizados para aquela realidade.

Diante de tais premissas sobre a produção de projetos de educação financeira, das referências teóricas sobre o tema e do resultado da pesquisa aplicada, o produto educacional consistiu no site www.educacaofinanceira.site que se caracterizou como material textual informativo e apresentou a importância da educação financeira para estudantes da educação profissional e tecnológica, conforme Figura 14.

Figura 14 – Layout da página inicial produto educacional.



Por meio da divulgação de notícias e informações, foram trabalhados conceitos relacionados à situação econômica atual como: endividamento excessivo, finanças pessoais, consumo e reserva de emergência. Assim, espera-se que os estudantes despertem o interesse em desenvolver competências financeiras capazes de impactar positivamente no comportamento financeiro. Diante dos resultados da pesquisa, foram elaborados textos no *site* sobre os temas que em que as respostas dos participantes da pesquisa apresentaram erro superior a 50%, conforme Quadro 10.

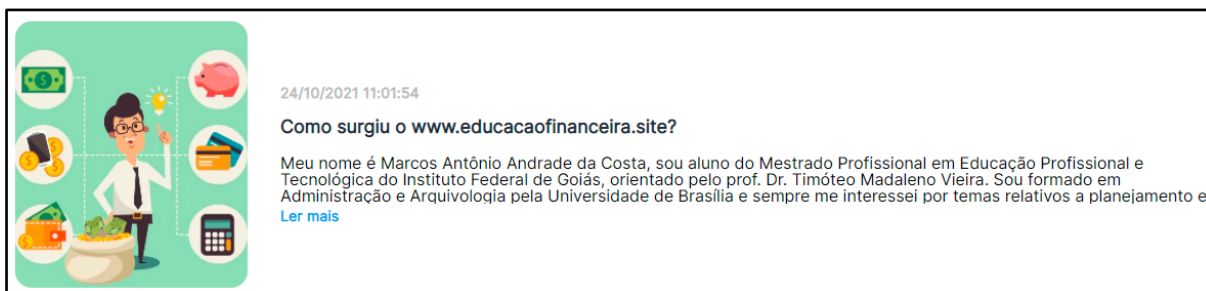
Quadro 10 - Percentual de acerto por questão do instrumento de pesquisa.

Perspectiva avaliada	Conteúdo	Questão	Percentual de acerto	Produto Educacional
Conhecimento financeiro	Valor do dinheiro no tempo	2.2	81%	-
	Operações de crédito	2.1	42%	TEXTO 2
	Análises de risco e retorno	2.3	57%	TEXTO 6
	Inflação	2.4	80%	-
	Inflação	2.5	59%	-
	Investimentos	2.7	33%	TEXTO 3 e 6
	Investimentos	2.8	30%	TEXTO 3 e 6
	Diversificação	2.6	48%	TEXTO 6
Atitude financeira	Consumo	3.2	39%	TEXTO 4
	Consumo	3.6	55%	TEXTO 4
	Consumo	3.8	13%	TEXTO 4
	Consumo	3.9	40%	TEXTO 4
	Gestão	3.1	39%	TEXTO 5
	Gestão	3.3	66%	TEXTO 5
	Gestão	3.4	84%	TEXTO 5
	Gestão	3.5	76%	TEXTO 5
	Investimento	3.7	54%	TEXTO 3 e 6
	Investimento	3.10	23%	TEXTO 3 e 6
Comportamento financeiro	Consumo	4.2	20%	TEXTO 4
	Consumo	4.3	52%	TEXTO 4
	Consumo	4.7	29%	TEXTO 4
	Consumo	4.12	33%	TEXTO 4
	Poupança	4.1	12%	TEXTO 3
	Endividamento	4.8	48%	TEXTO 4
	Endividamento	4.11	58%	TEXTO 4
	Endividamento	4.14	61%	TEXTO 4
	Gestão	4.4	39%	TEXTO 5
	Gestão	4.6	11%	TEXTO 5
	Gestão	4.13	27%	TEXTO 5
	Escolha de produtos financeiros	4.5	42%	TEXTO 2, 3 e 6
	Escolha de produtos financeiros	4.9	12%	TEXTO 2, 3 e 6
	Escolha de produtos financeiros	4.10	39%	TEXTO 2, 3 e 6

Fonte: Elaborado pelo autor.

O primeiro texto do *site* descreve o caminho que levou a educação financeira ser objeto desta pesquisa para que os visitantes do *site* compreendam a importância da educação financeira e do projeto desenvolvido ao longo da pesquisa (APÊNDICE C).

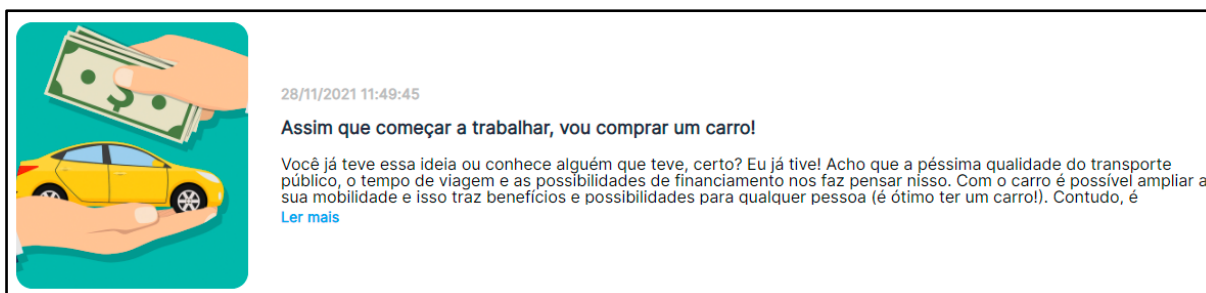
Figura 15 – Notícia 1 do site.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O segundo texto do *site* aborda os riscos das operações de crédito, uma vez que apenas 41% dos estudantes acertaram a questão que versava sobre o assunto. O texto elaborado tem como título “Assim que começar a trabalhar, vou comprar um carro!” e busca apresentar uma perspectiva financeira sobre o processo de financiamento de veículos automotores, apresentando, inclusive, uma simulação com dados reais sobre os custos envolvidos no processo de compra de um carro (APÊNDICE D).

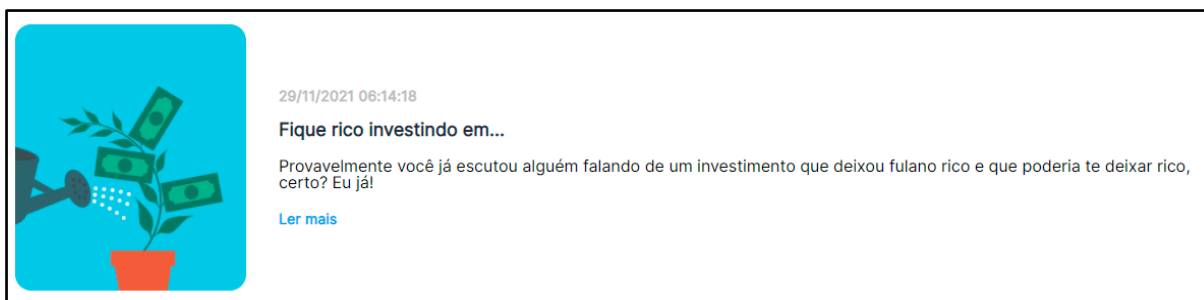
Figura 16 - Notícia 2 do site.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O terceiro texto do *site* apresenta a temática de investimento. No instrumento de pesquisa aplicado, duas questões buscavam compreender o conhecimento financeiro sobre investimentos e tiveram 31% e 28% de acertos e duas questões versavam a atitude financeira relacionada a investimentos que tiveram 48% e 19% de acerto. Sendo assim, foi elaborado o texto que tem como título “Fique rico investindo em...” e apresenta de forma teórica a importância de poupar e as possibilidades de investimentos em renda fixa com exemplos práticos (APÊNDICE D).

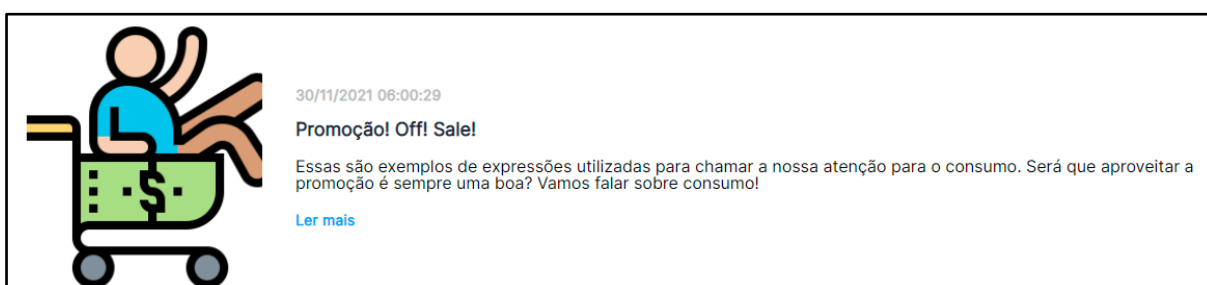
Figura 17 - Notícia 3 do site.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O quarto texto do *site* discorre sobre o consumismo e as implicações decorrentes do descontrole financeiro. Por meio da análise do resultado da pesquisa, constatou-se que, dentro da perspectiva da atitude financeira, dos cinco questionamentos sobre consumo em quatro o índice de acerto foi de 40%, 39% e 13% e, dentro da perspectiva comportamento financeiro, das quatro questões, três tiveram índices de acerto inferior ao estabelecido, sendo: 33%, 29% e 20% (APÊNDICE D).

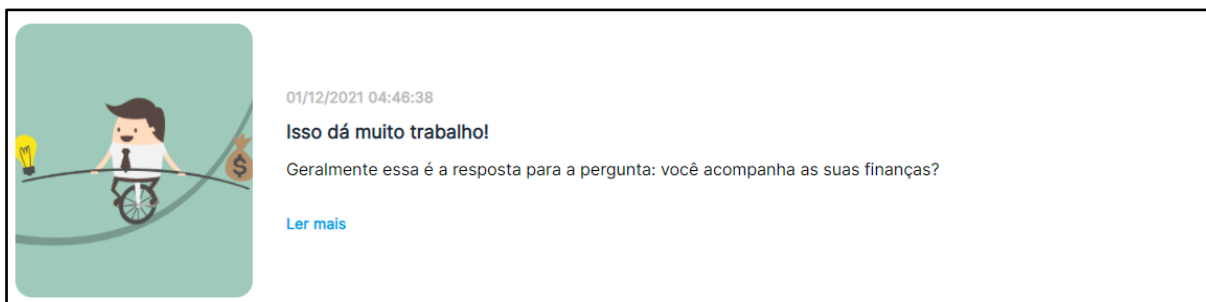
Figura 18 - Notícia 4 do site.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O quinto texto produzido para o *site* tinha como temática a gestão de recursos financeiros, buscava-se apresentar a importância das atividades de planejamento, organização, execução e controle de um plano financeiro. Apresentando também um caminho possível para elaboração de um planejamento financeiro. O resultado da pesquisa demonstrou que dentro da perspectiva atitude financeira, uma das questões sobre gestão financeira obteve percentual de acerto de 39% e dentro da perspectiva comportamento financeiro, as 3 questões sobre o tema tiveram percentual de acerto inferior ao estabelecido, sendo: 39%, 27% e 11% (APÊNDICE D).

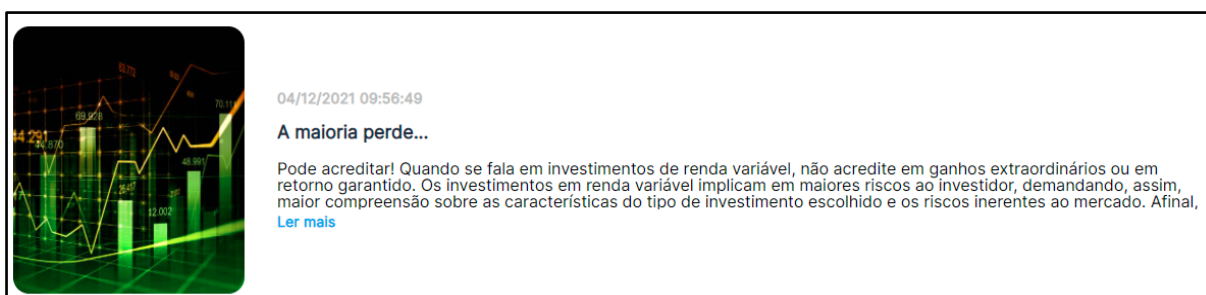
Figura 19 - Notícia 5 do site.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O sexto texto trata sobre as possibilidades e os riscos envolvidos na realização de investimentos de renda variável. Conforme o resultado da pesquisa, as duas questões sobre investimentos da perspectiva do conhecimento financeiro obtiveram percentual de acerto de 33% e 30% e, dentro da perspectiva atitude financeira, uma das duas questões obteve percentual de acerto de 23% (APÊNDICE H).

Figura 20 - Notícia 6 do site.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante dos resultados da pesquisa, pode-se afirmar que é necessário o desenvolvimento de projetos de educação financeira que busquem despertar nos estudantes muito mais que o conhecimento financeiro, mas que levem a uma reflexão sobre o comportamento financeiro. Nesse contexto, foi elaborado o sétimo texto que versa sobre o comportamento financeiro diante da perspectiva da teoria cognitivo-comportamental (APÊNDICE D).

Figura 21 - Notícia 7 do site.



Fonte: Elaborado pelo autor.

5.2. Aplicação do produto educacional:

O produto educacional foi aplicado com os estudantes dos cursos técnicos subsequentes do IFB, Campus São Sebastião. O *site* (www.educacaofinanceira.site) foi divulgado por meio de aplicativos de mensagens e e-mail para que os alunos do campus possam navegar e obter informações sobre os conteúdos disponíveis.

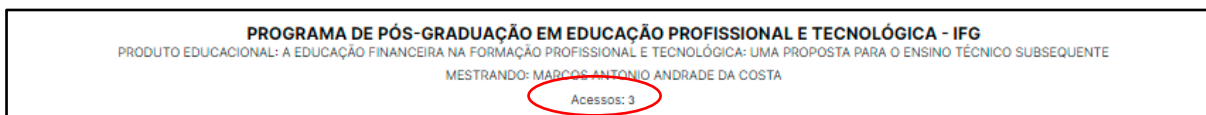
Os cursos técnicos subsequentes em secretariado e em secretaria escolar são do eixo tecnológico de “gestão e negócios”. Assim, o produto educacional teve como público-alvo, aproximadamente, 208 estudantes matriculados nas sete turmas dos cursos técnicos subsequentes do Instituto Federal de Brasília, Campus São Sebastião.

5.3. Avaliação do produto educacional:

O *site* e seus *links* internos possuem contador da quantidade de acesso para verificar o interesse dos alunos pelos conteúdos disponibilizados, conforme

Figura 22. Dessa forma, pretende-se verificar se o produto educacional despertou interesse nos estudantes e quais tipos de notícias ou informações foram mais atraentes.

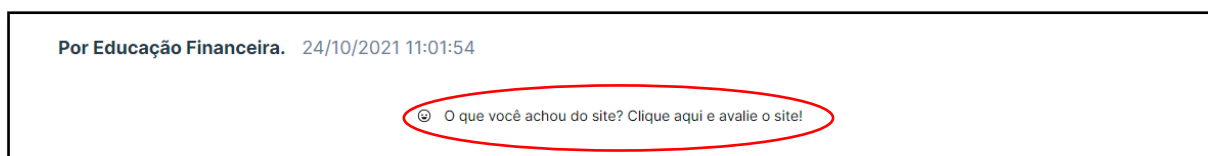
Figura 22 – Rodapé do site com a apresentação da quantidade de acessos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Além disso, ao final de cada publicação, existe um *link* que convida os leitores do *site* a responder ao questionário de avaliação sobre a pertinência dos conteúdos com o objetivo de mensurar a aplicabilidade do produto no contexto apresentado, conforme Figura 23.

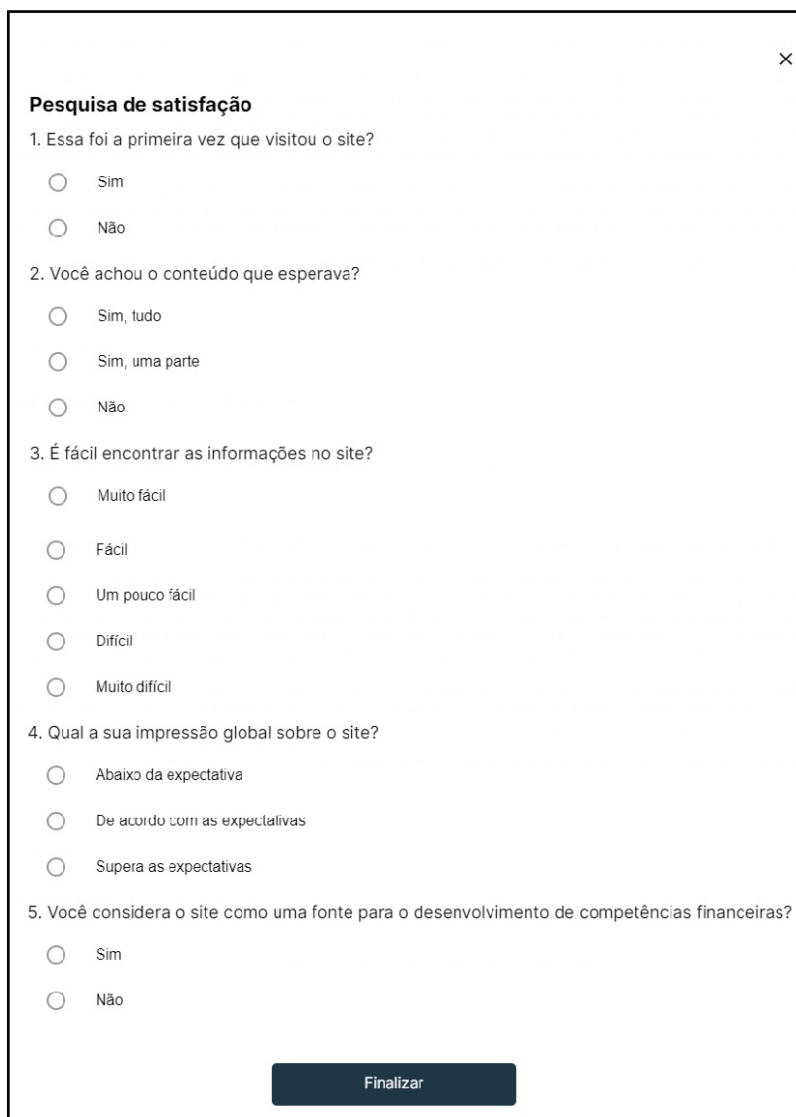
Figura 23 – Tela do site com link para avaliação do produto educacional.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O questionário de avaliação do produto educacional é composto pelas seguintes questões: 1. Essa foi a primeira vez que visitou o site? (alternativas: Sim / Não); 2. Você achou o conteúdo que esperava? (alternativas: Sim, tudo / Sim, uma parte / Não); 3. É fácil encontrar as informações no site? (alternativas: Muito fácil / Fácil / Um pouco fácil / Difícil / Muito difícil); 4. Qual a sua impressão global sobre o site? (alternativas: Abaixo da expectativa / De acordo com as expectativas / Supera as expectativas); 5. Você considera o site como uma fonte para o desenvolvimento de competências financeiras? (alternativas: Sim / Não), conforme Figura 24.

Figura 24 – Tela da avaliação do produto educacional.



Pesquisa de satisfação

1. Essa foi a primeira vez que visitou o site?

Sim

Não

2. Você achou o conteúdo que esperava?

Sim, tudo

Sim, uma parte

Não

3. É fácil encontrar as informações no site?

Muito fácil

Fácil

Um pouco fácil

Difícil

Muito difícil

4. Qual a sua impressão global sobre o site?

Abaixo da expectativa

De acordo com as expectativas

Supera as expectativas

5. Você considera o site como uma fonte para o desenvolvimento de competências financeiras?

Sim

Não

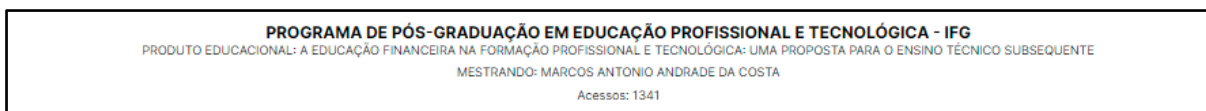
Finalizar

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme apêndice E, foi enviado e-mail para todos os alunos dos cursos técnicos subsequentes convidando-os para acessar o *site*, conhecer os textos produzidos e avaliar a pertinência do material desenvolvido. Por meio da análise das respostas obtidas, foi possível avaliar a pertinência e aplicabilidade do produto educacional desenvolvido. Espera-se que os estudantes, após verificar o conteúdo do *site*, reflitam sobre seu comportamento financeiro. O contador de acesso do produto educacional registrou que o site obteve até o dia 24/12/2021, 1.341 acessos, desde o

seu desenvolvimento (2 meses).

Figura 25 – Contador da quantidade de acessos do site.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Não obstante a quantidade expressiva de acessos para o pequeno período de atuação, o sistema de avaliação do *site* registrou 26 respostas sobre o produto educacional.

A primeira questão do formulário de avaliação perguntava se aquela era a primeira vez que o participante visitou o site. Dos 26 participantes, 23 (88,46%) responderam que não era a primeira vez que tinham acessado o site. Considerando que a participação na pesquisa e o acesso ao conteúdo era uma faculdade ao participante, acredita-se como importante o fato de que, após a participação na pesquisa, os estudantes tenham voltado ao site para buscar outras informações.

A segunda pergunta do formulário de avaliação questionava se o participante havia encontrado tudo o que esperava de conteúdo no site. Dos 26 participantes, 19 (73,08%) informaram que encontraram tudo. Apesar de expressivo, o resultado indica que existe uma parcela de participantes (23,08%) que buscaram de forma voluntária conteúdos financeiros para além do disponibilizado, reforçando mais uma vez as possibilidades de inclusão da educação financeira no contexto escolar.

Ao serem questionados acerca da sua percepção sobre o site, 17 participantes (65,38%) informaram que o site superava as expectativas, 9 participantes (34,62%) informaram que o site estava de acordo com a sua expectativa, não tendo nenhuma participação informado que o site ficou abaixo da expectativa. No mesmo sentido, ao serem questionados se consideravam o site como uma fonte para o desenvolvimento de competências financeiras, 26 participantes (100%) afirmaram que “sim”, conforme APENDICÊ F.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é o lugar instituído formalmente para propiciar o desenvolvimento integral dos indivíduos. A falta de participação da escola no processo de desenvolvimento de competências financeiras, como verificado na pesquisa, faz com que os indivíduos sejam obrigados a aprender com a prática. Essa ausência de um arcabouço teórico que possibilite uma compreensão sobre o uso do dinheiro, fragiliza ainda mais os indivíduos que precisarão se relacionar com agentes do sistema financeiro. Nesse contexto, a quantidade de reclamações sobre produtos financeiros e as pesquisas sobre endividamento e inadimplência deixam claro que o comportamento financeiro das famílias brasileiras precisa melhorar.

No contexto da educação profissional que possui a finalidade precípua de aproximar a educação do mundo do trabalho, o desenvolvimento de competências financeiras mostra-se ainda mais relevante, pois o recebimento de remuneração é um elemento que decorre do trabalho. Dessa forma, uma formação que abranja conteúdos relacionados às finanças antes da inserção dos indivíduos no mundo do trabalho pode propiciar tomadas de decisões conscientes sobre o uso do dinheiro, evitando resultado como o encontrado na pesquisa que demonstrou que os participantes que estão fora do mundo do trabalho (sem remuneração) possuem os piores resultados quanto ao conhecimento financeiro. A falta de compreensão sobre todas as nuances que envolvem decisões financeiras possibilita que os indivíduos desenvolvam comportamentos desalinhados com os seus objetivos.

Os resultados da pesquisa demonstraram que o aprendizado financeiro, seja por meio de cursos, com a família, amigos ou pela internet, pouco impactou o resultado dos respondentes, tendo o conhecimento pela experiência se mostrado significativo estatisticamente. Por outro lado, como nenhum dos respondentes afirmou ter aprendido sobre finanças na escola e que os piores resultados nas três perspectivas avaliadas (conhecimento, atitude e comportamento financeiro) coincide com indivíduos em idade escolar entre 15 a 20 anos, mostra-se promissor a sistematização dos saberes relacionados às finanças para o contexto escolar, possibilitando o aprendizado sobre o dinheiro de forma a melhorar o planejamento e o comportamento financeiro esses indivíduos não sejam assombrados por problemas financeiros ao longo da vida.

Além disso, o resultado da pesquisa revelou que os participantes com os piores

resultados se autoavaliaram com domínio financeiro “ruim” ou “muito ruim”. Isso demonstra que tais estudantes possuem a consciência que precisam desenvolver competências financeiras, abrindo espaço para o oferecimento de programas de educação financeira, até mesmo com caráter facultativo.

Ademais, diversos estudos apontam que a capacidade de realizar um diagnóstico e a elaboração do planejamento financeiro favorece o desenvolvimento de um comportamento responsável, melhorando a situação e evitando problemas financeiros futuros. Nesse sentido, a pesquisa realizada deixou claro que, apesar da compreensão intermediária dos conceitos financeiros, a grande maioria dos participantes informou descontentamento com a sua situação financeira atual, o que indica a possibilidade de ampliar a discussão sobre os aspectos psicológicos envolvidos no processo de gestão financeira.

Sobre essa questão, os dados da pesquisa convergem com as concepções teóricas apresentadas e revelam que as emoções prazerosas estão cada vez mais associadas ao consumo. A influência do impacto da sociedade do consumo foi verificada na forte relação demonstrada onde o consumo torna-se um fim em si mesmo. Nesse sentido, a correlação encontrada entre atitude financeira e o comportamento, reforça a perspectiva de que é necessário considerar questões psicológicas nos programas de educação financeira.

Para contribuir com o desenvolvimento de comportamentos mais funcionais quanto às suas escolhas financeiras, torna-se relevante propor projetos de educação financeira que considerem os aspectos cognitivos e comportamentais. Nesse sentido, considera-se apropriado propor a teoria cognitivo-comportamental como aparato conceitual e técnico que pode orientar a educação financeira. O indivíduo, detentor de conhecimento financeiro e que sabe avaliar bem as consequências de cada escolha no uso do dinheiro, pode aprender a se comportar de modo mais responsável, evitando o endividamento e as armadilhas próprias de um ambiente cultural consumista.

Como limitação do estudo, tem-se a utilização de questionário para realização de análise qualitativa. Nesse aspecto, respostas muito sucintas desfavoreceram o processo de análise dos dados, recomendando-se que estudos futuros se utilizem de outras técnicas capazes de aprofundar a percepção dos participantes quanto as crenças financeiras.

Por fim, propõe-se que sejam realizadas pesquisas para analisar o

comportamento financeiro de indivíduos que participem de projetos de educação financeira orientados pela abordagem comportamental. Investigações nesse sentido podem ser úteis para ajudar a verificar a relação entre a educação financeira, a reestruturação de crenças sobre o uso do dinheiro e as possibilidades de redução de comportamentos financeiros disfuncionais.

REFERÊNCIAS

AGARWAL, S. *et al.* Do consumers choose the right credit contracts? **Review of Corporate Finance Studies**, v. 4, n. 2, p. 239–257, 2015.

ALMEIDA, R. M. Estado da Arte das pesquisas em educação financeira no contexto educação financeira escolar. *In*: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 19., Juiz de Fora, MG. **Anais [...]**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2010.

ANSONG, A. Level of knowledge in personal finance by university freshmen business students. **African Journal of Business Management**, v. 5, n. 22, p. 8933–8940, 2011.

ARAÚJO, F. de A. L.; SOUZA, M. A. P. Educação financeira para um Brasil Sustentável: Evidências da necessidade de atuação do Banco Central do Brasil. **Trabalhos para Discussão**, v. 280, n. 2, p. 1–52, 2012.

AUGUSTO, C.; SILVA, T. O Efeito Chamariz Nas Decisões De Investimento. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 11, n. 1, p. 48–65, 2012.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2014.

BASTOS, E. K. X. **Carta de conjuntura: Crédito e juros Sumário**. Brasília: [s.n.]. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/category/moeda-e-credito/>>.

BATISTA, J. P. M. **Educação financeira**: contribuições de uma proposta de prática pedagógica integradora para o fortalecimento do ensino médio integrado. 140 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco IFPE, Campus Olinda, Olinda, 2019.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de Consu**. Rio de Janeiro: Elfos Editora, 2011.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

BAUMAN, Z. **Vida a crédito**: conversas com Citlali Rovirosa-Madrado. [S. l.]: Zahar, 2010.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Série Cidadania Financeira**: estudos sobre educação, proteção e inclusão / Banco Central do Brasil. Brasília: BCB, 2017. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira>. Acesso em: 15 out. 2020.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **O que é Cidadania Financeira?** Definição, Papel Dos Atores e Possíveis Ações. Brasília: BCB, 2018.

BEAL, D. J.; DELPACHITRA, S. B. Financial literacy among australian university students. **Economic Papers: A journal of applied economics and policy**, v. 22, n. 1, p. 65–78, 2003.

BECK, J. S. **Terapia Cognitiva**: teoria e prática. Porto Alegre: [s.n.], 2007.

BECK, J. S. **Terapia Cognitivo-comportamental**: teoria e prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BIRĂU, F. R. The Impact of Behavioral Finance on Stock Markets University of Craiova. **Faculty of Economics and Business Administration**, v. 78421, n. 3, p. 45–50, 2013.

BITENCOURT, C. M. G. **Finanças pessoais versus finanças empresariais**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

BITENCOURT, R. N. A antinatureza do consumismo. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 16, n. 187, p. 83–97, 2016.

BODIE, Z.; MERTON, R. C. **Finanças**. Porto Alegre: Bookman, 1999.

BORGES, L. F. P. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação em Questão**, v. 55, n. 45, p. 101–126, 13 set. 2017.

BORGES, P. R. S. Educação Financeira e sua influência no comportamento do consumidor no mercado de bens e serviços. *In*: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 5., 2010, [s. l.]. **Anais [...]**. [S. l.]: Nupem, 2010.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). Boletim Consumidor.gov.br - 2019. Brasília: MJSP, 2019. Disponível em: <https://www.defesadoconsumidor.gov.br/images/2020/Boletim-Consumidor.gov.br-2019.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. Financial literacy: an overview of practice, research, and policy. **Federal Reserve Bulletin**, v. 88, n. 11, p. 445–457, 2002.

BRITTO, R. R. de. **Educação financeira**: uma pesquisa documental crítica. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

BUAES, C. S.; COMERLATO, D. M. Interação social e aprendizagem de adultos: uma experiência de educação financeira em um contexto popular. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 578–598, 2016.

BUGARIM, M. C. C. *et al.* **Orçamento familiar e o Controle Social Instrumentos de Organização da Sociedade**. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2011.

CARDOSO, L. de B. S. A. **O casal e a distribuição dos recursos financeiros em diferentes fases do ciclo de vida familiar**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2017.

CARVALHO NETO, M. B. *et al.* B.F. Skinner e o mentalismo: uma análise histórico-conceitual. **Memorandum**, v. 22, p. 13–39, 2012.

CHEN, H.; VOLPE, R. P. An Analysis of Personal Financial Literacy Among College Students Haiyang. **Financial Services Review**, v. 7, n. 2, p. 107–128, 1998.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. DOS S. B. (org.). **Finanças pessoais**: conhecer para enriquecer! São Paulo: Atlas, 2010.

COHEN, J. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. Hillsdale, 1988.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). **Endividamento cresce em junho e alcança maior nível desde julho de 2013**. [S. l.]: CNC, 2019. Disponível em: <http://cnc.org.br/editorias/economia/noticias/endividamento->

cresce-em-junho-e-alcanca-maior-nivel-desde-julho-de-2013. Acesso em: 15 out. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS (CNDL). **Além dos efeitos da crise, descontrole financeiro está entre principais causas da inadimplência no país.** [S. l.]: CNDL, 2018. Disponível em: <https://site.cndl.org.br/alem-dos-efeitos-da-crise-descontrole-financeiro-esta-entre-principais-causas-da-inadimplencia-no-pais-revela-pesquisa-cndlspc-brasil-2/>. Acesso em: 15 out. 2020.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios.** Brasília: Codeplan, 2018.

CONTO, S. M. de *et al.* O comportamento de alunos do ensino médio do Vale do Taquari em relação às finanças pessoais. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 8, n. 2, p. 182, 2015.

CUNHA, M. P. O mercado financeiro chega à sala de aula: educação financeira como política pública no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 41, p. 1–14, 2020.

D'AQUINO, C. **Educação financeira: como educar seus filhos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DANTAS, V. M. **A cultura do consumo do século XXI: uma proposta de intervenção para o ensino da matemática no PROEJA.** (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, 2019 .

DELAVANDE, A.; ROHWEDDER, S.; WILLIS, R. Preparation for Retirement, Financial Literacy and Cognitive Resources. *In: Michigan Retirement Research Center.* Michigan: [s.n.], 2008 v. 190, p. 1–47.

DINIZ, P. *et al.* A Relação da Educação Financeira e do Otimismo no uso de Cartões de Crédito. **Espacios**, v. 37, n. 26, 2016.

DOLVIN, S. D.; TEMPLETON, W. K. Financial education and asset allocation. **Financial Services Review**, v. 15, n. 2, p. 133–149, 2006.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira.** [S. l.]: Editora DSOP, 2007.

FERMIANO, M. B. Educação para o Consumo: uma proposta transversal para o Ensino de História. **História & Ensino**, v. 22, n. 2, p. 111, 2016.

FERNANDES, D.; LYNCH, J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors. **Management Science**, v. 60, n. 8, p. 1861–1883, 2014.

FERREIRA, V. R. de M. Educação Financeira e Psicologia Econômica - uma discussão e algumas recomendações. **Centro de Estudos em Finanças (GVcef)**, p. 1–26, 2015.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática percursos teóricos e metodológicos.** [S. l.]: Autores Assoc., 2006.

FOX, J.; BARTHOLOMAE, S.; LEE, J. Building the case for financial education. **Journal of Consumer Affairs**, v. 39, n. 1, p. 195–214, 2005.

GERARDI, K.; GOETTE, L.; MEIER, S. **Financial Literacy and Subprime Mortgage Delinquency**: evidence from a Survey Matched to Administrative Data, Federal Reserve Bank of Atlanta. [S. l.: s. n.], 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. v. 38. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROHMANN, A.; KOUWENBERG, R.; MENKHOFF, L. Childhood roots of financial literacy. **Journal of Economic Psychology**, v. 51, p. 114–133, 2015.

GRÜSSNER, P. M. **Administrando as finanças pessoais para criação de patrimônio**. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/21978>. Acesso em: 15 out. 2020.

HENKEL, K. A categorização e a validação das respostas abertas em surveys políticos. **Opinião Pública**, v. 23, n. 3, p. 786–808, 2017.

HILGERT, M. A.; HOGARTH, J. M. Household Financial Management: the Connection between Knowledge and Behavior. **Federal Reserve Bulletin**, p. 309–322, 2003.

HILLBRECHT, R. **Economia Monetária**. São Paulo: Atlas, 1999.

HOGARTH, J. M.; HILGERT, M. A. Financial Knowledge, Experience and Learning Preferences: preliminary results from a new survey on financial literacy. **Consumer Interest Annual**, v. 48, p. 1–7, 2002.

HUSTON, S. J. Measuring Financial Literacy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296–316, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017 - 2018 - Primeiros Resultados**. [s.l.: s.n.].

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR (IDEC). **Pesquisa de publicidade de crédito**. São Paulo: [s.n.].

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). **Plano de Curso Técnico em Secretariado, na forma Subsequente ao Ensino Médio**. Brasília: IFB, 2020a. Disponível em: [https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/Plano de Curso do curso Técnico em Secretariado, na forma Subsequente ao Ensino Médio.pdf](https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/Plano%20de%20Curso%20do%20curso%20T%C3%A9cnico%20em%20Secretariado,%20na%20forma%20Subsequente%20ao%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf). Acesso em: 15 out. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). **Plano de curso: Técnico em secretaria escolar**. Brasília: IFB, 2020b. Disponível em: [https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/PPC Técnico Subsequente em Secretaria Escolar.pdf](https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/PPC%20T%C3%A9cnico%20Subsequente%20em%20Secretaria%20Escolar.pdf). Acesso em: 15 out. 2020.

KNAPP, P.; BECK, A. T. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 30, n. II, p. 54–64, 2008.

KUNKEL, F. I. R. **Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatores**. 276 f. Dissertação (Mestrado em Administração) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

LEAL, D. T. B.; MELO, S. *In*: A contribuição da educação financeira para a formação de investidores. SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 11., 2008. **Anais [...]**. São Paulo: SemeAD, 2008.

LIMA, R. S. L. *et al.* O estudo das finanças pessoais no âmbito universitário. **Research, society and development**, v. 8, n. 2, p. 1–10, 2019.

LOSANO, L. A. B. **Design de Tarefas de Educação Financeira para o 6º ano do Ensino Fundamental**. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S.; CURTO, E. V. Financial literacy among the young. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 358–380, 2010.

LUZ, E. J. F.; AYRES, M. A. C.; MELO, M. A. S. Orçamento familiar: uma análise acerca da educação financeira. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 12, p. 206–218, 2019.

MACEDO JR., J. S. **A árvore do dinheiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

MANKIW, N. G. M. **Introdução à Economia**. 3ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

MATTA, R. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal**. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MEDEIROS, E. A. DE; AMORIM, G. C. C. Análise Textual Discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em Revista**, v. 3, n. 3, p. 247, 2017.

MEDEIROS, F. S. B.; LOPES, T. DE A. M. Finanças Pessoais: um estudo com alunos do curso de ciências contábeis de uma IES privada de Santa Maria - Rs. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 7, n. 2, p. 221–251, 2014.

MESSY, F.-A.; MONTICONE, C. Financial Education Policies in Asia and the Pacific OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, v. 40, p. 66, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/5jm5b32v5vvc-en>. Acesso em: 15 out. 2020.

MILANEZ, D. Y. **Finanças comportamentais no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Economia das Instituições e do Desenvolvimento) — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MOREIRA, A. DA S. Dinheiro no Brasil: um estudo comparativo do significado do dinheiro entre as regiões geográficas brasileiras. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, n. 2, p. 379–387, 2002.

MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**, v. 2, p. 4–30, 2007.

MOURA, D. H. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 3, p. 705–720, 2013.

MULLAINATHAN, S.; THALER, R. H. Behavioral Economics. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences: Second Edition**, v. 3, p. 437–442, 2015.

Natalense, L. **A secretária do futuro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

NEUFELD, C. B.; CAVENAGE, C. C. Conceitualização cognitiva de caso: uma proposta de sistematização a partir da prática clínica e da formação de terapeutas cognitivo-comportamentais. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 6, n. 2, p. 3–35, 2010.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OCDE). **Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness**: financial stability board recommendation of the Council. [S. l.]: OCDE, 2005. Disponível em: http://www.financialstabilityboard.org/2005/06/cos_050622/. Acesso em: 15 out. 2020.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OCDE). **Financial literacy and inclusion**: results of OECD/INFE survey across countries and by gender. [S. l.]: OECD, 2013.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OCDE). **OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies**. [S. l.]: OECD, 2016. p. 1–100.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OCDE). **Toolkit for Measuring Financial Literacy and Financial Inclusion. Perguntas**. [S. l.]: OECD, 2018. Disponível em: http://www.oecd.org/finance/financial-education/PORT_2018_OECD_INFE_Toolkit.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

OLIVIERI, M. de F. A. Educação Financeira. **Revista ENIAAC Pesquisa**, v. 2, n. 1, p. 43–51, 2013.

PALHARES, J. V.; OLIVEIRA, M. DAS G. DE; PIRES, L. A. V. Produção acadêmica sobre pesquisas de orçamentos familiares na administração. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 18, n. 1, p. 29–49, 2019.

PARKIN, M. **Economia**. 8. ed. São Paulo: Pearson, 2009.

PENG, T. C. M. *et al.* The Impact of Personal Finance Education Delivered in High School and College Courses. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 28, n. 2, p. 265–284, 23 maio 2007.

PEREIRA, J.; LUCENA, W. G. L. A Influência da Educação Financeira e os Fatores Emocionais: um Estudo com Alunos de Contabilidade e Engenharia. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v. 6, n. 3, p. 48–67, 2014.

PIRES, V. **Finanças pessoais**: fundamentos e dicas. Piracicaba: Equilíbrio, 2007.

POTRICH, A. C. G. **Alfabetização Financeira**: Relações Com Fatores Comportamentais e Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. 245 f. Dissertação (Mestrado em Administração) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da Alfabetização Financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista Contabilidade e Finanças**, v. 26, n. 69, p. 362–377, 2015.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. *In*: ENCONTRO BRASILEIRO DE ECONOMIA E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS, 1., 2014. **Anais [...]**. São Paulo: FGV, 2014.

RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. v. 5. Curitiba: Instituto

Federal do Paraná, 2014.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276–295, 2010.

RIBEIRO, D. E. A (R) Evolução Das Obrigações Empresariais: do escambo ao bitcoin e o anseio por uma regulamentação brasileira. **Revista da AMDE**, v. 13, p. 173–189, 2015.

RIBEIRO, R. F.; LARA, R. O endividamento da classe trabalhadora no Brasil e o capitalismo manipulatório. **Serviço Social & Sociedade**, n. 126, p. 340–359, 2016.

ROBB, C. A.; SHARPE, D. L. Effect of personal financial knowledge on college students' credit card behavior. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 20, n. 1, p. 25–43, 2009.

ROGERS, P., ROGERS, D., & SANTOS, G. (2018). Comportamento e Atitude Financeira: Refinamento de um Modelo de Medida e Exame de Relações Estruturais em Estudantes Universitários. Analisis Standar Pelayanan Minimal Pada Instalasi Rawat Jalan Di RSUD Kota Semarang, 3, 103–111.
https://cef.fgv.br/sites/cef.fgv.br/files/arquivos/21._comportamento_e_atitude_financeira_refinamento_de_um_modelo_de_medida_e_exame_de_relacoes_estruturais_0.pdf

SANTANA, T. C.; DE ALMEIDA PIMENTA, M. A. Evaluation in the physical therapy internship from the teachers' and students' perspective. **Meta: Avaliação**, v. 5, n. 15, p. 272–297, 2013.

SANTOS, C. E. M. DOS; MEDEIROS, F. DE A. A relevância da técnica de questionamento socrático na prática Cognitivo-Comportamental. **Archives of Health Investigation**, v. 6, n. 5, 2017.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. DE A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 6, p. 1121–1141, 2007.

SEGUNDO FILHO, J. **Finanças pessoais**: invista no seu futuro. Rio de Janeiro: QualityMark, 2003.

SERASA EXPERIAN. **Inadimplência atinge 63 milhões de consumidores em março e bate recorde histórico**. São Paulo: Serasa Experian, 2019. Disponível em: <https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/inadimplencia-atinge-63-milhoes-de-consumidores-em-marco-e-bate-recorde-historico-revela-serasa-experian>. Acesso em: 16 out. 2020.

SHEFRIN, H. **Beyond Greed and fear**: Understanding behavioral finance and the psychology of Investing. [S. l.]: OUP USA, 2002.

SHIM, S. *et al.* Pathways to life success: a conceptual model of financial well-being for young adults. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 30, n. 6, p. 708–723, 2009.

SILVA, A. L. P. *et al.* Finanças pessoais: análise do nível de educação financeira de jovens estudantes do IFPB. **Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, v. 1, n. 41, p. 215, 2018.

SILVA, A. M. da; POWELL, A. B. Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 9., Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: [s. n.], 2013.

- SILVA, M. A. da. Terapia Cognitiva-Comportamental: da teoria a prática. **Psico-USF**, v. 19, n. 1, p. 167–168, 2014.
- SILVA, E. D. **Gestão em Finanças Pessoais**: uma metodologia para se adquirir educação e saúde financeira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SOLOMON, M. R. **comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.
- SOUZA, F. J. de *et al.* A Educação Financeira e a sua Influência na Tomada de Decisões. **Revista de Contabilidade da UFBA**, v. 5, n. 2, p. 81–95, 2011.
- SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação E Filosofia**, v. 31, n. 61, p. 21–44, 2017.
- TAVARES, A. B.; MACHADO, J. R. **Economia Familiar**: Recomendações para a sua vida financeira não naufragar. São Paulo: LEUD, 2007.
- THALER, R. Toward a positive theory of consumer choice. **Journal of Economic Behavior and Organization**, v. 1, n. 1, p. 39–60, 1980.
- TODD, R. M. **Financial literacy education**: a potential tool for reducing predatory lending. [S. l.]: Federal Reserve Bank of Minneapolis, 2002. Disponível em: <https://www.minneapolisfed.org/article/2002/financial-literacy-education-a-potential-tool-for-reducing-predatory-lending>. Acesso em: 15 out. 2020.
- VIEIRA, K. M.; MOREIRA JUNIOR, F. D. J.; POTRICH, A. C. G. Indicador de educação financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item. **Educacao e Sociedade**, v. 40, p. 1–33, 2019.
- VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**, v. 9, n. 3, p. 61–86, 2011.
- VIEIRA, T. R. C.; PEREIRA, A. N. Finanças Comportamentais no Brasil: um estudo bibliométrico (2001-2007). **Revista de Gestão USP**, v. 16, n. 4, p. 45–59, 2009.
- WISNIEWSKI, M. L. G. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 155–172, 2010.
- WORTHINGTON, A. C. Predicting financial literacy in Australia. **Financial Services Review**, v. 15, n. 1, p. 59–79, 2006.
- YOSHINAGA, C. E. Y. *et al.* Finanças Comportamentais: uma introdução. **Revista de Gestão**, v. 15, n. 3, p. 25–35, 2008.
- ZERRENNER, S. A. **Estudo sobre as razões para o endividamento da população de baixa renda**. 57 f. Dissertação (Mestrado em Administração) — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

APÊNDICE A: Instrumento de pesquisa**1. Perfil do entrevistado****1.1 Você é aluno do:**

- Ensino Médio Integrado
- Técnico Subsequente
- Tecnólogo/Licenciatura
- Outros

1.2 Qual é o seu sexo?

- Masculino
- Feminino

1.3 Quantos anos você tem?

- 18 anos a 24 anos
- 25 anos a 34 anos
- 35 anos a 44 anos
- 45 anos a 54 anos
- Outros

1.4 Qual a sua principal fonte de renda?

- Profissional liberal ou empresário
- Servidor público ou militar
- Empregado no setor privado
- Autônomo ou prestador de serviços
- Empresário
- Não possui renda
- Outros

1.5 Como você aprendeu a organizar a sua vida financeira?

- Experiência (com o passar do tempo)
- Família
- Amigos
- Escola
- Cursos
- Não sei me organizar financeiramente
- Outros

1.6 Como você avalia seu conhecimento sobre questões financeiras em comparação com outros adultos no Brasil?

- () Muito bom
- () Bom
- () Regular
- () Ruim
- () Muito ruim

1.7 O que você considera importante para uma boa gestão financeira?

1.8. Você é responsável por tomar as decisões sobre seu próprio dinheiro no dia-a-dia?

- () Sim
- () Não
- () Em conjunto com a família
- () Não possui renda própria

1.9 Quais fatores influenciam o seu comportamento financeiro?

2. Conhecimento financeiro

2.1 Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos ao final do empréstimo será:

- () Maior que o empréstimo de 30 anos
- () Igual ao o empréstimo de 30 anos
- () Menor que o empréstimo de 30 anos
- () Não sei responder

2.2 Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R\$ 1.000,00. A loja "A" oferece um desconto de R\$ 150,00, enquanto a loja "B" oferece um desconto de 10%. Qual é a melhor alternativa?

- () Loja "A"
- () Loja "B"
- () O desconto é igual na Loja "A" e na Loja "B"
- () Não sei responder

2.3 Complete a frase: Um investimento com alta taxa de retorno terá a taxa de risco:

- () Média
- () Alta
- () Baixa
- () Não sei responder

2.4 Complete a frase: Quando a inflação aumenta o custo de vida:

- () Aumenta
- () Permanece igual
- () Diminui
- () Não sei responder

2.5 Imagine que a taxa de juros em sua conta poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Após 1 ano, você seria capaz de comprar:

- () Mais coisas que no ano anterior
- () Mesma coisa do ano anterior
- () Menos coisas que no ano anterior
- () Não sei responder

2.6 Quando um investidor distribui seu dinheiro entre diferentes ativos (bens e direitos):

- Aumenta o risco de perder dinheiro em relação ao investimento total
- Mantém o risco inicial em relação ao investimento total
- Diminui o risco em relação ao investimento total
- Não sei responder

2.7 Qual desses investimentos não é classificado como de renda fixa:

- Títulos do governo
- Ações
- Certificado de Depósito Interbancário (CDI)
- Não sei responder

2.8 Qual das opções não compõe uma classe dos fundos de investimentos?

- Cambial
- Ações
- Poupança
- Não sei responder

3. Atitude Financeira

3.1 Geralmente, pago as contas em dia todos os meses:

- Muito frequentemente
- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

3.2 Considero mais interessante gastar dinheiro do que poupar para o futuro:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

3.3 Antes de comprar algo, analiso cuidadosamente se posso pagar:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

3.4 Estabelecer objetivos ajuda a definir quais gastos são prioridades:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

3.5 Preocupo-me em gerenciar melhor o meu dinheiro:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

3.6 Quando tenho limite no cartão de crédito, gasto além das minhas necessidades e/ou possibilidades:

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

3.7 Penso em investir o meu dinheiro:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

3.8 Muitas vezes compro por impulso:

- Muito frequentemente
- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

3.9 Acredito que as taxas cobradas pelas instituições financeiras são adequadas:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

3.10 Estou confiante na minha capacidade de realizar bons investimentos:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

3.11 Você já teve ou conhece alguém que tenha passado problemas financeiros? Na sua opinião, o que ocasionou essa situação?

4 Comportamento

4.1 Poupo mensalmente sem ter necessariamente a intenção de consumir algo com o dinheiro poupado:

- Nunca
- Raramente
- Ocasionalmente
- Frequentemente
- Muito frequentemente

4.2 Quando vejo algo que realmente me interessa, compro sem pensar nas consequências:

- Muito frequentemente
- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

4.3 Comparo os preços de produtos antes de realizar a compra:

- Nunca
- Raramente
- Ocasionalmente
- Frequentemente
- Muito frequentemente

4.4 Tenho um plano de gastos/orçamento do mês:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

4.5 Sei quanto que se paga de juros ao realizar um empréstimo/crédito:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

4.6 Alcanço os objetivos que determino em relação ao meu dinheiro:

- Nunca
- Raramente
- Ocasionalmente
- Frequentemente
- Muito frequentemente

4.7 Gasto o dinheiro antes de obtê-lo:

- Muito frequentemente
- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

4.8 Pago contas integralmente para evitar a cobrança de juros:

- Nunca
- Raramente
- Ocasionalmente
- Frequentemente
- Muito frequentemente

4.9 Tenho meu dinheiro investido em mais de um tipo de investimento:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

4.10 Ao decidir sobre quais produtos financeiros ou opções de crédito vou utilizar, considero as opções ofertadas por diferentes instituições:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

4.11 Faço empréstimos:

- Muito frequentemente
- Frequentemente
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

4.12 Se sobrar algum dinheiro ao final do mês, fico ansioso para gastar:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

4.13 Estabeleço metas financeiras de longo prazo e me esforço para alcançá-las:

- Nunca
- Raramente
- Ocasionalmente
- Frequentemente
- Muito frequentemente

4.14 Atraso contas por mais de 3 meses?

- Nunca
- Raramente
- Ocasionalmente
- Frequentemente
- Muito frequentemente

4.15 O que precisa mudar em você para melhorar o seu comportamento financeiro?

5. Crenças

5.1 Que tipo de comportamento ou reações emocionais você tem ao realizar uma compra?

5.2 Poupar é impossível para a nossa família:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.3 Manter registros financeiros toma muito tempo:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.4 Me dá mais prazer gastar dinheiro do que poupá-lo para o futuro:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.5 Vivo o hoje e deixo o amanhã para amanhã:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.6 Estou satisfeito com minha situação financeira atual:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.7 Não tem problema estar endividado:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.8 Comprar me dá muito prazer:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.9 Economizar não é muito importante:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.10 Acabo comprando mais quando me sinto ansioso ou triste?

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5.11 Você já mudou ou conhece alguém que tenha mudado o seu comportamento financeiro? Na sua opinião, o que impulsionou essa mudança?

APÊNDICE B: Convite para participação na pesquisa.

[CONVITE] CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA COM ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS SUBSEQUENTES EM SECRETARIADO E SECRETARIA ESCOLAR

Caixa de entrada

Robson Caldas de Oliveira

08:01 (há 13 minutos)

para Cco:marcos.costa

Prezado(a) estudante de Curso Técnico Subsequente em Secretariado ou em Secretaria Escolar,

Gostaria de convidá-lo(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada: "A educação financeira na formação profissional e tecnológica: Uma proposta cognitivo-comportamental."

A pesquisa é desenvolvida pelo professor Marcos Antônio Andrade e busca analisar a importância da educação financeira para os alunos de cursos técnicos subsequentes do *Campus São Sebastião*.

Para participar da pesquisa, basta entrar no site www.educacaofinanceira.site, clicar na opção "iniciar questionário" e responder as perguntas.

Além de ajudar no desenvolvimento da pesquisa, ao responder as perguntas, o sistema irá indicar o seu nível de educação financeira. Participe!

Atenciosamente,

Robson Caldas de Oliveira

Diretor-Geral (Portaria nº 548, de 06/05/2019)

Professor de Química

Campus São Sebastião



INSTITUTO FEDERAL

Brasília

Campus São Sebastião

APÊNDICE C: Resultados da pesquisa não apresentados na discussão.

Tabela 20 - Sexo dos participantes.

Sexo	n	%
Masculino	5	6,02%
Feminino	78	93,98%
Outro	0	0,00%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 21 - Atividade remunerada dos participantes.

Atividade remunerada	n	%
Profissional liberal ou empresário	1	1,20%
Servidor público ou militar	4	4,82%
Empregado no setor privado	35	42,17%
Autônomo ou prestador de serviços	10	12,05%
Empresário	0	0,00%
Não possui renda	23	27,71%
Outros	10	12,05%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 22 - Como aprendeu sobre educação financeira.

Fonte de aprendizado	n	%
Experiência (com o passar do tempo)	55	66,27%
Não sei me organizar financeiramente	20	24,10%
Família ou amigos	12	14,46%
Internet	10	12,05%
Livros, revistas ou jornais	4	4,82%
Cursos	4	4,82%
Escola	0	0,00%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 23 - Autoavaliação do conhecimento sobre questões financeiras em comparação com outros adultos no Brasil.

Avaliação	n	%
Muito bom	12	14,46%
Bom	19	22,89%
Regular	41	49,40%
Ruim	8	9,64%
Muito ruim	3	3,61%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 24 - Responsável por tomar decisões financeiras.

Responsável	n	%
Sim	67	80,72%
Não	0	0,00%
Em conjunto com a família	11	13,25%
Não possui renda própria	5	6,02%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 25 - Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos ao final do empréstimo será:

Resposta	n	%
Maior que o empréstimo de 30 anos	29	34,94%
Igual ao o empréstimo de 30 anos	10	12,05%
Menor que o empréstimo de 30 anos	35	42,17%
Não sei responder	9	10,84%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 26 - Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R\$ 1.000,00. A loja "A" oferece um desconto de R\$ 150,00, enquanto a loja "B" oferece um desconto de 10%. Qual é a melhor alternativa?

Resposta	n	%
Loja 'A'	67	80,72%
Loja 'B'	8	9,64%
O desconto é igual na Loja "A" e na Loja 'B'	2	2,41%
Não sei responder	6	7,23%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 27 - Complete a frase: Um investimento com alta taxa de retorno terá a taxa de risco:

Respostas	n	%
Média	11	13,25%
Alta	47	56,63%
Baixa	11	13,25%
Não sei responder	14	16,87%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 28 - Complete a frase: Quando a inflação aumenta o custo de vida:

Respostas	n	%
Aumenta	66	79,52%
Permanece igual	2	2,41%
Diminui	10	12,05%
Não sei responder	5	6,02%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 29 - Imagine que a taxa de juros em sua conta poupança foi de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Após 1 ano, você seria capaz de comprar:

Respostas	n	%
Mais coisas que no ano anterior	9	10,84%

Mesma coisa do ano anterior	9	10,84%
Menos coisas que no ano anterior	49	59,04%
Não sei responder	16	19,28%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 30 - Quando um investidor distribui seu dinheiro entre diferentes ativos (bens e direitos):

Respostas	n	%
Aumenta o risco de perder dinheiro em relação ao investimento total	11	13,25%
Mantém o risco inicial em relação ao investimento total	14	16,87%
Diminui o risco em relação ao investimento total	40	48,19%
Não sei responder	18	21,69%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 31 - Qual desses investimentos não é classificado como de renda fixa:

Respostas	n	%
Títulos do governo	15	18,07%
Ações	27	32,53%
Certificado de Depósito Interbancário (CDI)	12	14,46%
Não sei responder	29	34,94%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 32 - Qual das opções não compõe uma classe dos fundos de investimentos?

Respostas	n	%
Cambial	38	45,78%
Ações	3	3,61%
Poupança	25	30,12%
Não sei responder	17	20,48%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 33 - Geralmente, pago as contas em dia todos os meses:

Respostas	n	%
Muito frequentemente	32	38,55%
Frequentemente	39	46,99%
Ocasionalmente	8	9,64%
Raramente	3	3,61%
Nunca	1	1,20%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 34 - Considero mais interessante gastar dinheiro do que poupar para o futuro:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	5	6,02%
Concordo parcialmente	17	20,48%
Não concordo, nem discordo	11	13,25%
Discordo parcialmente	18	21,69%
Discordo totalmente	32	38,55%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 35 - Antes de comprar algo, analiso cuidadosamente se posso pagar:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	55	66,27%
Concordo parcialmente	19	22,89%
Não concordo, nem discordo	4	4,82%
Discordo parcialmente	4	4,82%
Discordo totalmente	1	1,20%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 36 - Estabelecer objetivos ajuda a definir quais gastos são prioridades:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	70	84,34%
Concordo parcialmente	7	8,43%
Não concordo, nem discordo	3	3,61%
Discordo parcialmente	1	1,20%
Discordo totalmente	2	2,41%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 37 - Preocupo-me em gerenciar melhor o meu dinheiro:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	63	75,90%
Concordo parcialmente	14	16,87%
Não concordo, nem discordo	4	4,82%
Discordo parcialmente	1	1,20%
Discordo totalmente	1	1,20%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 38 - Quando tenho limite no cartão de crédito, gasto além das minhas necessidades e/ou possibilidades:

Respostas	n	%
Discordo totalmente	46	55,42%
Discordo parcialmente	19	22,89%
Não concordo, nem discordo	5	6,02%
Concordo parcialmente	9	10,84%
Concordo totalmente	4	4,82%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 39 - Penso em investir o meu dinheiro:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	45	54,22%
Concordo parcialmente	19	22,89%
Não concordo, nem discordo	15	18,07%
Discordo parcialmente	1	1,20%
Discordo totalmente	3	3,61%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 40 - Muitas vezes compro por impulso:

Respostas	n	%
Muito frequentemente	5	6,02%
Frequentemente	12	14,46%
Ocasionalmente	27	32,53%
Raramente	28	33,73%
Nunca	11	13,25%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 41 - Acredito que as taxas cobradas pelas instituições financeiras são adequadas:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	6	7,23%
Concordo parcialmente	10	12,05%
Não concordo, nem discordo	12	14,46%
Discordo parcialmente	22	26,51%
Discordo totalmente	33	39,76%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 42 - Estou confiante na minha capacidade de realizar bons investimentos:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	19	22,89%
Concordo parcialmente	26	31,33%
Não concordo, nem discordo	17	20,48%
Discordo parcialmente	14	16,87%
Discordo totalmente	7	8,43%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 43 - Poupo mensalmente sem ter necessariamente a intenção de consumir algo com o dinheiro poupado:

Respostas	n	%
Nunca	11	13,25%
Raramente	22	26,51%
Ocasionalmente	21	25,30%
Frequentemente	19	22,89%
Muito frequentemente	10	12,05%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 44 - Quando vejo algo que realmente me interessa, compro sem pensar nas consequências:

Respostas	n	%
Muito frequentemente	2	2,41%
Frequentemente	11	13,25%
Ocasionalmente	23	27,71%
Raramente	30	36,14%
Nunca	17	20,48%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 45 - Comparo os preços de produtos antes de realizar a compra:

Respostas	n	%
Nunca	0	0,00%
Raramente	7	8,43%
Ocasionalmente	5	6,02%
Frequentemente	28	33,73%
Muito frequentemente	43	51,81%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 46 - Tenho um plano de gastos/orçamento do mês:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	32	38,55%
Concordo parcialmente	26	31,33%
Não concordo, nem discordo	13	15,66%
Discordo parcialmente	5	6,02%
Discordo totalmente	7	8,43%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 47 - Sei quanto que se paga de juros ao realizar um empréstimo/crédito:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	35	42,17%
Concordo parcialmente	20	24,10%
Não concordo, nem discordo	12	14,46%
Discordo parcialmente	9	10,84%
Discordo totalmente	7	8,43%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 48 - Alcanço os objetivos que determino em relação ao meu dinheiro:

Respostas	n	%
Nunca	2	2,41%
Raramente	10	12,05%
Ocasionalmente	24	28,92%
Frequentemente	38	45,78%
Muito frequentemente	9	10,84%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 49 - Gasto o dinheiro antes de obtê-lo:

Respostas	n	%
Muito frequentemente	6	7,23%
Frequentemente	13	15,66%
Ocasionalmente	12	14,46%
Raramente	28	33,73%
Nunca	24	28,92%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 50 - Pago contas integralmente para evitar a cobrança de juros:

Respostas	n	%
Nunca	2	2,41%
Raramente	3	3,61%
Ocasionalmente	4	4,82%
Frequentemente	34	40,96%
Muito frequentemente	40	48,19%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 51 - Tenho meu dinheiro investido em mais de um tipo de investimento:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	10	12,05%
Concordo parcialmente	11	13,25%
Não concordo, nem discordo	13	15,66%
Discordo parcialmente	14	16,87%
Discordo totalmente	35	42,17%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 52 - Ao decidir sobre quais produtos financeiros ou opções de crédito vou utilizar, considero as opções ofertadas por diferentes instituições:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	32	38,55%
Concordo parcialmente	22	26,51%
Não concordo, nem discordo	11	13,25%
Discordo parcialmente	5	6,02%
Discordo totalmente	13	15,66%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 53 - Faço empréstimos:

Respostas	n	%
Muito frequentemente	1	1,20%
Frequentemente	3	3,61%
Ocasionalmente	10	12,05%
Raramente	21	25,30%
Nunca	48	57,83%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 54 - Se sobrar algum dinheiro ao final do mês, fico ansioso para gastar:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	10	12,05%
Concordo parcialmente	21	25,30%
Não concordo, nem discordo	9	10,84%
Discordo parcialmente	16	19,28%
Discordo totalmente	27	32,53%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 55 - Estabeleço metas financeiras de longo prazo e me esforço para alcançá-las:

Respostas	n	%
Nunca	6	7,23%
Raramente	9	10,84%
Ocasionalmente	23	27,71%
Frequentemente	23	27,71%
Muito frequentemente	22	26,51%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 56 - Atraso contas por mais de 3 meses?

Respostas	n	%
Nunca	51	61,45%
Raramente	21	25,30%
Ocasionalmente	9	10,84%
Frequentemente	1	1,20%
Muito frequentemente	1	1,20%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 57 - Me dá mais prazer gastar dinheiro do que poupá-lo para o futuro:

Respostas	n	%
Concordo totalmente	12	14,46%
Concordo parcialmente	13	15,66%
Não concordo, nem discordo	11	13,25%
Discordo parcialmente	16	19,28%
Discordo totalmente	31	37,35%

Fonte: Elaborado pelo autor.

APÊNDICE D: Produto educacional



**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - IFG
CAMPUS ANÁPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

MARCOS ANTÔNIO ANDRADE DA COSTA

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

**ANÁPOLIS
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

COSTA, Marcos Antônio Andrade da
C837e A educação financeira na formação profissional e
tecnológica / Marcos Antônio Andrade da Costa, Timóteo
Madaleno Vieira – – Anápolis: IFG, 2022.
28 p. : il. color.

ISBN nº 978-65-00-39008-7

Produto Técnico/Tecnológico (Mestrado) – IFG – Câmpus
Anápolis, Programa de Pós-Graduação em Educação
Profissional e Tecnológica, 2022.

1. Educação financeira. 2. Educação profissional e
tecnológica. 3. Comportamento financeiro. I. VIEIRA, Timóteo
Madaleno. II. Título.

CDD 370.7

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: Material Textual – E-book (Cartilha / Site) | |

Nome Completo do Autor: Marcos Antônio Andrade da Costa

Matrícula: 20192060150197

Título do Trabalho: A educação financeira na formação profissional e tecnológica.

Autorização - Marque uma das opções

4. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
5. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ___/___/_____ (Embargo);
6. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- iv. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- v. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- vi. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Anápolis, 26/01/2022.



Marcos Antônio Andrade da Costa

FICHA TÉCNICA



Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus Anápolis Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

Coordenação Acadêmica do ProfEPT no IFG
Alcyr Alves Viana Neto

Produto Educacional desenvolvido como parte integrante da Dissertação de Mestrado intitulada “A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: UMA PROPOSTA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL” e desenvolvida por Marcos Antônio Andrade da Costa, sob a orientação do Prof. Dr. Timóteo Madaleno Vieira.

Título do Produto Educacional: A educação financeira na formação profissional

Autores do Produto Educacional: Marcos Antônio Andrade da Costa; Timóteo Madaleno Vieira.

Categoria do Produto Educacional: Material Textual – E-book

Modalidade do Produto Educacional: Cartilha / Site

Palavras-chave: Educação financeira; Educação profissional e tecnológica; Alfabetização financeira; Comportamento financeiro.

1ª edição – E-book – ProfEPT / IFG, Janeiro, 2022
ISBN nº 978-65-00-39008-7



Esta licença permite que os reutilizadores copiem e distribuam o material em qualquer meio ou formato apenas de forma não adaptada, apenas para fins não comerciais, e apenas enquanto a atribuição for dada ao criador. https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR

Como fazer a citação deste Produto Educacional:

COSTA, Marcos Antônio Andrade da; VIEIRA, Timóteo Madaleno. A educação financeira na formação profissional. Anápolis (GO): IFG / ProfEPT, 2022. Disponível em: <http://www.educacaofinanceira.site>

SUMÁRIO

Apresentação	6
Assim que começar a trabalhar, vou comprar um carro!	8
Fique rico investindo em... ..	11
Promoção! Off! Sale!.....	17
Isso dá muito trabalho!.....	19
A maioria perde... ..	22
Você tem se comportado financeiramente de forma adequada?	26

Apresentação

Meu nome é Marcos Antônio Andrade da Costa, sou aluno do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Goiás, orientado pelo prof. Dr. Timóteo Madaleno Vieira.

Sou formado em Administração e Arquivologia pela Universidade de Brasília e sempre me interessei por temas relativos a planejamento e finanças. Neste momento, atuo como administrador e exerço, com muito prazer, a docência na área de Gestão do Instituto Federal Brasília.

Assim, a vontade de pesquisar sobre finanças pessoais começou em 2019. Durante uma aula, um aluno começou a me perguntar sobre finanças pessoais, afirmando que participaria da Olimpíada Brasileira de Educação Financeira. Com isso surgiu o interesse de outros alunos sobre o tema. Marcamos algumas aulas, trocamos alguns materiais e resolvemos alguns exercícios. Depois de três etapas de provas na Olimpíada, o aluno tornou-se medalhista de prata da I Olimpíada Brasileira de Educação Financeira.

Contudo, percebi que esse aluno tinha adquirido muito mais que o conhecimento financeiro. Sempre quando o encontrava, conversávamos sobre finanças e ele me contava sobre seus planos que se mostravam promissores. Percebi ali que o conhecimento adquirido estava influenciando positivamente o seu comportamento financeiro.

Essa situação me fez perceber o tanto que o conhecimento financeiro poderia impactar positivamente a vida dos alunos da educação profissional. Então, escolhi o tema da educação financeira como objeto da minha pesquisa de mestrado.

A pesquisa “A educação financeira na formação profissional e tecnológica: uma proposta para o ensino técnico subsequente” buscou identificar o perfil do aluno dos cursos técnicos subsequentes do Instituto Federal de Brasília, seu conhecimento financeiro, atitude financeira, comportamento financeiro e crenças financeiras por meio do site: www.educacaofinanceira.site

Diante dos resultados encontrados, foi possível desenvolver essa proposta pedagógica sobre finanças pessoais que tem como objetivo desenvolver habilidades, atitudes e comportamento financeiro de estudantes da educação profissional.

A educação financeira é considerada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) como uma competência crítica para o século XXI. Os indivíduos têm suas vidas impactadas no futuro pelas decisões financeiras tomadas no presente. Falar sobre dinheiro parece não ser algo comum para a maioria da população. O dinheiro, no entanto, é utilizado como unidade de troca para o consumo de bens e serviços necessários à existência humana. Ignorar a importância do dinheiro e não sistematizar estes conteúdos de forma que possam ser trabalhados no ambiente escolar favorece a tomada de

decisões sem o entendimento dos possíveis impactos.

Diante disso, espero que o material produzido seja útil e possa lhe ajudar a tomar decisões financeiras mais consistentes com seus objetivos. Qualquer dúvida ou sugestão, coloco-me à disposição para maiores informações pelo e-mail marcos.maac@gmail.com.

Marcos Antônio Andrade da Costa

Assim que começar a trabalhar, vou comprar um carro!

Você já teve essa ideia ou conhece alguém que teve, certo? Eu já tive! Acho que a péssima qualidade do transporte público, o tempo de viagem e as possibilidades de financiamento nos faz pensar nisso. Com o carro é possível ampliar a sua mobilidade e isso traz benefícios e possibilidades para qualquer pessoa (é ótimo ter um carro!).

Contudo, é importante considerar os aspectos financeiros envolvidos na compra.

Calma aí, mas comprar um carro não é investimento? De forma geral, sob a ótica financeira, a compra um carro não é investimento¹⁵. É possível que em determinadas situações a compra do carro signifique a possibilidade de usá-lo com objetivo de se obter receita (serviços de transporte de pessoas ou entregas). Contudo, para a maioria das pessoas, o carro será um bem de uso.

Pera aí, mas depois de pagar, terei um bem que posso vender rapidamente! Certo? Correto! O carro é um bem de uso com considerável liquidez¹⁶, dependendo das características. Porém, sendo um bem de uso, a sua utilidade é reduzida com o desgaste e, de forma geral, o preço de revenda é inferior ao de compra. Estamos passando por um momento de exceção por conta da pandemia no qual a produção de carros novos foi reduzida em razão da falta de componentes eletrônicos e, com menos carros novos nas concessionárias, as pessoas que necessitam optam por comprar carros usados, aumentando a demanda e fazendo que os preços subam.

Tá, mas eu queria falar especificamente sobre o pensamento de que podemos financiar o carro. Esse pensamento é reforçado constantemente pelas instituições que oferecem esse serviço, afinal o negócio delas é “emprestar”¹⁷ o dinheiro. Mas será que é um

¹⁵ Investimento significa a aplicação de dinheiro com a expectativa de um benefício financeiro futuro. Exemplo: Quando um jardineiro compra uma máquina de cortar grama, espera-se que por conta dessa máquina seja possível realizar mais serviços e conseqüentemente ter um benefício financeiro.

¹⁶ Liquidez é a capacidade de conversão de um bem em dinheiro. Diz-se que um bem com alta liquidez é aquele que pode ser vendido rapidamente, transformando-se em dinheiro.

¹⁷ Empréstimos são diferentes de financiamentos. De forma geral, um financiamento é realizado no processo de compra de um bem que ficará como garantia até o término do pagamento das parcelas, sendo o dinheiro encaminhado diretamente ao vendedor do bem. Além disso, caso o pagamento das parcelas seja interrompido, a instituição poderá solicitar que você entregue o bem (no caso do carro, o documento mostrará que apesar de estar no seu nome, o carro encontra-se alienado a outra instituição, impossibilitando que você o negocie antes do pagamento das parcelas). No caso de empréstimos, a instituição repassa o dinheiro sem um bem como garantia, podendo você utilizá-lo da forma que julgar mais interessante. Por conta da ausência de garantias e do maior risco para quem empresta, as taxas de juros de empréstimos são geralmente superiores as de financiamentos.

bom negócio para você? Vamos ver como funciona na prática?

Pesquisei aqui e achei um carro bom para você que vai começar a trabalhar! Um carro popular, econômico¹⁸. É um Palio Celebration, motor 1.0 Fire Flex 8V, 4 portas que custa aproximadamente R\$ 30.000,00, segundo a tabela FIPE¹⁹. Entrei aqui no aplicativo do banco para simular a compra desse carro. Após preencher o ano, valor do veículo você deve inserir obrigatoriamente o valor da entrada, coloquei R\$ 5.000,00 e obtive as seguintes possibilidades:

Opção	Valor da parcela	Quantidade de parcelas	Taxa de juros (a.m)
1ª	788,86	59	2,12%
2ª	864,22	48	2,02%
3ª	1.021,17	36	1,92%
4ª	1.343,35	24	1,70%

Navegando dentro da simulação realizada, encontrei algo valiosíssimo para qualquer pessoa que queira pegar um empréstimo ou financiamento, a informação do Custo Efetivo Total (CET)²⁰. No caso da simulação para a 1ª opção (59 parcelas), o custo efetivo total foi de R\$ 46.542,74. Ou seja, além dos R\$ 25.000,00 que você pegou emprestado, você terá que pagar mais R\$21.542,74 para custear as despesas do empréstimo, o imposto e o juros cobrado pelo banco. Assim, pelo carro econômico que custa R\$ 30.000,00 à vista, você

¹⁸ Ao decidir comprar um carro, é importante que você considere os gastos que terá que incorrer para utilizar o carro além do preço do bem (combustível, manutenção, seguro, imposto, estacionamento, pedágio, etc).

¹⁹ A Tabela Fipe apresenta os preços médios dos veículos no mercado nacional, servindo como referência para a avaliação de carros.

²⁰ O Custo Efetivo Total (CET) corresponde a todos os valores que serão cobrados nas operações de crédito (financiamento ou empréstimos) ofertadas a pessoas físicas, microempresas ou empresas de pequeno porte.

pagará os R\$ 5.000,00 da entrada mais os R\$ 46.542,74 (em “suaves” prestações), totalizando R\$ 51.542,74.

Pera aí! Acabei de lembrar que é comum pensar que o carro pode ser vendido após a quitação do financiamento. Então vou simular o preço de venda desse carro após o prazo do financiamento (5 anos). Pesquisei aqui em revistas especializadas e descobri que o carro com o motor 1.0, desvaloriza em média 10% por ano. Assim teríamos a seguinte situação:

Ano	Valor no início do período	Valor após 1 ano
1º	R\$ 30.000,00	R\$ 27.000,00
2º	R\$ 27.000,00	R\$ 24.300,00
3º	R\$ 24.300,00	R\$ 21.870,00
4º	R\$ 21.870,00	R\$ 19.683,00
5º	R\$ 19.683,00	R\$ 17.714,70

Ou seja, você gastou R\$ 51.542,74 para pagar o carro que ao final do pagamento terá um valor de venda próximo de R\$ 17.714,70 (em condições normais). Você trabalhou muito, pagou certinho e o seu dinheiro sumiu! Não fique assustado. O objetivo do texto é ALERTAR para a armadilha do pensamento de que “a parcela cabe no seu bolso”! Sabemos que existem milhares formas de se comprar um carro e dos benefícios e do conforto que ele proporciona. Todos que desejam devem se planejar para ter um carro. Contudo, antes de comprar faça as contas!

Fique rico investindo em...

Provavelmente você já escutou alguém falando de um investimento que deixou fulano rico e que poderia te deixar rico, certo? Eu já! Antes de falar sobre investimentos, gostaria de falar sobre poupar. Poupar significa guardar dinheiro para que seja utilizado no futuro. Em geral, quando trabalhamos, recebemos um salário mensal. Por outro lado, todo dia precisamos comprar produtos e consumir serviços que são pagos com o dinheiro recebido. Se o salário recebido (receita) for maior que o consumo (despesas), você terá poupado parte da sua renda no final do mês. Para se tornar um bom poupador você deve buscar possibilidades para aumentar suas receitas e, ao mesmo tempo, analisar o seu consumo de forma a reduzir ou cortar gastos desnecessários. Sei que isso não é fácil! No geral, o salário mal cobre as despesas básicas, mas precisamos pensar em estratégias para começar a poupar.

Mas porque é importante poupar? Vou citar 3 motivos que levam as pessoas a pouparem parte do que ganham: 1. Poupar por um período pode te permitir comprar produtos ou consumir serviços que você não poderia pagar com o valor recebido de salário em um mês; 2. Poupar pode ajudar durante períodos de emergência, como por exemplo no caso de desemprego, problemas de saúde ou outros dissabores que todos podemos passar; 3. Poupar possibilita que você gere receita por meio do investimento em um negócio ou por conta de rendimentos decorrentes da aplicação do recurso poupado em produtos financeiros.

Era aqui que eu queria chegar! Investir significa colocar o dinheiro poupado em um produto financeiro que renda juros ou outra forma de remuneração ou correção. Ou seja, você deixará o dinheiro poupado em uma instituição financeira que lhe devolverá esse dinheiro acrescido de um “bônus”, chamado rendimento ou juros. Existem diversos tipos de investimentos, contudo, antes de escolher onde aplicar o seu dinheiro é importante que primeiramente você tenha claro o seu objetivo ao investir, avalie o seu “apetite a risco” e somente depois busque um produto financeiro que possua características (tempo mínimo para resgate²¹, tempo de liquidação²², tributação, rentabilidade²³, as garantias e os riscos) compatíveis com o seu objetivo.

²¹ Dependendo do produto financeiro, após a aplicação você não poderá solicitar o resgate por um determinado período de tempo.

²² Tempo para que o dinheiro que você solicitou o resgate caia na sua conta.

²³ A rentabilidade corresponde aos juros que você receberá por deixar o seu dinheiro no produto financeiro.

Vamos ver como isso funciona na prática? Pretendo poupar e investir um valor mensal para fazer um intercâmbio daqui há 5 anos e enquanto isso vou fazer o curso de inglês. Como no meu trabalho não tenho perspectiva de receber aumento, decidi ajustar alguns gastos e me propus a poupar R\$ 100,00 por mês durante todo o período de 5 anos. Tenho um perfil de “investidor moderado”. Agora que já tenho um objetivo, sei quanto tempo o meu dinheiro poderá ficar investido e não estou disposto a assumir riscos que podem fazer com que daqui a 5 anos eu tenha um valor inferior ao valor poupado, decidi procurar um produto de renda fixa²⁴. Entrei no aplicativo do banco e encontrei as seguintes opções:

Produto financeiro (aplicação)	Características
Certificado de Depósito Bancário (CDB)	<p><u>O que é:</u> Você emprestará o seu dinheiro para uma instituição bancária que emprestará esse dinheiro para outros clientes.</p> <p><u>Aporte:</u> É possível encontrar instituições com investimento mínimo de R\$100,00.</p> <p><u>Rendimento:</u> Atrelado a taxa do certificado de depósito interbancário (CDI) que é um percentual pouco abaixo da SELIC²⁵.</p> <p><u>Prazo de investimento:</u> Geralmente para períodos entre 30 e 1826 dias (5 anos).</p> <p><u>Resgate:</u> Existem CDBs com liquidez diária, que podem ser resgatado a qualquer momento e CDBs com liquidez no vencimento, que são liquidados apenas no vencimento do título.</p> <p><u>Imposto:</u> A instituição financeira desconta do rendimento o valor devido de imposto de renda. A alíquota do imposto de renda varia conforme prazo de aplicação. Caso o resgate seja realizado antes</p>

²⁴ Tipo de investimento onde o cálculo da remuneração é definido no momento da aplicação. Dessa forma, independente do que aconteça, a remuneração pela aplicação mantém-se fixa.

²⁵ Selic é a taxa básica definida pelo governo que serve de referência para as taxas de juros de operações de crédito e para remunerar investimentos.

	<p>de 30 dias é cobrado o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF).</p> <p><u>Garantia:</u> Os recursos investidos possuem garantia do Fundo Garantidor de Crédito (FGC)²⁶.</p>
Debêntures	<p><u>O que é:</u> Você emprestará o seu dinheiro para empresas privadas que utilizarão esses recursos em projetos da empresa.</p> <p><u>Aporte:</u> Depende da empresa emissora, porém o mais comum é que o investimento seja superior a R\$1.000,00.</p> <p><u>Rendimento:</u> Geralmente o valor atrelado ao CDI acrescido de uma taxa de <i>spread</i>²⁷, definido pela instituição emissora.</p> <p><u>Prazo de investimento:</u> Geralmente as aplicações são de médio a longo prazo, durando 2 anos, no mínimo.</p> <p><u>Resgate:</u> O resgate acontece no término do prazo do título, existindo a possibilidade de negociar o título no mercado secundário antes do prazo de vencimento.</p> <p><u>Imposto:</u> Isentas de imposto.</p> <p><u>Garantia:</u> Tais títulos não possuem garantia do Fundo Garantidor de Crédito, dependendo da saúde financeira da empresa.</p>
Letra de Crédito Imobiliário (LCI) e Letra de Crédito do Agronegócio (LCA)	<p><u>O que é:</u> Você emprestará o seu dinheiro para que uma instituição financeira empreste para atividades do setor imobiliário (LCI) ou para o agronegócio (LCA).</p> <p><u>Aporte:</u> É possível encontrar instituições com investimento mínimo de R\$500,00.</p> <p><u>Rendimento:</u> Geralmente estão ligeiramente superiores ao CDI.</p>

²⁶ O FGC é uma entidade brasileira sem fins lucrativos, responsável por garantir maior segurança ao mercado financeiro, podendo ser acionada para honrar títulos emitidos por instituições financeiras, conforme as regras e limites do fundo.

²⁷ Diferença entre o valor de compra e venda de um ativo.

	<p><u>Prazo de investimento:</u> Depende da instituição que oferta o título, mas, em geral, possuem prazos de 2 anos.</p> <p><u>Resgate:</u> Existe títulos com data fixa para o resgate e com liquidez diária com prazo mínimo de 90 dias para o resgate.</p> <p><u>Imposto:</u> Isentas de imposto de renda (IR). Caso o resgate seja realizado antes de 30 dias é cobrado o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF).</p> <p><u>Garantia:</u> Os recursos investidos possuem garantia do Fundo Garantidor de Crédito (FGC).</p>
Fundo de renda fixa	<p><u>O que é:</u> Você colocará o seu dinheiro para que um especialista (o gestor) ou por uma instituição, em conjunto com outros investidores, aplique em produtos de renda fixa com um volume maior de recursos.</p> <p><u>Aporte:</u> É possível encontrar instituições com investimento mínimo de R\$100,00.</p> <p><u>Rendimento:</u> Pode variar dependem das políticas de cada fundo.</p> <p><u>Prazo de investimento:</u> Depende do fundo.</p> <p><u>Resgate:</u> Depende do fundo, em geral, 30 dias úteis após a solicitação.</p> <p><u>Imposto:</u> A alíquota do Imposto de Renda (IR) varia conforme prazo de aplicação. Caso o resgate seja realizado antes de 30 dias é cobrado o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF).</p> <p><u>Taxa de Administração:</u> Depende do fundo, pode variar de 0,2% até 3% ao ano, por conta da concorrência essa taxa tem sido reduzida.</p> <p><u>Performance:</u> Valor pago à equipe de gestão do fundo no caso de os resultados ficarem melhores que o esperado.</p>

	<u>Garantia:</u> Não possui garantia.
Tesouro direto	<p><u>O que é:</u> Você emprestará o seu dinheiro para o Governo Federal.</p> <p><u>Aporte:</u> Investimento mínimo de aproximadamente R\$30,00.</p> <p><u>Rendimento:</u> Os títulos podem ser pré-fixados²⁸, atrelados à SELIC ou ao Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA)²⁹.</p> <p><u>Prazo de investimento:</u> Depende do título escolhido. Existem títulos com vencimento de 2 até 35 anos, existindo a possibilidade de negociar o título no mercado secundário antes do prazo de vencimento.</p> <p><u>Imposto:</u> A instituição financeira desconta do rendimento o valor devido de imposto de renda. A alíquota do imposto de renda varia conforme prazo de aplicação. Caso o resgate seja realizado antes de 30 dias é cobrado o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF).</p> <p><u>Garantia:</u> Garantidos pelo Estado Brasileiro, extremamente seguros.</p>

OBS: Algumas características dos produtos financeiros variam de acordo com a instituição financeira ofertante.

É nesse momento que surge uma angústia, são muitos detalhes, regras, prazos. Não se preocupe! Da mesma forma que você aprendeu a comprar, você irá aprender a investir. Depois que você tiver uma noção geral sobre as possibilidades, pesquise especificamente sobre o produto financeiro que combina mais com os seus objetivos, perfil e realidade financeira.

Para caso do intercâmbio, achei que todas as opções, exceto as debentures, são

²⁸ São título que têm taxa de juros fixa, ou seja, você já conhece no momento do investimento.

²⁹ É o índice oficial que mede a taxa de inflação do Brasil.

interessantes. Então resolvi simular o rendimento do CDB, LCI/LCA, Fundo de Renda Fixa e o Tesouro Direto. Para isso, entrei no site: <https://www.tesourodireto.com.br/titulos/precos-e-taxas.htm> . Escolhi o título TESOURO IPCA+ 2026 com vencimento em 15/08/2026 (totalizando aproximadamente 56 meses), informei que realizaria aportes mensais de R\$100,00 e cheguei ao resultado seguinte:

Data	15/08/2026
Tesouro	R\$ 6.970,89
LCI/LCA	R\$ 6.463,00
Poupança	R\$ 6.418,64
Fundo DI	R\$ 6.577,56
CDB	R\$ 6.554,65

Simulação realizada em 29/11/2021.

Ao invés de deixar o dinheiro poupado todo mês na conta, o que totalizaria R\$5.600,00 (56 parcelas de R\$ 100,00), vou investir o dinheiro no TESOURO IPCA+ 2026 para fazer o intercâmbio e chegarei no dia da viagem com R\$ 6.970,89. Essa diferença de R\$ 1370,89 (R\$ 6.970,89 – R\$ 5.600,00) corresponde ao rendimento do investimento. Viu como é simples! Lembre-se: “Investir em conhecimento rende sempre os melhores juros!”

Promoção! Off! Sale!

Essas são exemplos de expressões utilizadas para chamar a nossa atenção para o consumo. Será que aproveitar a promoção é sempre uma boa? Vamos falar sobre consumo!

Desde o homem primitivo, o consumo de recursos para a alimentação, proteção e, posteriormente, para a produção de utensílios e ferramentas foi um fator preponderante para a sobrevivência. Já na sociedade moderna, as empresas articulam diversos recursos (recursos naturais, pessoas, tecnologia) para produzir produtos e serviços que serão comercializados. Contudo, entre as décadas de 1950 e 1960, o consumo torna-se um importante elemento para o estabelecimento de relações humanas e identificação do status social. Sabe aquele estilo de roupa que você e seus colegas gostam de usar ou que você tem ou pensa em comprar porque achou legal? É isso! O consumo ultrapassou a função da sobrevivência tornando-se uma forma de representação e demarcação do status social.

Para fortalecer esse movimento, as empresas realizam pesquisas a todo momento com o objetivo de compreender o comportamento do consumidor e identificar os processos individuais ou coletivos para estabelecer uma estratégia que estimule o desfazimento de produtos obsoletos e encoraje o consumo de novos produtos em crianças, jovens, adultos e idosos. Cria-se uma visão de que para alcançar a felicidade é preciso satisfazer os desejos consumo, mesmo que por intermédio do endividamento. Eita marketing poderoso!

Mas sabe qual é o problema disso? Muitas pessoas diante dos apelos dessa sociedade de consumidores e de estratégias empresariais, consomem sem compreender os problemas decorrentes da falta de gestão financeira. O consumo excessivo tem levado muitos indivíduos a contraírem dívidas acima de sua capacidade financeira, transformando-os em inadimplentes.

Contudo, ao se tornar inadimplente, passamos a pagar multas, juros, taxas para agentes do mercado financeiro. Sabe o que isso significa? Que você trabalhará para remunerar as instituições que lhe deram o crédito que você “precisava”. Em casos extremos, o consumo implica na perda da capacidade de consumir até os itens indispensáveis a manutenção da vida

Sabemos o tanto que o consumir é importante para as nossas vidas, mas precisamos aprimorar a nossa avaliação de quando e como devemos consumir. Refletir sobre o seu processo de consumo é importante para que você seja capaz de alterar o seu comportamento

no futuro. Afinal, não podemos ser felizes só consumindo, né? Será que passar parte do seu salário para pagar juros, multas e taxas é uma atitude sustentável?

Ah! Mas será que isso afeta muitas pessoas? Segundo a pesquisa de novembro de 2021 sobre endividamento da Confederação Nacional do Comércio (CNC)³⁰, 74,6% das famílias brasileiras estão com dívidas (endividadas), sendo este o maior patamar da série de pesquisas. O percentual de famílias com dívidas em atraso (inadimplentes) chega a 25,6% das famílias e 10,1% das famílias não terão condições de pagar as dívidas. Além disso, as famílias possuem, em média 30% da renda comprometida com dívidas.

E você sabe qual o produto financeiro que mais te ajuda a ficar endividado? É o famoso cartão de crédito, aquele que o banco te oferece com limite acima da sua capacidade financeira e que te permite pagar apenas uma parte do valor total e utilizar o crédito rotativo que, na média, está em 359,28% ao ano³¹. Ou seja, uma dívida não quitada de R\$ 1.000,00 no começo de janeiro se transformará em uma dívida de R\$ 3.592,80 em dezembro (isso se a instituição que você pegou o dinheiro estiver cobrando a média da taxa do rotativo), mas existe instituição que cobra 883,34% ao ano. Ou seja, aquela dívida de R\$ 1.000,00 em janeiro se transformará em R\$ 8.833,40 em dezembro.

Falando em consumo, aproveitou a Black Friday para consumir aquele produto da propaganda que agora está pela metade do dobro do preço? Ficou com medo de perder o “é agora ou nunca!” Caso tenha comprado, espero que você tenha planejado, avaliando pelo menos: 1. Se você precisava daquele produto; 2. Se aquele valor estava dentro do seu orçamento; 3. Se o preço do produto para comprar naquele momento estava realmente vantajoso.

Lembre-se “se você não comprar nada, o desconto é maior”

(Julius - Todo mundo odeia o Chris).

³⁰ Matéria disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-11/cnc-endividamento-das-familias-atinge-maior-patamar-em-quase-12-anos>

³¹ Consulta realizada no site do banco central do brasil:

<https://www.bcb.gov.br/estatisticas/reportxjuros?parametros=tipopessoa:1;modalidade:202;encargo:101>

Isso dá muito trabalho!

Geralmente essa é a resposta para a pergunta: você acompanha as suas finanças? A Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) apresentaram o resultado de uma pesquisa realizada em todas as capitais do Brasil indicando que 61% dos participantes têm pouco conhecimento sobre a própria renda, 45% reconhecem saber pouco ou quase nada sobre o valor das contas básicas e 36% não planejam o orçamento mensal.

Parece estranho, afinal estamos inseridos em um sistema econômico fundamentado no dinheiro e no crédito, e por conta disso, finanças pessoais³² deveria ser hábito comum e um conhecimento amplamente discutido. O dinheiro é utilizado como unidade de troca para o consumo de bens e serviços necessários à existência humana, participando de diversos momentos do nosso cotidiano e sendo um importante componente da vida social. Contudo, falar e aprender sobre a gestão do dinheiro não é algo comum para a maioria da população. Fico feliz que você esteja aqui!

No Brasil, os estudos sobre finanças pessoais tornaram-se mais oportunos somente após adoção de medidas de controle da inflação que aconteceu com a implantação do Plano Real em 1994. Afinal numa economia colapsada pelo aumento generalizado dos níveis de preços, qualquer tentativa de planejamento mostrava-se infrutífera, não fazendo sentido realizar planejamentos de médio ou longo prazo. Assim, o passado de alta inflação é um dos possíveis motivos pelo atraso na preocupação com o aprendizado sobre finanças pessoais no Brasil.

Contudo, compreender que decisões relacionadas à gestão dos recursos financeiros irão impactar diversos aspectos da sua vida é fundamental para a mudança de comportamento. Estudiosos da área afirmam que a ausência de uma estratégia financeira que considere o curto, médio e longo prazo e a falta de uma administração financeira efetiva são terrenos férteis para o surgimento do endividamento excessivo e da inadimplência.

Mas como posso desenvolver essas estratégias? Uma forma eficiente de resolver esse problema é a elaboração sistemática de um planejamento financeiro. Os planejamentos são utilizados para orientar e aproximar suas decisões dos seus objetivos, reduzindo eventuais

³² Finanças pessoais estuda como os conceitos de finanças podem ser aplicados nas decisões do cotidiano, considerando a realidade de cada indivíduo ou família.

riscos. O planejamento financeiro possibilita prever a situação financeira no futuro e, com isso, facilita a tomada de decisão no presente de acordo com os objetivos estabelecidos, incluindo a programação de orçamento³³, racionalização de gastos e otimização de investimentos. Ou seja, o processo de elaboração do planejamento financeiro favorece o desenvolvimento de um comportamento responsável, melhorando a situação financeira e evitando problemas futuros.

Esse momento de elaboração do planejamento impacta nosso comportamento financeiro. Afinal, durante o processo de identificação das despesas, acabamos por fazer de forma incondicionada uma série de reflexões sobre nossos hábitos de consumo, o que torna o processo não apenas uma questão de números. A elaboração do planejamento financeiro possibilita uma compreensão mais fidedigna da realidade e hábitos de consumo, facilitando a visualização de desperdícios e viabilizando a elaboração de estratégias compatíveis com os objetivos em consonância com os recursos e tempo necessários para atingi-los, possibilitando a implementação de mecanismos de controle.

Tá, mais como faço esse planejamento financeiro? O primeiro passo é pensar e discutir com a família sobre os desejos e prioridades que serão traduzidos em objetivos. Após, é preciso refletir sobre quatro tipos de decisões financeiras: 1. decisões de consumo e economia; 2. decisões de investimentos; 3. decisões de financiamento e 4. decisões de administração de risco.

1ª parte do planejamento financeiro: As decisões de consumo e economia dizem respeito aos valores que você destinará ao consumo e o que você irá poupar mensalmente. Comece listando os valores das decisões de consumo:

- Despesas fixas (aquelas que não costumam variar). Ex: aluguel, financiamento, condomínio, plano de assinatura de TV/Internet, academia, mensalidade da escola;
- Despesas semivariáveis (aquela que variam dentro de uma certa margem). Ex. Conta de luz, água, telefone, alimentação;
- Despesas variáveis (aquelas que variam muito dependendo das suas decisões). Ex. vestuário, presentes, viagens, diversão.

³³ Orçamento é um plano geral que apresenta as operações de entrada e saída de dinheiro e possibilita comparações entre o planejado e o executado. Além disso, apresenta uma visão de longo prazo da situação financeira com objetivo de refletir sobre situações antes do momento da decisão de consumo ou investimento e estabelece um padrão que permita implementar estratégias de controle.

Depois passe para a decisão de economia (poupar):

Geralmente, a decisão de poupar representa um percentual da receita familiar, considerando os objetivos da família. Ex. Caso meu objetivo seja fazer um intercâmbio que custa R\$12.000,00 daqui a cinco anos, e recebo líquido R\$2.000,00 por mês, pouparei de 10% do meu salário mensal para realizar o objetivo (R\$ 200,00 x 60 meses = R\$ 12.000).

2ª parte do planejamento financeiro: As decisões de investimento dizem respeito ao que será realizado com os recursos poupados. Nesse momento você poderá buscar formas de proteger o dinheiro poupado da inflação³⁴ e, se possível, obter rendimentos por meio de aplicação em renda fixa ou variável.

3ª parte do planejamento financeiro: As decisões de financiamento dizem respeito às questões relacionadas aos recursos obtidos por meio de empréstimos e financiamentos. Ex. Antes de adquirir uma casa financiada, é importante verificar as condições desse financiamento, prazos, taxas e o impacto desse financiamento nas suas despesas fixas.

4ª parte do planejamento financeiro: As decisões de administração de risco dizem respeito às formas pelas quais você irá transferir ou reduzir os impactos de imprevistos. Ex. Uma forma de minimizar os impactos decorrentes de uma situação não prevista é constituição uma reserva de emergência³⁵.

Diante do detalhamento completo das despesas mensais, basta confrontar com as receitas. Caso o valor das despesas seja superior ao das receitas, busque dentro das suas despesas o que pode ser reduzido ou cortado de forma a equilibrar o orçamento. Viu como é fácil? Ficar endividado pagando juros, não dá trabalho, leva o seu salário!

34 Segundo o IBGE, inflação é o nome dado ao aumento dos preços de produtos e serviços de forma generalizada. Ela é calculada pelos índices de preços, comumente chamados de índices de inflação.

35 Reserva de emergência é um valor guardado para qualquer eventualidade que possa surgir como desemprego, despesa médica não prevista ou um reparo na casa.

A maioria perde...

Pode acreditar! Quando se fala em investimentos de renda variável, não acredite em ganhos extraordinários ou em retorno garantido. Os investimentos em renda variável implicam em maiores riscos ao investidor, demandando, assim, maior compreensão sobre as características do tipo de investimento escolhido e os riscos inerentes ao mercado. Afinal, o dinheiro poupado pode variar positivamente ou negativamente! Ou seja, pode acontecer de o investimento se tornar um prejuízo!

Os investimentos em produtos financeiros de renda variável são aqueles no qual a remuneração ou retorno do valor aplicado não pode ser estimado no momento da aplicação, variando ao longo do tempo. Dentre os principais produtos financeiros de renda variável disponíveis, tem os (as): fundos imobiliários (FIIs), ações, Exchange Traded Funds (ETFs) e Brazilian Depositary Receipt (BDRs).

Fundos imobiliários (FIIs)	Ao investir em um fundo imobiliário, você se juntará a outros investidores que aplicam em conjunto no mercado imobiliário (um grupo). Geralmente o dinheiro é utilizado para adquirir, construir, reformar ou ampliar imóveis que serão arrendados ou alugados. Os ganhos decorrentes dessas operações são divididos proporcionalmente entre os participantes (cotistas). Assim, os rendimentos são distribuídos mensalmente (como se fosse um aluguel). Além disso, os FIIs são negociados na bolsa de valores o que faz com que o preço de compra e/ou venda se modifique, possibilitando a valorização ou desvalorização do preço a depender do momento da negociação.
Ações	Ao investir em ações, você terá a menor parcela do capital ³⁶ de uma empresa. Quem compra ações esperar vender essa ação no futuro por um preço maior e por se tornar sócio da

³⁶ O capital é o conjunto de recursos postos à disposição da empresa, seja por terceiros ou por proprietários.

	empresa, recebe proporcionalmente parte dos lucros que a empresa obtém do desenvolvimento de suas atividades, chamados de dividendos.
Exchange Traded Funds (ETFs)	Ao investir em ETFs, você comprará cotas de um fundo que representa índices financeiros, ou seja, um conjunto de ações com algum atributo comum. Assim, você poderá constituir uma “carteira” ³⁷ por meio de um título que espelha referências do mercado. Ex. O ticker ³⁸ BOVA11 é uma ETF que espelha o IBOV, índice que representa uma cesta de ações negociadas na bolsa de valores de São Paulo (B3).
Brazilian Depositary Receipt (BDR)	Ao investir em BDR, você terá um título de depósito representa ações de uma determinada empresa, listadas em bolsa de valores de outros países, operando do Brasil. Quem compra ações se torna sócio da empresa, por isso, caso a empresa faça a distribuição de parte dos lucros, você receberá os dividendos. Ex. O ticker COCA34 representa a ação de uma empresa americana que é negociada na bolsa de valores de São Paulo (B3). Será que você sabe qual é? Não é uma droga ilícita! É aquela bebida gaseificada.

Esses produtos financeiros são negociados na bolsa de valores de São Paulo [B3]³⁹. Assim, a B3 oferece um ambiente físico e tecnológico onde compradores e vendedores podem negociar título de valores mobiliários⁴⁰. Contudo, para operar nesse mercado, você precisará possuir uma conta em uma corretora de valores mobiliários. Tais corretoras disponibilizam a plataforma⁴¹ onde você poderá acessar o mercado (diversos bancos possuem suas corretoras

³⁷ É o conjunto de pedaços de empresas (ações) que são escolhidas conforme determinados critérios para buscar uma boa rentabilidade, utilizando-se do princípio da diversificação de investimentos.

³⁸ Código usado na bolsa de valores para identificar e negociar um determinado ativo.

³⁹ A bolsa de valores de São Paulo é uma empresa autorizada pela Comissão de Valores Imobiliários (CVM) do Brasil.

⁴⁰ Comprovante de propriedade ou de crédito negociados diariamente no mercado financeiro.

⁴¹ Essa plataforma possibilita aos usuários acessarem o pregão eletrônico no mercado de capitais da

de valores imobiliários). Não é complicado! É um processo similar ao abrir uma conta em banco.

De forma geral, existem 3 estratégias principais de investimentos na bolsa de valores, sendo: 1. Day-Trade: Estratégia de curto prazo em que a compra e venda do ativo acontece no mesmo dia; 2. Swing-trade: Estratégia onde você não vende no mesmo dia, você “dorme” com o ativo, mantendo na sua carteira por um período de curto a médio prazo (Ex. 2 dias, 2 semanas, 2 meses); 3. By and holder: Estratégia de longo prazo em que você compra o ativo e permanece com ele por anos, décadas. Nas estratégias de day-trade e swing-trade, geralmente os traders⁴² utilizam-se de análise técnica⁴³ para encontrar os melhores pontos de compra e venda dos ativos. Por outro lado, na estratégia by and holder, geralmente os investidores realizam análises fundamentalistas⁴⁴. Independente da estratégia utilizada, grosso modo, busca-se obter um preço de venda superior ao preço de compra.

Vamos ver como funciona o investimento em ações na prática? Supondo que você, conhecendo o seu perfil, objetivos financeiros e os riscos envolvidos, resolveu investir os R\$ 4.000,00 que você poupou durante o ano. Depois de pesquisar bastante, resolveu realizar 2 operações de swing-trade em mercados distintos para diversificar e escolheu aplicar em ações da Petrobras (setor de petróleo) e da Magazine Luiza (setor varejista). Assim, por volta das 12:00 do dia 01/11/2021, você comprou um lote⁴⁵ de PETR4 (Ticker da Petrobrás) que estava sendo negociado por R\$2.550,00 e um lote de ações MGLU3 (Ticker da Magazine Luiza) por R\$1.135,00. Após um mês, por volta das 16:00 do dia 02/12/2021, você foi verificar a cotação das ações e descobriu que o seu lote de PETR4 estava sendo negociado por R\$ 2.930,00. Bom né? Contudo, nesse mesmo dia o lote de MGL3 estava sendo negociado por R\$ 650,00. Humm! Fez as contas você descobriu que no lote de PETR4 o lucro no caso da venda seria de R\$ 380,00, o que corresponderia a um rendimento de 14,90% do valor investido na ação. Por outro lado, no lote de MGLU3 o prejuízo naquele momento seria de R\$485,00 reais, ou 57,27% do valor investido na ação (nos cálculos não foram contabilizado as taxas e eventuais impostos devidos). Assim, ao analisar a sua carteira de ações, naquele momento, caso desejasse vender as ações, o prejuízo seria de R\$ 105,00, ou 2,85% do valor investido em um mês. E agora, o que fazer? Espera-se que, ao pesquisar sobre as

bolsa de valores, comumente chamado de home broker.

⁴² Aquela pessoa que trabalha com operações de compra e venda de ativos.

⁴³ Análise gráfica é um conjunto de ferramentas utilizada para analisar o preço de ativos financeiros (principalmente ações de boa liquidez) com o passar do tempo.

⁴⁴ Análise fundamentalista consiste na avaliação de uma empresa de acordo com sua situação financeira, mercadológica e até mesmo política.

⁴⁵ Um lote de ações corresponde a 100 ações. Você também pode comprar uma única ação no mercado fracionário.

possibilidades de investimento, você tenha elaborado um plano sobre o que fazer nos casos de queda no valor das ações. Tem investidor que prefere nesse momento vender, tem investidor que prefere aguardar sem comprar ou vender, e tem investidor que considera que a queda no preço como uma oportunidade para comprar mais ações, tudo depende da sua estratégia...

Assim, é importante compreender que os investimentos em renda variável por apresentarem mais riscos, podem oferecer um retorno superior aos investimentos em renda fixa. Contudo, é importante considerar o seu perfil, objetivos e o conhecimento sobre o mercado para evitar que um processo de valorização do dinheiro poupado se transforme em perdas irrecuperáveis.

Você tem se comportado financeiramente de forma adequada?

A área de finanças estuda as decisões que envolvem a obtenção, guarda, utilização e aplicação do dinheiro. Então, ao aprender os conceitos sobre gestão financeira, não terei problemas, certo? Nem sempre! Possuir o conhecimento sobre finanças é um fator importante. Contudo, as decisões financeiras envolvem aspectos que ultrapassam a questão do conhecimento. É isso que os estudos sobre finanças comportamentais estão mostrando.

A teoria econômica tradicional fundamenta-se na premissa de que as pessoas agem sempre de forma racional com o objetivo de aumentar os seus ganhos. Contudo, segundo a perspectiva comportamental da economia, possuímos uma racionalidade limitada e, por conta disso, nossas decisões são influenciadas por aspectos sociais, psicológicos e econômicos.

Assim, o comportamento financeiro decorre do processo cognitivo que articula as crenças que construímos ao longo da vida e que estarão a todo momento moldando a nossa percepção da realidade. Ao nos depararmos com uma situação que nos exija decidir financeiramente sobre algo, captamos as informações do ambiente e articulamos com as informações reunidas na nossa história o que resulta num comportamento específico.

Contudo, interpretações distorcidas ou erros no processamento das informações podem resultar em um comportamento financeiro que nos deixe vulnerável ou nos causem danos de forma recorrente como, por exemplo, no caso de compras por impulso ou utilização do crédito de forma não planejada. Contudo, esses comportamentos disfuncionais podem ser modificados. A psicologia possui modelos teóricos que oferecem um importante aparato conceitual e técnico para que possamos refletir sobre o consumo e o uso do dinheiro. Um desses modelos é a teoria cognitivo-comportamental (TCC).

A teoria cognitivo-comportamental, em consonância com outros modelos, tem nas crenças seu elemento central de análise. As crenças podem ser entendidas como a compreensão mais elementar que temos sobre nós mesmos, a respeito dos outros, com relação ao mundo e ao futuro. Nessa perspectiva, as crenças seriam o principal motivo do porquê pensamos de formas diferentes sobre uma mesma situação. As crenças são as lentes pelas quais enxergamos os acontecimentos.

Dependendo das lentes, a percepção muda, o que influencia o processamento das informações, alterações nas emoções e, conseqüentemente, no comportamento. Ao compreender que nossas crenças influenciam nosso comportamento, torna-se possível uma modificação dos comportamentos pela via da reestruturação do sistema de crenças. As

crenças são um fator decisivo no comportamento financeiro, uma vez que as atitudes financeiras de um indivíduo são estabelecidas com base em suas crenças econômicas e não econômicas

A formação da consciência (do sistema de crenças), bem como a modificação das crenças, são fundadas em um processo fundamentalmente educativo. Para modificar suas crenças, a pessoa precisa identificá-las, compreender o modo como elas influenciam seu funcionamento, dispor-se a questioná-las e a desenvolver novas compreensões da realidade.

O indivíduo detentor de conhecimento financeiro e que sabe avaliar bem as consequências de cada escolha no uso do dinheiro pode aprender a se comportar de modo mais responsável, evitando o endividamento e as armadilhas próprias de um ambiente cultural consumista.

Vamos pensar como isso funciona na prática? Após começar a estudar sobre educação financeira você decidiu estabelecer o objetivo de constituir uma poupança para uma eventual emergência. Em que pese a sua percepção sobre a importância de poupar para fazer a reserva, após 2 meses, você ainda não tinha nenhum real guardado. Você possui o conhecimento sobre a importância de ter uma reserva, mas seu comportamento permanece o mesmo e, por conta disso, não poupou nada.

Contudo, sabendo que para alcançar seu objetivo será necessário modificar o seu comportamento, você começa a refletir sobre o que tem feito você não poupar o necessário e descobre que você tem um comportamento que te atrapalha bastante: a compra por impulso de produtos que você mesmo já avaliou que muitas vezes não são necessários e os preços estavam superiores caso a compra passasse a ser planejada.

Então, você começou a pensar por que você faz essas compras por impulso e descobriu que você acredita que: 1. comprar é um prêmio; 2. vai compensar alguma coisa; 3. está diante de uma oportunidade única; 4. que você trabalha para poder comprar o que deseja. Assim, sempre que precisar decidir se comprará algo, de forma inconsciente, você pensará dessa forma e, muito provavelmente, irá realizar a compra. A não ser que você trace estratégias de forma a flexibilizar as suas crenças e evitar o comportamento disfuncional.

Por exemplo, você decidiu: criar uma lista de produtos que precisa e estabelecer um valor máximo de gasto por atividade. Dessa forma, caso pense em realizar a compra, ao utilizar as estratégias definidas, torna-se possível, evitar o comportamento de compra por impulso. Será que tais estratégias funcionam? Comigo sim! Sempre que vou ao supermercado

com a lista de compras elaborada, compro o que preciso, faço uma compra mais saudável e evito gastos desnecessários!

APÊNDICE E: Convite para avaliação do produto educacional.

Agradecimento pela participação e convite

Caixa de entrada



Marcos Antônio Andrade da Costa

19:50 (há 0
minuto)

Prezado Aluno (a),

Inicialmente, informo que, graças à colaboração dos servidores do IFB e da participação de 83 alunos dos cursos subsequentes do Campus São Sebastião, foi possível concluir a pesquisa sobre educação financeira. Muito obrigado!

Diante dos resultados, foi possível produzir notícias relacionadas aos conteúdos que tiveram maior incidência de erro na pesquisa. Dessa forma, gostaria de te convidar a acessar o site www.educacaofinanceira.site para aprender um pouco mais sobre finanças pessoais. Além disso, ao final de cada notícia é possível avaliar o site e a pertinência dos textos elaborados. Participe!

--

Marcos Antônio Andrade da Costa

Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - Área Gestão



APÊNDICE F: Dados da avaliação do produto educacional.

1. Essa foi a primeira vez que visitou o site?	2. Você achou o conteúdo que esperava?	3. É fácil encontrar as informações no site?	4. Qual a sua impressão global sobre o site?	5. Você considera o site como uma fonte para o desenvolvimento de competências financeiras?
Sim	Sim, uma parte	Fácil	De acordo com as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Fácil	De acordo com as expectativas	Sim
Sim	Sim, uma parte	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, uma parte	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Fácil	De acordo com as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Um pouco fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, uma parte	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, uma parte	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Sim	Sim, tudo	Muito fácil	De acordo com as expectativas	Sim

Não	Sim, tudo	Muito fácil	De acordo com as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	De acordo com as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Fácil	De acordo com as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	De acordo com as expectativas	Sim
Não	Sim, uma parte	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	De acordo com as expectativas	Sim
Não	Sim, tudo	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim
Não	Sim, uma parte	Muito fácil	Supera as expectativas	Sim

APÊNDICE G: Termo de anuência da instituição coparticipante.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Brasília, 08 de setembro de 2020.

Ao: Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – CEP/IFG

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Robson Caldas de Oliveira, Diretor(a)-Geral do Campus São Sebastião, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, venho por meio desta informar a V. Sa. que autorizo o(a) pesquisador(a) Marcos Antônio Andrade da Costa, aluno(a) do curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a realizar/desenvolver a pesquisa intitulada " Educação financeira na formação profissional e tecnológica: uma proposta para o ensino técnico subsequente", sob a orientação do Prof. Dr. Timóteo Madaleno Vieira.

Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS nº 466/2012. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

O pesquisador responsável e os demais participantes declaram estar cientes das normas que envolvem pesquisas com seres humanos, em especial a Resolução CNS nº 466/2012 e que a parte referente à coleta de dados somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte desse Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – CEP/IFG.

ROBSON CALDAS DE OLIVEIRA

Diretor Geral do Campus São Sebastião Portaria IFB nº 548, de 06 de maio de 2019

Documento assinado eletronicamente por:

- **Robson Caldas de Oliveira, DIRETOR GERAL - CD2 - DGSS**, em 07/09/2020
20:09:39.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 07/09/2020. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 158833**Código de Autenticação:** f5b0dc957b

Campus São Sebastião Área Especial 2, S/N, São Bartolomeu, SAO SEBASTIAO / DF,
CEP 71.697-040